

ANTÓNIA MONTEIRO PEREIRA

PEDAGOGIA DE SANTO HENRIQUE DE OSSÓ:
Prática, teoria e fundamentos

*Dissertação de Mestrado em Educação,
área de especialização de Filosofia de Educação,*

*Orientador:
Prof. Doutor José Carlos de Oliveira Casulo*

*Apresentada na Universidade do Minho
em 2001*

Dedico este trabalho

À Companhia de Santa Teresa de Jesus
e a todas as Irmãs Teresianas
que partilham o mesmo ideal
e carisma da paixão de educar;

Aos meus Familiares e Amigos
que me abriram os caminhos
de entrega e serviço aos outros;

A todos os Catequistas e Educadores
que, na estreia do Mestre,
se empenham em despertar as gerações
do novo milénio
para o Bem, a Verdade e o Amor.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, tendo por título *PEDAGOGIA DE SANTO HENRIQUE DE OSSÓ: PRÁTICA, TEORIA E FUNDAMENTOS*, insere-se num contexto de formação pessoal e no de contribuir, ainda que modestamente para o estudo da Educação Católica, mais concretamente do modelo da Escola Teresiana. Com efeito, foi nosso objectivo, ao propormo-nos estudar o fundador da Congregação à qual pertencemos, identificar em primeiro lugar a sua obra e, a partir dela, indagar sobre a formação recebida na meninice e juventude, conhecer o seu perfil pedagógico, analisar a sua pedagogia da educação infantil, sobretudo nas vertentes da Educação pré-escolar do ensino elementar e da Catequese, para finalmente conhecer o Ideário que fundamenta as referidas concepções sobre Educação.

Neste sentido, o trabalho que agora se apresenta, encontra-se organizado de acordo com os objectivos traçados, sendo constituído por uma *Introdução*, onde se explica formalmente toda a estrutura do trabalho e por três grandes capítulos seguidos da *Conclusão* e respectiva *Bibliografia*.

No primeiro capítulo, *Perfil Pedagógico de Santo Henrique de Ossó*, procuramos conhecer a faceta de pedagogo de Henrique de Ossó, através da formação recebida e da actividade exercida na sua vida adulta.

No que concerne ao segundo capítulo, *Pedagogia da Educação Infantil*, depois de delimitarmos os educadores da criança, entramos no aprofundamento da educação infantil na catequese, na escola de Infância e no ensino transmitido na Escola de Santa Teresa de Jesus. O entendimento global de educação e mais especificamente da educação infantil leva-nos a questionar-nos sobre os fundamentos filosóficos que terão estado na origem do seu agir pedagógico. Entramos assim, no terceiro capítulo do nosso trabalho que intitulamos de *Concepções Fundamentadoras*.

Após a *Conclusão*, apresenta-se a *Bibliografia*, com obras de e sobre o autor e outras de referência científica e metodológica.

INTRODUÇÃO

1. O tema

No momento de ter de optar pela escolha de um tema de tese, decidimo-nos por tentar encontrar um autor que fosse enquadrável no campo do pensamento educacional. Assim, satisfazendo também os nossos interesses, surgiu-nos a opção por Henrique de Ossó, pedagogo espanhol da segunda metade do século XIX. E porquê? Porque pertencemos à Companhia de Santa Teresa de Jesus - congregação religiosa feminina que este pedagogo fundou no ano de 1876, e dele bebemos, através do seu carisma, o grande amor ao ensino e à educação da infância, sobretudo, e, complementarmente, da juventude. Por isso mesmo, como é óbvio, temos um especial interesse em investigar e conhecer melhor as suas ideias sobre a educação da infância.

Pensámos, também, que o facto de o autor escolhido ser pouco conhecido em Portugal, era mais um motivo para optar por este trabalho de investigação. Com efeito, se a Igreja Católica, na pessoa do Papa João Paulo II, o apresentou ao mundo como um educador e pedagogo santo em 1993, a sua relevância para a população de matriz religiosa católica passou a ser de carácter universal, pelo que julgámos de todo o interesse que, em Portugal, país de referência cultural católica, ele fosse estudado.

A juntar a tudo isto, considerámos ainda a eventual mais valia que este meu trabalho pode aportar à Escola Teresiana, talvez até a outras instituições devotadas ao ensino e à educação, visto ser um trabalho que estuda a pedagogia de Sto. Henrique de Ossó, quer na sua vertente prática, quer na teórica no que concerne à educação infantil, quer, ainda, nos seus fundamentos. Daqui, aliás, a opção pelo título que conferimos à dissertação, na qual, convém explicá-lo, tomámos o termo pedagogia na sua raiz etimológica mais genuína.

2. Objectivos

Feita a opção e confirmada institucionalmente, pela Universidade do Minho, a possibilidade da sua realização, deparámo-nos com várias questões sobre aquilo que, no âmbito da educação, se poderia investigar em Henrique de Ossó. Partimos do conhecimento que já possuíamos da sua obra escrita, sobretudo das duas principais em matéria de educação: *O guia prático do catequista e Os apontamentos de pedagogia teresiana*. Possuíamos, também dados importantes sobre a sua vida de apóstolo, sacerdote e educador nato que se distinguiu no campo da catequese e do ensino e que, desde cedo, fora grande admirador da doutrina e vida de Santa Teresa de Jesus, de quem recebeu o espírito contemplativo. Sabíamos que tinha sido escritor, periodista e fundador de associações católicas e da Companhia de Santa Teresa de Jesus e que, enfim, se tratava de uma figura multifacetada, revelando uma vontade forte de ajudar a renovar a Igreja e a sociedade por uma grande aposta na educação das crianças. Mas não sabíamos, com suficiente e rigorosa profundidade, as propostas de educação infantil que defendeu, sobre que aspectos dessa educação reflectiu e como fundamentou filosoficamente essa reflexão, se a fundamentou.

Tendo isto em conta, podemos dizer, então, que o grande e mais geral objectivo deste trabalho é a investigação da educação infantil em Henrique de Ossó, investigação essa que aponta para os seguintes três objectivos específicos: 1º - investigar a formação

recebida pelo autor, sobretudo na meninice e na juventude, a fim de se perceber a gestação da sua faceta de pedagogo; 2º - pôr em relevo as suas ideias sobre a educação infantil, sobretudo nas vertentes daquilo a que hoje chamaríamos educação pré-escolar, do ensino escolar e da catequese da infância; 3º - pesquisar o ideário que fundamenta as referidas ideias sobre educação.

3. Articulação do trabalho

O trabalho, atendendo aos objectivos específicos que acabámos de enunciar, vai articular-se em três capítulos.

No primeiro capítulo, vamos procurar encontrar o perfil pedagógico de Henrique de Ossó, investigar o seu percurso escolar, a sua oscilação entre a vida de aprendiz de comerciante na Catalunha e a decisão radical pela sua vocação de sacerdote-educador multifacetado, como o demonstrou nas actividades de professor, catequista, pregador, periodista e formador religioso de seminaristas e catequistas, dos jovens, rapazes e raparigas, das crianças, dos homens e das religiosas da Companhia de Santa Teresa de Jesus.

No segundo capítulo, vamos centrar-nos nas ideias sobre educação infantil que o autor propôs, analisando os tipos de educadores da criança por ele apontados, como a família, os catequistas, as educadoras ou mestras de infância. Estudaremos ainda, os princípios pedagógicos da catequese infantil, da escola de infância e do ensino primário na escola de Santa Teresa de Jesus.

No terceiro capítulo, abordaremos concepções, filosóficas e teológicas, que fundamentam as concepções educacionais presentes na obra e referentes à fase da infância. Parece-nos melhor falar em concepções do que conceitos, porque Henrique de Ossó fundamentou o seu pensamento na prática evangelizadora a partir da sua fé em Deus e as suas formulações teóricas estão assentes na sua acção apostólica-pastoral.

4. Fontes

Na nossa investigação utilizaremos o material de e sobre Henrique de Ossó já publicado e existente nas diversas bibliotecas e nos arquivos particulares da Comunidade Teresiana de Portugal. Consultar-se-ão, ainda, em Tortosa (Espanha) no Centro de Estudos de Henrique de Ossó, e em Barcelona na Editorial STJ, os documentos inexistentes no nosso país. Assim, para a análise dos escritos do autor, utilizaremos como fonte principal os três volumes, redigidos em castelhano dos *Escritos de Don Enrique de Ossó Y Cervelló*, organizados e editados pela Companhia de Santa Teresa de Jesus, em Roma, no ano de 1977, bem como o volume IV, publicado no ano de 1993 em Roma.

Outra fonte importante que utilizaremos, será a *Revista Santa Teresa de Jesus*, criada em 1872 e mantida sob a direcção de Henrique de Ossó até 1896 ano da sua morte.

Atenderemos, também, ao epistolário do autor já publicado, porque não se revelou viável o recurso às suas muitas cartas ainda inéditas guardadas no Arquivo Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus, em Roma.

5. Metodologia a seguir

Inspirando-nos na metodologia utilizada por José Carlos Casulo, em *Filosofia da*

*Educação em Teixeira Pascoaes*¹, propomo-nos fazer uma leitura e estudo orientados dos documentos escritos de e sobre Sto. Henrique de Ossó, socorrendo-nos dos seguintes procedimentos metodológicos: o histórico, o hermenêutico-fenomenológico, o comparativo, o analítico, o sintético, o dialético e o reflexivo.

Quanto ao procedimento histórico, teremos em conta os testemunhos escritos e figurados, uma vez que a distância relativamente à data da morte de Sto. Henrique de Ossó (1896), não permite a recolha de qualquer testemunho oral. Recolheremos testemunhos escritos, sejam autobiográficos, sejam os redigidos por outrem, que mereçam credibilidade. Quanto aos testemunhos figurados, obtê-los-emos visitando locais onde decorreu a vida do autor, ainda que alterados relativamente à sua época. O recurso a estes testemunhos não estando presente, de forma directa e explícita, no texto do trabalho, permitir-nos-á, porém, compreender melhor o seu universo vivencial, ajudando-nos, assim na interpretação dos documentos escritos.

Na leitura dos textos de e sobre o autor, empregaremos um procedimento metodológico de índole hermenêutico-fenomenológico que nos permita interpretá-los de modo a compreender, de entre tudo aquilo que na sua vasta obra escrita aparece, as mensagens autobiográficas, sobre educação infantil e sobre as concepções fundamentadoras desta.

Utilizaremos o método comparativo, quer para comparar as várias ideias educacionais e as de cariz fundamentador, bem como para as relacionar entre si. À utilização do método comparativo está ligado o processo de análise que nos possibilitará separar as concepções educacionais e fundamentadoras de outras que estão presentes nos textos de Sto. Henrique de Ossó. À análise segue-se a síntese, que será feita na sequência de um procedimento metodológico dialético de confronto entre as diferentes concepções estudadas.

Acompanhando todas estas facetas da metodologia, faremos a nossa própria reflexão pessoal, indelevelmente marcada pela condição de Teresiana, mas sempre norteada pelo intuito de contribuir para um conhecimento mais rigoroso das dimensões do pensamento de Sto. Henrique de Ossó que são objecto desta investigação.

As referências bibliográficas feitas ao longo do trabalho vêm a pé de página, porque pensamos facilitar desta maneira a sua leitura. As referências serão feitas de acordo com a fórmula tradicional: autor, título, tradutor (se for o caso), volume (se for o caso), número de edição posterior à primeira (se também for o caso e se for possível), editora, local de edição, ano de edição e página, para os livros; autor, título do artigo, título da revista, local de edição, ano de edição, número e página para as revistas, não se assinalando, quanto a estes dados, os que não constem da ficha técnica da revista; livros de vários autores serão referidos, a partir do seu título, como qualquer outro livro após prévia identificação do autor em causa e do título da sua participação.

6. Agradecimentos

Duas palavras finais de agradecimento. A primeira é para o Professor Doutor José Carlos Casulo, nosso professor e orientador que nos acompanhou na elaboração desta dissertação. Orientou-nos cientificamente o trabalho com dedicação e estimulou-nos permanentemente. A segunda, que também podia ser a primeira, é para a Companhia de Santa Teresa de Jesus, na pessoa das Superiores e das Irmãs Teresianas das Comunidades de Portugal, Espanha e Roma que nos apoiaram e incentivaram de muitos modos, a concluir as linhas que se seguem. A todas, o nosso muito obrigada.

¹ Cfr. Casulo, José Carlos, *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*, IEP-CEEP-UM, Braga, 1997, pp.11-12.

CAPÍTULO PRIMEIRO

PERFIL PEDAGÓGICO DE SANTO HENRIQUE DE OSSÓ Y CERVELLÓ

I - Infância e adolescência (1840-1854)

1. Nascimento e influência educacional da mãe e do avô

Foi em Vinebre, uma aldeia situada junto do rio Ebro, no sudoeste de Catalunha, província de Tarragona, diocese de Tortosa, que nasceu HENRIQUE DE OSSÓ, de seu nome de baptismo HENRIQUE ANTÓNIO², a 16 de Outubro de 1840. No entanto, é de notar que a sua mãe, D.Micaela Cervelló, dizia muitas vezes ao filho Henrique: - “Foi no dia 15, meu filho, foi no dia 15; não foi no dia 16, que nasceste.³ A ser assim, poder-se-ia aceitar a seguinte observação do seu biógrafo, Padre Altés y Alabart: “Maravilhosa e providencial coincidência! Aquele menino, que, segundo a sua piedosa mãe afirmava, nasceu no dia de Santa Teresa de Jesus, mereceria mais tarde o maravilhoso título de apóstolo teresiano do século XIX”⁴.

Os pais, Jaime de Ossó Catalá e Micaela Cervelló Jové, tinham o seu braço familiar : “[O] urso e o pinheiro novo de um lado; as quatro barras catalãs do outro. Fogo e carácter do pai; ternura e delicadeza da mãe...”⁵. Num pequeno texto autobiográfico ao qual deu o título de *Apuntes de las misericordias del Señor*, escrito quando já era sacerdote, Henrique, escreve: ” Sortius sum animam... pais bons, mãe , piedosa, avós santos.”⁶.

A mãe deixou influências e marcas profundas nos costumes e hábitos adquiridos pelo futuro santo na sua infância. Deste grande amor e carinho maternal, ele próprio, nos apontamentos autobiográficos, escreveu: Queria-me muito a mim, mais que a todos, certamente, por ser o más novo dos três filhos que teve.”⁷. Os outros dois filhos, eram Jaime, o mais velho, e uma menina, chamada Dolores. O facto de ser o mais novo, parece ser motivo justo, para ser o alvo da predilecção da mãe. Henrique recorda-a com muita ternura e saudade: “... [A minha] cristã mãe... Era tão boa! Dava-me conselhos tão santos! Nunca os esquecerei.”⁸.

² Cfr. Altés y Alabart, J. B., *Enrique de Ossó y Cervelló, Apuntes Biográficos*, Altés, Barcelona, 1926, pp.11-12. Foi baptizado no dia 17 de Outubro na igreja paroquial de Vinebre, como consta da sua cédula de baptismo, que diz o seguinte: “ Na igreja paroquial da vila de Vinebre, diocese de Tortosa, aos dezassete dias do mês de Outubro de mil oitocentos e quarenta, eu, abaixo assinado, o Pároco, baptizei solenemente, como indica o ritual e dei os nomes de Henrique António a um menino, que nasceu às sete horas da noite do dia anterior, filho legítimo do casal, senhor Jaime Ossó e dona Micaela Cervelló, naturais e residentes nesta terra. Os avós paternos, são o senhor Jaime Ossó, natural daqui e dona Mariana Catalá, natural de Batea e residentes nesta vila. Os avós maternos são o senhor José Antonio Cervelló e dona Madalena Jove, natural de Ribarroja e aqui, residentes. Os padrinhos foram o senhor Raimundo Ossó e dona Magdalena Jove, a quem adverti sobre o parentesco espiritual que contraíram com o afilhado e com os seus pais e a obrigação que têm de ensinar-lhe a doutrina cristã na falta destes. Assino, com a data acima indicada.. - Lorenzo Beltrán, Reitor” (cfr. ibidem, nota (1)).

³ Ibid..

⁴ Ibid..

⁵ Ibid., p.172.

⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes de las misericordias del Señor*, em *Escritos de D.Enrique de Ossó y Cervelló*, Vol.III, Roma, 1977, p.10 (daqui para a frente citaremos os quatro volumes dos *Escritos de Enrique de Ossó y Cervelló* pela sigla EEO, vol. I-II-III e IV).

⁷ Ibid., p.11.

⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tres florecillas a la Virgen de Montserrat*, em EEO, Vol. III, p. 194.

Alguns destes conselhos tinham a ver com a devoção e o amor aos Santos Anjos da Guarda, principalmente ao Arcanjo S. Miguel, de quem a mãe, Micaela (ou Miguela, como também lhe chamavam ⁹), era homónima.

Outra grande devoção da mãe, e de todos os catalães, unida às romagens e peregrinações, neles fortemente enraizadas com o amor à Catalunha, foi a devoção à Virgem de Montserrat, de cujas recordações ele nos fala: “Desde muito novo, ouvi sempre invocar na minha casa, em todas as aflições da família, essa imagem sagrada, e vi a minha mãe rezar diante dela e escutar o seu nome nos dias de luto; era o Deus do meu lar. Eu tinha visto povoações inteiras, nas horas de aflição, invocá-la; eu tinha visto peregrinos, angustiados pela idade e pelo sofrimento, trepar pelas encostas que formam os degraus do seu templo, (...). [A minha] Catalunha vivia à volta daquela Imagem; (...) [O] escudo da independência da Catalunha, a defensora das suas liberdades, era aquela Imagem que muito comovido contemplava.”¹⁰. Esta devoção marcou, pois, a sua infância.

D. Micaela era uma cristã convicta e piedosa. No seu coração alimentava o desejo de ter um filho sacerdote. Com a sua educação maternal, ao mesmo tempo que incutia no coração de Henrique os bons hábitos de piedade, foi-lhe manifestando, também, a alegria que sentiria mais tarde se ele fosse sacerdote:

“A minha boa mãe dizia-me sempre: «Meu filho, Henrique, faz-te- sacerdote. Que alegria me darias!». «Não quero», dizia-lhe. «Pois o que queres ser?» «Quero ser professor».¹¹

Respondia na sua língua materna (o catalão), e com toda a determinação, que queria ser professor, não padre como a mãe desejava. Como veremos acabou por conjugar estas duas vocações.

Para Henrique, depois da mãe, a pessoa que mais o marcou para toda a sua vida foi o avô materno, António Cervelló, a quem muito queria e estimava, de quem, aliás, recebeu no baptismo o nome de António. Henrique António fala assim do seu avô:

“O meu avô materno, António Cervelló era um santo, era quem dirigia sempre o Rosário da Aurora, porque há uma grande devoção na minha terra e eu rezava. Ainda lembro o seu rosto pacífico e de santo: calvo, de olhos *meigos*, respeitável ancião, muito reservado no que dizia, duma fé de Abraão; recordo que me contava durante a sesta, no horto, debaixo da ramada, a vida de Santo António de Pádua, o seu Santo, e por isso quis que fosse o meu segundo nome de Baptismo, pois a sua esposa foi a minha madrinha. Tinha a vida do Santo no horto, e contava-me os seus milagres, como pregou aos peixes, o do Notário que foi santo, o da mula faminta que adorou a Sagrada Hóstia antes de comer, para envergonhar os hereges, etc.”¹²

⁹ Altés y Alabart, J. B., *op. cit.* p.13. Este biógrafo de Sto. Henrique ao referir-se à mãe deste, dá-lhe sempre o nome de Miguela. Em Vinebre, a sua terra natal, havia e continua a haver uma grande devoção a S. Miguel, unida ao culto que todos os cristãos lhe prestam visitando com muita frequência a capela que lá existe, construída em sua honra. (cfr. *Ibid.* p.204).

¹⁰ Cfr.Ossó, Enrique de, *Tres florecillas ...* p. 220.

¹¹ Cfr.Idem, *Apuntes...*, p.10.

¹² *Ibid.*.

2. Henrique, criança dócil e estudiosa

Os que conheceram e acompanharam Henrique de Ossó, na sua infância, como refere o Padre Juan B. Altés y Alabart,¹³ “...afirma com toda a certeza que Henrique foi um menino dócil, obediente aos seus pais e superiores, muito aplicado no estudo e dado desde a sua infância a frequentar a igreja e a praticar os actos piedosos...”¹⁴. Se nisto podemos vislumbrar os seus primeiros passos, ainda que inconscientes, para o sacerdócio, não é menos certo que na vontade de querer ser mestre-escola, professor, podemos descortinar a marca da boa relação que, como aluno, teve com o seu professor da escola primária, Francisco Freixas, e da admiração que nutria por ele. São de Henrique, estas declarações: “Na escola foi sempre dos primeiros. O professor queria-me muito. Nunca me bateu ou castigou.”¹⁵.

A docilidade de Henrique e o interesse pelo estudo, foram as principais razões que contribuíram para ele próprio se afirmar como tendo sido um dos melhores alunos da escola primária, orientada pelo professor Francisco Seixas. Se guardou sempre a recordação da estima e amizade que o professor lhe dedicou, também não se esqueceu de referir a alegria dos bons resultados escolares, fruto do empenho e da dedicação que mostrou ter colocado nas suas actividades de infância, como aluno da escola das primeiras letras. Quando afirma não se recordar de nunca ter sido corrigido ou castigado pelo professor, Henrique dá-nos a confirmação de que não foi uma criança rebelde; possuía uma índole marcada pela docilidade e pela submissão, qualidades que andaram unidas a uma boa inteligência e compreensão, comprovadas na boa relação de professor e aluno e no êxito escolar. Nos seus primeiros textos, e mesmo nalguns dos cadernos onde aprendia a fazer as letras, conservados felizmente até ao presente, pode-se ver a facilidade, a leveza e até a elegância do seu estilo de escrita.¹⁶

À aprendizagem da escrita, une-se o gosto pela leitura, inculcado pelo avô materno que lhe lia histórias da vida dos santos, e sobretudo pela mãe - “ A minha mãe queria que lhe lesse livros bons; fazia-o, e lendo-os («Exercici del Cristià») às vezes chorava muito.”¹⁷. Estes dois gostos, o da escrita e o da leitura, adquiridos na infância, hão-de perdurar durante toda a vida de Henrique, concretizando-se nos muitos escritos que deixou à Companhia de Santa Teresa de Jesus e na vontade expressa de que toda a Teresiana fosse “mártir do estudo”.

Henrique, sentindo-se querido e estimado não só pelos familiares, como também pelo professor, teve fácil acesso à amizade e convívio com os amigos, alguns dos quais, mais tarde veio a reconhecer, não terem sido boas companhias para ele - “Juntei-me com jovens mais velhos e encontrei neles muito mal para a minha alma.”¹⁸.

3. Aprendiz de comerciante

Quando Henrique de Ossó terminou o ensino primário, ainda não tinha doze anos. Por esta altura, os pais, pensando num futuro mais radioso para o filho, enviaram-no a Quinto de Ebro (Saragoça), para casa de João de Ossó, um tio que se dedicava ao

¹³ O Padre Juan B. Altés y Alabart, mais novo, seis anos que Santo Henrique de Ossó, foi seu amigo fiel, colaborador e companheiro inseparável (cfr. “Carta 29 a Salvany”, em Volpe, Gloria, *Cartas de San Enrique de Osó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany*, ed. STJ, Barcelona, 1977, pp. 57-58, nota (5)).

¹⁴ Cfr. Altés y Alabart J.B., *op. cit.*, pp. 11-12.

¹⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.10.

¹⁶ Cfr. Altés y Alabart J.B., *op. cit.*, p.13.

¹⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.10.

¹⁸ *Ibid.*.

comércio, a fim de Henrique iniciar a aprendizagem de comerciante. Ali, adoeceu gravemente, ficando-lhe bem marcada na memória a promessa que o tio fez por ele a Nossa Senhora do Pilar e de o ter acompanhado a esse Santuário com muita alegria a agradecer a cura.¹⁹

Recuperado, Henrique, ainda em Quinto de Ebro, sentindo-se cheio de saúde e da jovialidade própria dos adolescentes, estabeleceu muitas amizades, não tendo sabido distinguir as boas e as más influências provenientes dessas companhias, como posteriormente o recordará lançando o alerta sobre o cuidado a ter na escolha dos amigos: “Voltei a andar com más companhias. Oh! o mal que fazem!, fujam todos delas mais que da peste e temam-nas mais que aos demónios, pois causam mais dano, como diz a nossa Santa Madre Teresa de Jesus.”²⁰

Os pais, atentos ao crescimento do filho, depois de ele estar curado e de se aperceberem das más influências dessas companhias, enviaram-no para junto do seu irmão mais velho, Jaime, que se encontrava em Reus. O número de jovens que buscavam nesta cidade a formação comercial era elevado. Reus era, então, uma cidade povoada de juventude e economicamente muito rica, pelo seu comércio florescente. Mas, se os pais, para prevenir as dificuldades que o seu filho mais novo iria encontrar nesta grande cidade comercial, determinaram que ele ficasse com Jaime, o irmão mais velho, porque já tinha mais experiência na arte comercial e o podia ajudar, Henrique não quis, conforme ele próprio o confessa: ” Mandaram-me para o comércio de Reus, ao regressar bem de saúde à minha casa, os meus pais, para que seguisse a carreira do comércio, que o meu irmão mais velho Jaime já tinha começado, e ajudarmo-nos um ao outro, mas a mim não me agradava. Estive em Reus em casa de Pedro Ortal, casado com María Codina, que era o comerciante número um dali. Teria uns treze anos.”²¹

Do tempo passado em Reus, Henrique destaca como uma das suas recordações mais significativas o não ter feito a vontade dos pais, que queriam que vivesse com o irmão mais velho, mais experiente na vida comercial, e que com ele aprendesse, ajudando-se um ao outro. Diz-nos que isso não lhe agradava e não dá outras razões; limita-se a dar especial realce ao facto de ter vivido em casa de Pedro Ortal, um muito importante comerciante de Reus. Não nos fala dos amigos e das companhias que fizeram parte da vida que viveu quase durante dois anos nesta cidade comercial da Catalunha.

4. A morte da mãe e o surgimento da vocação sacerdotal

No ano de 1853, viveram-se dias difíceis em toda a Espanha, também em Vinebre, portanto, pelas consequências nefastas e mortíferas da cólera-morbo.²² D. Micaela contraiu esta doença que se foi agravando, acabando por falecer no dia 15 de Setembro de 1854, quando Henrique ainda só contava treze anos. Dos seus apontamentos biográficos, recolhemos este depoimento:

“No ano 54, veio a cólera, e a minha mãe (Micaela) adoeceu gravemente, e morreu depois de ter recebido todos os sacramentos com lucidez e devoção. (...). Estive presente na sua morte santa, e chorei muito, porque senti muito ver-me sem ela. Mas a isto que parece desgraça devo talvez a minha riqueza e a minha sorte, porque logo tive o desejo de ser sacerdote recordando o que me dizia a minha boa mãe.”²³

¹⁹ Ibid., p.11

²⁰ Ibid..

²¹ Ibid..

²² Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.14.

²³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p. 11.

Pouco tempo depois da morte da mãe, Henrique regressou à sua actividade aprendiz de comerciante -“Voltei a Reus, mas, não como antes. A minha família não queria que fosse sacerdote.”²⁴.

A recordação da mãe, por ele tão querida e amada, fê-lo decidir pela mudança de rumo na sua vida. Iria deixar o comércio, para ser sacerdote. Mas, Henrique bem conhecedor das intenções do pai e da família, que queriam que ele seguisse a carreira comercial e não pensasse na vocação sacerdotal, tendo voltado a Reus, logo começou a pensar na fuga à vontade dos familiares. Decidiu, então, abalar para Montserrat:

“ Escrevi cartas de despedida e com conselhos ao meu pai e tios, e no dia que morreu um filho pequenito da casa, de manhãzinha, abri a porta, e fui-me embora. (...); queria ser ermitão, retirando-me para a solidão, e dirigi-me a pé a Montserrat; (...). Cheguei a Montserrat, fiz uma confissão geral, pedi para ser ali admitido como servo da Virgem. Admitiram-me, passei dois ou três dias confessando-me, e para meus males um dia ao sair da igreja, na praça onde há agora árvores, encontrei o meu irmão Jaime que me procurava pois toda a família estava consternada ao saber da minha desapareção misteriosa, da qual ninguém lhes sabia dar razões. Até a justiça queria pedir contas a um zeloso sacerdote de Reus por considerá-lo cúmplice ou culpado da minha marcha.”²⁵.

Ali, em Montserrat, recordando o que a mãe lhe pedia na sua infância, despertou a sua vocação sacerdotal. Henrique di-lo no prólogo do livro *Tres florecillas a la Virgen de Montserrat*: “[A] recordação da Mãe do Céu despertou em mim a recordação da mãe da terra, os seus rogos, os seus conselhos santos, os seus bons exemplos... Encontrei a minha vocação.”²⁶.

II. Formação para o sacerdócio (1854 - 1867)

1. Estudo de Latim, Humanidades e Filosofia, em Tortosa

No mês de Outubro de 1854, Henrique, com 14 anos de idade, começou os estudos da carreira eclesiástica, matriculando-se no Seminário Conciliar de Tortosa, do qual, conforme nos diz o seu amigo Altés y Alabart, era reitor nessa altura o Padre Fr. Boaventura Grau, Dominicano, e vice-reitor o Padre Manuel Boix.²⁷ Henrique frequentava o seminário como aluno externo. O pai preferiu que ficasse a viver em casa de um sacerdote bom e respeitável de Tortosa, chamado Ramón Alabart, de quem era amigo. Nesta casa, o nosso jovem seminarista teve como companheiros e alguns familiares do padre Ramón Alabart, que eram também estudantes, entre eles o padre Altés y Alabart, daqui datando o seu relacionamento com o amigo que viria a ser o seu maior biógrafo.

²⁴ Ibid..

²⁵ Ibid., pp.11-12.

²⁶ Cfr. Idem, *Tres florecillas...*, p.194.

²⁷ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.25.

Enquanto esteve em Tortosa, como seminarista primeiro e, mais tarde, como presbítero, Henrique permaneceu na casa desse sacerdote amigo da família Ossó y Cervelló. Tinha o seu quartinho no terceiro andar da casa. Escolhera o mais retirado de todos; aí se fechava para estudar durante o dia. À noite, estudava com os outros, noutra sala.²⁸

Foram seus professores de Latim e Humanidades os senhores Prades e Sena, dois leigos com fama de excelentes latinistas na dita cidade de Tortosa, como nos diz Altés y Alabart²⁹ e como ele próprio nos testemunha: “... no ano 54 comecei a estudar gramática em Tortosa, na casa do Domine Prades (...). Depois, Domine Sena...”³⁰.

Quanto à sua formação religiosa, teve como director espiritual o pároco da Catedral, de quem nos fala com estima: “Deram-me por confessor o sábio e zeloso pároco da Catedral, Gabriel Duch, e confessei-me muito bem a ele.”³¹.

O comportamento do jovem estudante, aplicado e estudioso, mereceu a admiração e a estima dos seus professores e daqueles com quem vivia. Tinha um carácter afável com os discípulos, com quem gostava de passear e de praticar desporto. Era muito piedoso e muito reservado quanto à sua vida interior. Sobre esta faceta, o padre Ramón Alabart definiu-o assim: “« Henrique é uma caixa fechada »” (é uma caixa cerrada).³².

Henrique fez em três anos os quatro dos cursos de Gramática e Humanidades, porque foi tida em consideração a sua idade, mas, sobretudo, pela sua aplicação, boas classificações, talentos excepcionais e comportamento exemplar.³³

No fim do estudo de Latim e Humanidades, o nosso jovem, agora com dezassete anos, iniciou os estudos de Filosofia, com o Professor Dr. Dionisio Brull. Obteve as melhores classificações no conhecimento da metafísica, da ética e da cosmologia, com a qualificação de «Meritíssimus».³⁴

2. O despertar da devoção a Santa Teresa de Jesus e do interesse pela catequese infantil

Foi sob a influência de um dos seus professores de latim, o senhor Sena, que o nosso pedagogo despertou para a devoção a Santa Teresa de Jesus. Ele próprio o diz: “Domine Sena, muito devoto de Santa Teresa de Jesus, começou sem dúvida a despertar a devoção à Santa. Do tio Pedro, contava-nos a história do par de ovos que lhe deu Santa Teresa de Jesus antes de começar a viagem, e como devia ser bom e muitas das suas graças e da sua doutrina.”³⁵.

A esta devoção ajudou, também, a sua tia Maria, irmã de seu pai, ao ter-lhe oferecido as Obras da Mística de Ávila - “A minha tia (Maria) deu-me as obras da Santa que a Livraria Religiosa tinha publicado, porque dizia-me que ela não as entenda.”³⁶. Ajudaram, ainda e sobretudo as visitas aos tios de Benicasim, Justo e Rafaela:

“Mas o que despertou mais a minha devoção à Santa foram as viagens que fiz a Benicasim, por conhecer uns tios velinhos, tia Rafaela e Justo, os quais, por serem pessoas importantes daquele lugar, tinham uma maravilhosa casa de campo, e comunicavam com os frades Carmelitas do Deserto das Palmas, e com o Prior. Tinha muitos livros da Santa, a Vida Meditada, sobretudo e lendo veio-

²⁸ Ibid., p.25.

²⁹ Ibid., p.23.

³⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.12.

³¹ Ibid..

³² Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.25.

³³ Ibid..

³⁴ Cfr. Gabernet, Joan, *Un contestatario leal, Enrique de Ossó y Cervelló*, Ed. STJ., Barcelona, 1993, p.65.

³⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.12.

³⁶ Ibid., pp.12-13.

me um desejo maior de subir ao Deserto. Fui e estive lá alguns dias, até que depois, quase todos os anos ia a passar férias na casa dos tios e no Deserto, mas mais no Deserto, onde às vezes estava mais de um mês, e até dois meses.”³⁷.

O gosto pela leitura e a possibilidade de ter muitos livros, alimentavam a imaginação e a razão de Henrique, que se revelava como um jovem de grande sensibilidade. Ser eremita, tinha sido a razão principal da sua fuga de Reus para Montserrat. Agora, seminarista, com a leitura das Obras de Santa Teresa de Jesus, continuava a entusiasmar-se com este sonho: “Poder ver Ermidas em especial a de Santa Teresa que é tão formosa pela sua Transverberação, encantava-me, enamorava e extasiava. Quantas vezes a teriam roubado se não fosse pecado! Os frades davam-me a chave, e eu ia sozinho e ficava lá, o mais tempo que podia, e repetia a observação de tão encantadora imagem:... e fazia versos que me davam muita devoção. Cantava no coro com os monges nas Missas, Salvé-Rainha e nas orações e ajudava nas Missas que podia.”³⁸.

Se sabemos que conviveu assiduamente, durante as suas férias, com os Padres Carmelitas do Deserto das Palmas - “Repetia quase todos os anos sendo estudante tal visita, de que gostava mais do que ir para casa dos meus pais, porque a minha tinha morrido ...”³⁹ - também, sabemos que não deixou de passar uma parte das suas férias na casa paterna. Aqui, entretinha-se caçando ou fazendo pequenos trabalhos de carpintaria. Começou, também, a ocupar o seu tempo catequizando as crianças da terra: “[Depois] de comer reunia na minha casa um dia os meninos e no outro as meninas e ensinava-lhes a doutrina cristã e coisas santas, orações, exemplos, etc.”⁴⁰.

Começava, pois, a revelar-se em Henrique de Ossó o gosto e o interesse em estar com as crianças e ensinar-lhes a doutrina cristã. Podemos dizer que é a partir desta época, que se forma a alma e o coração do grande catequista que, mais tarde, sendo já sacerdote, veio a revelar-se.

3. Estudo de Física e Química, em Barcelona

Jovem de vinte anos, inteligente e com um currículo escolar excelente, Sto. Henrique a instâncias da família, mudou-se para Barcelona, a fim de estudar Ciências Físico-Químicas, no Seminário local - “No ano 60 fui para Barcelona estudar Física no Seminário, a pedido do meu irmão e da minha família, que queriam que brilhasse, e estudei com o célebre Dr. Arbós, que me queria muito e me fez seu assistente durante dois ou três meses que ele teve que ausentar-se, para instalar o seu gás em Villafranca. Estive em casa do meu irmão.”⁴¹.

Altés y Alabart, a respeito da amizade de Henrique de Ossó com o Dr. Arbós, comenta: “ Nós vimos os dois reunidos em Tortosa, algum tempo depois, para, se não recordamos mal, instalar na dita cidade uma nova invenção do célebre químico, e recordamos quão íntima e carinhosa era a amizade que unia o professor e o aluno.”⁴².

³⁷ Ibid., p.13.

³⁸ Ibid..

³⁹ Ibid..

⁴⁰ Ibid., p. 14.

⁴¹ Ibid..

⁴² Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.35.

⁴³ Ibid., pp. 35-36.

Durante este ano de 1860, portanto, Henrique satisfez a vaidade da família sendo um bom aluno, muito admirado pelo Professor Dr. Arbós, que lhe apontou um futuro de cientista brilhante. Não obstante o prestígio escolar obtido no domínio da Física e da Química, Henrique, no fim do ano escolar, deixou Barcelona e voltou a Tortosa para estudar Teologia, porque continuava com a vontade decidida de ser Sacerdote com espírito missionário.

4. Estudo de Teologia

4.1. Teologia Dogmática, em Tortosa

Aos vinte e um anos, iniciou Sto. Henrique os estudos de Teologia em Tortosa, onde passou dois anos e teve como professores o padre Doutor Bernardo Lázaro, cónego da Catedral de Segorbe e o padre Doutor Paulo Foguet. Este último professor, de cuja cátedra saíram notáveis teólogos, declarou, não poucas vezes, que, nos seus muitos anos de professorado, não tinha tido nenhum discípulo tão brilhante como Ossó y Cervelló. O Doutor Lázaro confessou ter tido outros alunos inteligentes e aplicados, mas sem se poderem comparar ao talento e à aplicação de Henrique que mereceu pelo seu exame brilhante, a avaliação de *Meritissimus*, a única que se deu naquele curso.⁴³

Nesta altura, o nosso autor criou uma relação de amizade e dedicação com o Bispo de Tortosa, D. Benito Vilamitjana, que também era catalão. Aceitou, com agrado e veneração, todas as determinações do prelado sobre a vida de piedade dos seminaristas, incluindo a realização dos exercícios espirituais.

Valorizou a organização e fundamentação da sua vida, expressa, num “plano de vida” que quis que fosse aprovado pelo seu director espiritual, cónego Jacinto Peñarroya, e que durante toda a sua vida procurou cumprir.⁴⁴ Esta faceta emergente no nosso pedagogo, de amar a ordem e a organização, com aplicação das metodologias mais adequadas, será mais desenvolvida e melhor entendida mais tarde.

4. 2. Teologia Moral e exercitação de Oratória, em Barcelona

Continuava, porém, a fazer-se sentir a pressão da família, que preferia que ele saísse de Tortosa e seguisse os estudos em Barcelona, no Seminário da Rambla, dirigido pelos Jesuítas e célebre pelo prestígio dos seus professores. Henrique anuiu, exigindo, todavia, não viver em casa de nenhum familiar, mas antes residir no próprio seminário: “Voltei a estudar Teologia em Tortosa (dois anos) e como a família me pedia que voltasse a Barcelona exigi ser interno, e estive lá três anos colegial; tive (grande sorte) como Reitores os Padres Costa e Medina, Catedráticos, e confessor o Padre Forn. Estabeleci amizade com o Padre. Martorell, Sardá y Matas, etc., que ajudou muito depois aos desígnios de Deus.”⁴⁵

No Seminário, nesta altura, existia uma Academia de Oratória que tinha como patrono S. João Crisóstomo e na qual só eram admitidos os melhores alunos internos. Henrique, que era bom aluno, pertenceu a esta Academia, nela se tendo distinguido como

⁴⁴ Desse “plano de vida” destacamos alguns dos sentimentos de Henrique: “Termine o mundo antes que ofenda ao meu Deus, porque devo mais ao meu Deus do que a ninguém; logo devo contentá-Lo e servi-Lo, antes que a todos. No Seu serviço, com a sua graça, serei *attentè, devotè, confidenter, alacriter et ferventer*.” (Ibid., p.32)

⁴⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.14.

escritor e orador, mormente com o “Discurso pronunciado pelo sócio D. Enrique de Ossó no dia 25 de Fevereiro de 1864, sobre o tema: A Virgem Maria é o amparo do homem pecador.”⁴⁶. Parece, aliás, tendo mais uma vez em conta as palavras do Padre Altés y Alabart que, por esta altura, deu maior manifestação de si a veia místico-poética do nosso santo – “[a] afeição que tinha à bela literatura. Sabia de cor muitos versos do incomparável poeta Frei Luís de León...Gostava de modo extraordinário da obra titulada “Os Nomes de Cristo”, do mesmo autor, assim como os livros do grande prosador Frei Luís de Granada, além dos de Santa Teresa de Jesus, que não largava das mãos. Gostava muitíssimo das alegorias de que alguns autores do século XVIII se serviam para inculcar princípios e máximas morais...”⁴⁷.

4.3. Bacharelatos em Artes e em Sagrada Teologia, em Barcelona

Enquanto esteve em Barcelona, Henrique, para fazer a vontade à família, uniu aos estudos Teológicos a preparação em Artes, na Universidade, onde, em Dezembro de 1866,⁴⁸ obteve o grau de Bacharel, do qual nunca falou, a não ser mais tarde, quando alguma vez, em tom de graça, dizia aos seus companheiros que não era mais que Bacharel “... para agradar à sua família...”⁴⁹. Numa carta ao amigo Dr. Félix Sardá y Salvany, escrita em Tortosa, com data de 11 de Dezembro de 1866, diz-lhe: “Acreditará V. amigo, que me fizeram bacharel? e que bacharel! em artes, dizem, eu digo com arte. Ontem fiquei esperto depois de 4 dias de exames...”⁵⁰.

Também em Junho de 1868, o Vigário Geral do Seminário de Barcelona conferiu-lhe o grau de bacharel em Sagrada Teologia, depois de Henrique ter dissertado sobre uma questão, escolhida entre outras duas, que tratava da perfeitíssima ciência de Deus.⁵¹

5. Da recepção das ordens menores à ordenação sacerdotal

Entretanto, terminados os Cursos de Teologia Dogmática e de Teologia Moral, Henrique António de Ossó y Cervelló, depois de um período de retiro espiritual orientado pelo padre António Maria Claret, recebeu as Ordens Menores e o Subdiaconado, em 26 de Maio de 1866. Assim nos narra ele esse momento: “Recebi as Ordens Menores e o Subdiaconado em Barcelona com o Sr. Bispo Montserrat (de Maella) que foi muito meu amigo e tive a sorte de fazer Exercícios com o P. Claret (Casa de Gracia) confessar-me a ele e resolver que era vontade de Deus eu ser sacerdote, com grande gozo e paz, sem que nunca me tenha vindo, pela misericórdia de Deus, a tentação contra a minha vocação.”⁵².

Henrique, grande devoto da Virgem Maria, deu, no mês a Ela consagrado, o primeiro passo da sua carreira eclesiástica.

Após isto, voltou a Tortosa, a pedido do bispo catalão seu amigo, D. Benito Vilamitjana, que o queria ordenar e lhe queria confiar responsabilidades lectivas no Seminário.⁵³

Ao mesmo tempo, o nosso pedagogo continuou os seus estudos teológicos: nas Actas do Seminário de Tortosa entre aqueles que se examinaram durante os anos escolares de 1866-67, consta o aluno Henrique de Ossó. A sua nota é a mais alta.⁵⁴

⁴⁶ Cfr. Altés y Alabart, J. B., *op. cit.*, p.40.

⁴⁷ *Ibid.*, pp.39-40.

⁴⁸ Cfr. Gabernet, Joan, *op. cit.*, p.89.

⁴⁹ *Ibid.* pp.39-40.

⁵⁰ Cfr. Volpe, Gloria, *op. cit.*, carta nº4, p.24.

⁵¹ Cfr. Gabernet, Joan, *op. cit.*, p.94.

⁵² Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, p.14.

⁵³ *Ibid.*.

Foi, portanto, Henrique ordenado Diácono, o que aconteceu no dia 6 de Abril de 1867, na igreja do antigo Seminário. Dois dias depois do acontecimento, comunicou-o assim ao seu amigo Félix Sardá y Salvany: “... anteontem tive a inexplicável consolação e graça singular de receber do meu Ilustríssimo Prelado a imposição das mãos para consagrar-me Diácono...”⁵⁵.

A ordenação sacerdotal ocorreu em 21 de Setembro desse mesmo ano: “Ordenei-me presbítero pela festa de S. Mateus, 1867, e estava resolvido a cantar missa no dia de Santa Teresa de Jesus pela devoção à Santa, e (pela) minha madrinha, Teresa Serra, mas parecendo-lhe ao Sr. Bispo demasiados dias, fizemo-lo no dia da festa de Nossa Senhora do Rosário, em Montserrat, que naquele ano foi no dia 6 de Outubro. Vieram o meu pai (padrinho) a minha cunhada (madrinha) e irmãos e todos os meus tios e familiares, mais de 40. Fui a Manresa à Cueva, buscar o meu íntimo amigo P. Martorell para pregar, pois tínhamo-lo combinado desde estudantes no Seminário, e pregou um bellissimo sermão (que conservo) que deixou a todos encantados.”⁵⁶.

Entre os amigos, encontrava-se também Altés y Alabart que, referindo-se a esse dia alegre vivido em Montserrat, não quis deixar de, sobre a data, testemunhar o seguinte: “Rodeado do seu pai, irmãos, tios, sobrinhos, parentes, amigos, assim como dos Religiosos que moram na chamada «Catedral das Montanhas»... Só se notava um vazio...”⁵⁷.

Nesse dia tão importante, Sto. Henrique de Ossó sentia, contudo, o vazio da falta da mãe, D. Micaela:

“ Só notava um vazio: a presença visível, corporal, da boa mãe deste mundo. Mas, que importa? Estava ali presente o seu espirito que dava alento no meio de tão esplêndida cerimónia. Os céus ao abrirem-se um pouco para descer pela primeira vez às minhas mãos o Filho de Maria, assomaram-se pelas suas portas as minhas boas mães Maria Imaculada, Mãe de Deus, e Miguela, a minha mãe da terra. E alegraram-se com este novo e divino espectáculo. Tinham razão. A elas se devia. Dei-lhes graças e sempre conservei no meu coração tão doce recordação. Benditas as minhas mães, Maria e Micaela! A vós, tudo o devo, depois de Deus.”⁵⁸.

O período descrito entre a sua ordenação sacerdotal e a fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus, em Junho de 1876, foi marcado por uma grande acção pedagógica e formativa em vários campos: no ensino, na catequese, no periodismo para o povo, na formação das crianças, dos jovens, dos adultos e da mulher. Passemos então, a abordá-lo.

⁵⁴ Cfr. Gabernet, Joan, *op. cit.*, p.89.

⁵⁵ Cfr. Volpe, Gloria, *op. cit.*, pp. 27-28

⁵⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*, pp.14-15.

⁵⁶ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.41.

⁵⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tres florecillas...*, p.195.

III - O padre-educador multifacetado (1867 - 1876)

1. Professor, catequista e pregador

Henrique de Ossó iniciou as funções de professor das disciplinas de Física e Matemática, no Seminário Conciliar de Tortosa, quando era apenas subdiácono, se bem que já gozasse de um certo prestígio, que lhe vinha do tempo em que tinha sido aluno do Dr. Arbós. Continuou as suas funções de professor, durante onze anos, até 1878, altura em que, com a fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus, necessitou de se libertar das aulas para se dedicar mais plenamente ao acompanhamento e expansão deste Instituto Religioso de Educação, assim como às Associações Juvenis por ele fundadas e ao trabalho de escritor, formador, e publicista do jornal *O Amigo do Povo* e da Revista *Santa Teresa de Jesus*.

Continuou a trabalhar na Catequese, partindo da experiência já adquirida nos anos de seminarista, mas assumindo, a partir desta altura, a responsabilidade de toda a Catequese da cidade de Tortosa, a pedido do Bispo, o que fez com êxito assinalável: "...[O nosso] zeloso prelado, o D. Benito Vilamitjana y Vila, ordenou que me encarregasse do ensino metódico e constante da Doutrina cristã às crianças. Começámos com alguns jovens seminaristas tão santa obra, e, aos poucos dias, reunimos com uns quinhentos entre meninos e meninas. Seguiu o seu caminho progredindo, e ao despedir-nos para irmos de férias, contávamos cerca de oitocentos. No ano seguinte de 70 a 71, a assistência foi já mais numerosa, porque andava melhor organizada; pois, pela festa de S. José ao fazer uma visita a todas as secções catequísticas (eram oito), as crianças alistadas para consagrarem o seu coração ao glorioso Santo, não eram menos de mil e duzentas..."⁵⁹.

Mas ensinar às crianças a doutrina cristã de uma forma metódica e constante, na Catequese e na Escola, era segundo Henrique de Ossó, a única maneira de devolver a vida, a paz, e a salvação a Espanha. Numa palavra, a Catequese e a Escola eram para ele, os dois meios mais importantes para renovar a sociedade e salvar a sua pátria.

Sabemos pelas cartas que espontaneamente escreveu para familiares e amigos que algumas das suas actividades de Verão, ainda antes de ser ordenado sacerdote, já incluíam pregações em terras da Catalunha. Em epístola com data de 1 de Setembro de 1868 e escrita em Vinebre para o amigo Sardá y Salvany, informa-o: - "...Desde que saí de Barcelona fui a pregar a Bot, Batea, Ribarroja, etc. e agora esperam-me em Pradip para o dia da Natividade de N.ª Sra. e depois em Tortosa."⁶⁰.

2. Periodista

Em pleno período revolucionário, no ano de 1871, recém-ordenado sacerdote, Henrique de Ossó e mais alguns amigos ⁶¹ fundam e publicam o jornal semanário católico *O Amigo do Povo* ⁶², em oposição ao jornal *O Homem*, muito divulgado em Tortosa e transmissor de ideias anticlericais e doutrinas positivistas.

⁵⁹Cfr. Altés y Alabart, *op. cit.*, pp 43-44.

⁶⁰ Cfr. Volpe Glória, *op. cit.* carta nº9, p.32.

⁶¹ Numa carta de 9 de Julho de 1872, escrita em Barcelona e dirigida ao amigo Manuel Domingo y Sol, dizia-lhe: "Ontem li «O Homem»...É pois, urgente que volte a aparecer «O Amigo». Se pudesse ser esta semana, melhor. Fica por minha conta o artigo de fundo, se quiseres. Hoje escrevo a D. Jacinto e ao P. Altés, para que continuem." (cfr. González, M., *Don Enrique de Ossó o la fuerza del sacerdocio*, Ed. Altés S.L., Barcelona, 1953, p.97.

⁶²Tanto quanto conseguimos apurar, não se conserva nenhum número deste semanário. Só as referências em documentos da época podem comprovar a sua existência. Além da carta já citada, Henrique de Ossó faz uma referência desse jornal, em Junho de 1884, na Revista Teresiana, ao comunicar a notícia da morte do amigo Jacinto Peñarroya: "Colaborou com

Altés y Alabart defendeu que o nosso autor, director do jornal, era quem escrevia sempre o artigo de fundo misteriosamente assinado por “O Amigo” no qual, todos os domingos de manhã e para surpresa de muitos, se rebatia o mesmo assunto que era ridicularizado pelo jornal *O Homem*. Desta forma, Henrique de Ossó, a ser ele o autor do artigo, mostrava aos leitores do seu semanário estar muito bem informado dos problemas políticos, sociais e religiosos que os novos tempos faziam surgir na Igreja e em toda a Espanha. Porém, a limitação da liberdade de expressão das ideias religiosas, levou a que os responsáveis do *O Amigo do Povo* se vissem obrigados a dar por extinto esse semanário católico.⁶³

Em Outubro de 1872, passados alguns meses sob a extinção do jornal, Henrique de Ossó editou em Barcelona o primeiro número da revista *Santa Teresa de Jesus*. Apresentou por escrito os objectivos desta Revista ao seu amigo D. Benito Vilamitjana, Bispo de Tortosa: “Aspira a nossa humilde publicação a unir estes dois sentimentos, os mais nobres e maiores do coração humano: o sentimento religioso e o amor pátrio, o que se conseguirá exactamente por meio da propagação entre os espanhóis da devoção sincera a Santa Teresa de Jesus...”⁶⁴. Com estes dois sentimentos bem fortes no seu coração, Henrique compara a vida da Igreja em Espanha no século XIX e a acção de Teresa de Jesus, no séc. XVI:

“O que diria, o que faria Santa Teresa de Jesus, se vivesse hoje entre nós, vendo devastado o jardim dos seus cuidados, destruídas as igrejas, os mosteiros e casas de oração convertidos em estábulos ou coisas piores, protegidos, mimados pela autoridade os protestantes, Espanha sem a unidade de fé, chorando os sacerdotes e bispos a corrupção de costumes e preso o Vigário de Jesus Cristo? (...)O que sentiria hoje, ao ver como na sua Espanha a juventude bebe a iniquidade como a água em livros e escolas ateias e as jovens vão perdendo o pudor e o recato e a família a santidade e a educação cristã? Espanha de Teresa de Jesus e Espanha do século XIX, quão diferentes sois!”⁶⁵.

Desde o primeiro número, datado de 15 de Outubro de 1872, até à sua morte, ocorrida a 27 de Janeiro de 1896, Henrique assumiu a direcção da Revista que apareceu, cada mês, com artigos escritos pessoalmente por ele para difundir a doutrina da Santa de Ávila, o amor à Igreja, ao Papa e a Espanha.

3. Formador religioso

3.1. De seminaristas e catequistas

Para além de ser ele mesmo catequista, Henrique de Ossó, assumiu também as funções de formador dos Seminaristas e dos jovens catequistas. Por isso escreveu, em 1869, dois regulamentos: um para todos os catequistas de Tortosa, ao qual deu o título de *Regulamento da Associação do ensino metódico e constante da Doutrina Cristã*, outro para as crianças da Catequese, com o título de *Regulamento para as crianças*, no qual é compilado um conjunto de normas que foram postas em acção na Catequese e que a experiência mostrou que eram úteis e práticas. Em 1872, partindo dessa experiência,

vários amigos na fundação e vida do jornal intitulado: O Amigo do Povo, que nos anos 71 e 72 surgiu nesta cidade em tempos muito difíceis, o qual chegou a ter cerca de mil assinantes e morreu por ordem da Autoridade civil, por ter-se apresentado como profeta e ter-se cumprido a profecia.” (citado em González, M., *op. cit.*, p.101, nota de rodapé).

⁶³ Cfr. Altés y Alabart, J. B., *op. cit.*, pp.50-51.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 54.

⁶⁵ *Ibid.*

publicou uma obra mais completa, com o título de *Guia práctico do Catequista no ensino metódico e constante da Doutrina Cristã*, cujo censor, Félix Sardá y Salvany,⁶⁶ Vigário da Diocese de Barcelona, sobre ele assim se pronunciou: “Erudição copiosa, unção, zelo, minuciosidade nos pormenores práticos sobre o modo de orientar com fruto o Catecismo das crianças, tais são as principais qualidades que fazem, na minha opinião, recomendar a indicada pequena obra. Considero-a de suma utilidade para os nossos jovens Catequistas; (...) Mesmo os leigos ocupados na santa obra das Escolas dominicais de ambos os sexos encontrarão nela lições de grande proveito para a maior perfeição do seu benéfico apostolado.”⁶⁷ O amigo e condiscípulo Altés y Alabart confirma: “Ossó era um catequista zeloso, nada rotineiro, mas sim ilustrado, como o provam as publicações nas quais exemplificava o método que é a alma do ensino.”⁶⁸

Através das crianças e pela Catequese, Henrique de Ossó queria renovar a vida das famílias. Apercebendo-se, quando frequentava os ambiente mais pobres, como o Bairro dos Pescadores, das potencialidades pedagógicas do canto, dele se serviu para alcançar o seu desiderato. O próprio Henrique de Ossó compôs a letra de muitas canções que versam sobre o amor à Igreja, ao Papa, a Nossa Senhora e a Espanha.⁶⁹

3. 2. Dos jovens camponeses

Tortosa, no tempo de Sto. Henrique, apresentava-se predominantemente voltada para a agricultura e, de facto, a grande parte da juventude dedicava-se às fainas agrícolas. Ele preocupou-se com a formação destes jovens, que não tinham acesso à escola, porque considerava a ignorância como o maior inimigo da sociedade cristã e da fé.

O primeiro interesse pela formação de jovens camponeses ter-lhe-á nascido, porém, em Vinebre. No ano lectivo de 1868-69, devido às convulsões políticas então registadas, os Seminários espanhóis estiveram fechados. Henrique viu-se assim forçado a permanecer em Vinebre, onde contactou com jovens camponeses e começou a nascer nele a vontade decidida de os ajudar. De regresso a Tortosa, em 1870, reuniu primeiramente alguns rapazes mais praticantes e com eles fundou uma Associação Religiosa, com o nome de Associados da Puríssima Conceição, aberta a todos os jovens agricultores. Reuniam-se os membros desta Associação, escutando o nosso pedagogo, junto ao altar da Virgem, na igreja de Santo António Abade, patrono do grémio de lavradores, altar esse que, segundo Altés y Alabart, fora pago por Henrique de Ossó com algumas esmolas que recolheu. Tinha uma especial predilecção por ele; foi diante daquela imagem da Imaculada que germinaram e floresceram a maior parte das suas obras de zelo.⁷⁰

3. 3. Das jovens

Henrique ocupou-se também da formação religiosa das jovens, tendo neste âmbito criado a Associação das Filhas de Maria e Teresa de Jesus.

No dia 12 de Outubro de 1873, trezentas jovens, reunidas na igreja de Santo António, em Tortosa, ouvem de Henrique de Ossó a explicação dos princípios em que essa

⁶⁶ Félix Sardá y Salvany foi um sacerdote catalão, nascido em Sabadell a 23 de Maio de 1844, importante pelo seu trabalho de propagandista, apologista e polemista católico, que teve eco em toda a Espanha. A amizade com Henrique de Ossó começou no Seminário de Barcelona e perdurou toda a vida. Foi o censor de quase todos os seus escritos e da Revista Teresiana. (cfr. Volpe, Gloria, *op. cit.*, pp.7-8).

⁶⁷ Cfr. Sardá y Salvany, Félix, “Censura” em Ossó, Enrique de, *Guía practica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la doctrina cristiana*, 2ª ed., Tipografia Teresiana, Barcelona, 1906, p.3.

⁶⁸ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.48, nota (1).

⁶⁹ Isto mesmo se pode constatar através da leitura das canções e das orações aos Santos de maior devoção em Espanha, apresentadas entre as pp. 287 e 372 do *Guía práctica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la Doctrina Cristiana*.

⁷⁰ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.50.

⁷¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento para la Archicofradía Teresiana*, em EEO, Vol. I, p.206.

Associação assenta. Trata-se de formar grupos de jovens cristãs com uma espiritualidade apostólica bem definida. Não-de ser jovens que participem conscientemente na missão da Igreja. Henrique de Ossó lança-lhes o apelo: - “ O mundo vai envelhecendo... extingue-se a luz da fé e apaga-se a chama da caridade. A decrépita Europa morre, com o seu coração gelado, do qual se pode julgar ser retirado o calor do sangue de Cristo. (...). Algumas brasas do fogo divino ocultas sob a capa de cinza que as nossas culpas amontoaram, esperam que um sopro poderoso as avive, que uma mão aproxime o combustível para produzir o fervor de melhores dias. Onde está essa mão? Onde está esse sopro? Quem renovará esses carvões que se vão apagando, até tirar-lhes chispas que percorram a terra, e acender chamas que cheguem ao céu? Vós... (...) sendo vós, sendo a mulher católica o maravilhoso condutor...é como esse fogo se comunicará ao mundo. ”⁷¹ .

A 15 de Outubro desse ano, na igreja do Seminário, perante o Bispo de Tortosa, D. Benito Vilamitjana, sete jovens comprometem-se solenemente a fazer parte da Associação das Filhas de Maria Imaculada e Teresa de Jesus, aceitando, assim, viver de uma forma mais responsável a sua vocação de cristãs.⁷²

A Associação estava aberta a toda a jovem católica, independentemente da sua condição social e do seu trabalho. “ Aliás, na Associação de Maria e Teresa de Jesus cada uma de vós se encontrará na sua própria casa. Sois nobres e de berço ilustre? (...) Sois artesãs? (...) Sois lavradoras?... ”⁷³. A única condição necessária para pertencer à Associação das Filhas de Maria Imaculada e Teresa de Jesus era ser-se católica e espanhola, tal como o seu modelo, Santa Teresa de Jesus.

Os objectivos que Henrique de Ossó lhes aponta, são muito claros e definidos. - “O fim da minha Associação é o mesmo que nos propõe a Igreja ao admitir-nos no seu grémio... Não se trata de que entreis para monjas, nem sequer de carregar-vos com novas obrigações ou de impor-vos duros sacrifícios: só se trata de que sejais cristãs de verdade, e de facilitar-vos os meios para sê-lo.”⁷⁴. Das suas palavras concluímos que, nesta altura, ele ainda não assumia querer ser o fundador de uma nova Congregação.

Com data Outubro de 1873, ano da fundação da Associação das Filhas de Maria e Teresa de Jesus, Henrique de Ossó escreveu *Reglamento e orações de visita da Arquiconfraria de Jovens Católicas Filhas de Maria Imaculada e Santa Teresa de Jesus*. Dois anos depois, o Papa Pio IX elevou a Associação à categoria de Arquiconfraria, através do Breve de 17 de Dezembro de 1875: “Atendendo aos frutos abundantes de santidade que produz nas almas a Associação de Jovens católicas, a elevamos à categoria de Arquiconfraria primária com todos as honras, direitos, prerrogativas e indulgências correspondentes.”⁷⁵

Em 1874, para ajudar as jovens a orar segundo o modelo da Santa de Ávila, escreveu o livro *O quarto de hora de oração segundo a doutrina e ensinamentos de Santa Teresa de Jesus*. Este livro foi tão divulgado e apreciado que, durante a curta vida de Henrique de Ossó, foram publicadas 15 edições, impressas em Barcelona pela Tipografia Católica de Miguel Casals.⁷⁶

Em 1889, publicou um outro livro para ajudar as jovens da Associação, que considerou como sendo a coroa da sua formação e que intitulou de *Tesouro da Juventude*.

⁷² Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p.60.

⁷³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento para la Archiconfradía Teresiana*, p.206.

⁷⁴ *Ibid.*.

⁷⁵ *Ibid.*, p.198.

⁷⁶ Cfr. *Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló*, Roma, 1977, Vol. I, p. 237.

3. 4. De crianças

No ano de 1875, como se pode deduzir da leitura do n.º 39 da Revista Teresiana foi publicado o livro *Viva Jesus!, ou seja meditações sobre a Infância e vida oculta de Jesus Cristo segundo os ensinamentos de Santa Teresa de Jesus*, que Sto. Henrique de Ossó escreveu, dedicando-o “...[às] Filhas de Maria Imaculada e Teresa de Jesus mais novas...”⁷⁷. Nessa dedicatória revela o interesse particular que as crianças lhe merecem: “Vós, a porção mais terna e delicada e a mais inocente do rebanhito da Virgem Maria e Teresa de Jesus, necessitais mais que todas as vossas irmãs mais velhas, cuidado e dedicação especiais.”⁷⁸. Utiliza a denominação de *rebanhito*, nome dado à Associação que fundou para elas, como passamos a apresentar.

Sto. Henrique conta-nos, no seu livro *O quarto de hora de oração*, a génese da Associação para crianças a que deu o nome de Rebanhito do Menino Jesus. Foi num momento de oração e leitura do livro *Viva Jesus!* na Igreja da Arquiconfraria de Tortosa, que duas jovens da Arquiconfraria sentiram o desejo de ajudarem as crianças na sua formação religiosa. Comunicaram a ideia ao nosso pedagogo que a transformou imediatamente na fundação de uma Associação “ [Um] Rebanhito do Menino Jesus, das meninas que ainda não comungam, e ensiná-las a fazer todos os dias o quarto de hora de oração...”⁷⁹. Como principal objectivo, pretende que “...[como] o Menino Jesus ver-se-ão crescer... para ser com o tempo perfeitas cristãs, consolação dos seus pais, honra da Religião e fervorosas Teresianas que regenerarão o mundo, embalsamando-o com o bom perfume das suas virtudes.”⁸⁰. Como meios para conseguir esse objectivo, apontou “ Um pouco de zelo da parte das Pastorinhas que cuidam estas almas; a prática de fazer o quarto de hora de oração, se não for todos os dias, pelo menos nos dias festivos; alguma celebração extraordinária para avivar o seu fervor, e alguma conferência do Director, e sobretudo prémios, muitos prémios e mimos para ajudar a sua inconstância...”⁸¹.

Alguns anos depois, quando a Associação já estava em franco desenvolvimento e depois de já ter organizado a Arquiconfraria e de ter fundado a Companhia de Santa Teresa de Jesus, escreveu dois livros dedicados às crianças do Rebanhito do Menino Jesus: *Regulamento e preces do rebanhito do Menino Jesus de Teresa* (1881) e *Tesouro da infância* (1892).

O nosso autor, dedica o livro *Tesouro da infância* primeiro, às “ovelhinhas” do Rebanhito e logo a seguir a todas as crianças: “Não vos tenho esquecido, meus queridos meninos [do Rebanhito] nem posso esquecer-vos, porque vos amo muito no Senhor, pois recordais-me o Menino Jesus, e o que se ama muito nunca se esquece.”⁸².

Henrique de Ossó apresenta às crianças as verdades cristãs numa linguagem simples. Conta-lhes parábolas ou exemplos extraídos da vida, algumas vezes com carácter autobiográfico, como, por exemplo, a devoção a S. José, a S. Miguel, a Santa Teresa de Jesus e o amor à Igreja. Indica-lhes regras práticas, como bons meios para gravar nas suas mentes as verdades e as virtudes da vida cristã. Valoriza a formação de bons costumes, através do cumprimento das regras práticas, indicadas no *Regulamento*. Acredita que os bons costumes ajudam as crianças a serem boas e virtuosas e a viverem com menos dificuldades - “Como o primeiro que se aprende é o último que se esquece...com a prática constante ou o santo costume, custar-te-á muito pouco ser bom e perseverar na virtude.”⁸³.

⁷⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Viva Jesús!*, em EEO, Vol. I, p. 482.

⁷⁸ Ibid..

⁷⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *El cuarto de hora de oración*, em EEO, Vol. I, p.431.

⁸⁰ Ibid., p.432.

⁸¹ Ibid., pp.432-433.

⁸¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tesoro de la niñez*, em EEO, Vol. I, p.1254.

⁸³ Ibid., p.1309.

3. 5. De homens

Para os homens, de qualquer profissão e condição social fundou em 1875, a Irmandade Josefina, sob a protecção de S. José⁸⁴, para combater e destruir o reino do mal.⁸⁵ Como meios para atingir este fim propunha "...a oração, o zelo pelos interesses de Jesus e Maria, a fuga da ociosidade, procurando santificar-se com as obras ordinárias do seu estado e o não envergonhar-se de ser e parecer cristão..."⁸⁶, como se pode ler nos Estatutos da Irmandade Josefina que, para apoiar os sócios, Henrique de Ossó escreveu em Março de 1876.

Ainda a pensar na formação da Irmandade, no ano de 1890 termina, em Montserrat, a 19 de Novembro, o livro *O Devoto Josefino*. Em 1894, reedita-o numa segunda edição à qual junta os *Estatutos da Irmandade Josefina com o acto de admissão e outras orações próprias da mesma*. No início desse livro, escreve uma Advertência ao leitor, onde explica saber que muito se tem escrito sobre S. José, que tem consciência de não ser original, mas que lhe daria sempre grande alegria saber que, com esta obra, tinha conseguido despertar ou avivar a devoção a esse santo, nem que fosse num só leitor.⁸⁷

Seguindo o gosto da época, também Henrique de Ossó, na redacção deste livro, apresenta os *Regulamentos* para os sócios, todo o devocionário, e o catecismo sobre o santo.

IV - Da fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus até à morte (1876 - 1896)

1. A fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus

De todas as suas obras, a mais importante que Henrique de Ossó levou a cabo foi, sem dúvida, a fundação de uma congregação religiosa dedicada à educação da infância e da juventude, formada por mulheres que livremente quisessem seguir o modelo de santidade de Santa Teresa de Ávila.

A concepção da ideia que gerou a fundação desta congregação religiosa formou-se em Henrique de Ossó a partir da Arquiconfraria e do ensino escolar das crianças. No princípio de Janeiro de 1876, D. Madalena Mallol, uma professora muito conhecida em Tarragona, responsável por várias escolas dessa cidade, pediu ao nosso pedagogo que lhe indicasse algumas das jovens da Arquiconfraria para colaborarem com ela no ensino das crianças. Henrique de Ossó deu conhecimento às Associadas desse pedido e recebeu a

⁸⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Estatutos de la hermandad Josefina con el acto de admisión y otras oraciones propias de la misma*, em EEO, Vol. I, p.960-966. Assinam o pedido de aprovação da Irmandade, feito ao Bispo D.Benito Vilamitjana os seguintes membros: " Felipe Tallada, procurador. - Zacarias Albesa, arquitecto.- Martín Puertolas, catedrático.- Juan Balaguer, carpintero.- Ramón Cerveto, escultor. - José Echevarría, labrador. - Manuel Balaguer, estudiante. -José Zaragoza, estudiante.- Vicente Besalduc, albañil. - Juan Ayec, cerrajero..." (ibid. p .962).

⁸⁵ Ibid., p. 960.

⁸⁶ Ibid., artº10, p.965

⁸⁷ Ibid., pp. 977- 978.

adesão de sete jovens⁸⁸ que, desejando ser professoras, quiseram começar a trabalhar nessa actividade. D. Madalena tinha prometido que se encarregaria de as ajudar na formação académica para o magistério, mas, apesar das jovens terem iniciado o seu trabalho, a professora não cumpriu o que prometera em relação à sua formação académica. Perante o desagrado e insatisfação das jovens que viam a impossibilidade de concretizar o seu sonho, Sto. Henrique começou a pensar na ideia de fundar uma congregação dedicada ao ensino:

“Pensando no que poderia fazer por estas boas e corajosas jovens que tinham deixado por uma simples indicação nossa – ainda que talvez por sua conveniência com o desejo de conseguir obter o título de professoras - casa e pais, na noite memorável do dia 2 de abril, festa do Fundador dos Mínimos S. Francisco de Paula, que naquele ano era domingo de Paixão, não dormindo durante a noite com este pensamento, o que raramente me acontecia, pois durmo bem, despertei pelas três horas da madrugada, conforme recorde. E estando a pensar, veio-me a ideia: ou Congregação (ou) Associação, com o título de Companhia de Santa Teresa de Jesus, Filhas da Companhia de Santa Teresa de Jesus, à qual dediquei a Revista há quatro anos, e três que havia fundado a Arquiconfraria Teresiana...”⁸⁹

No dia 23 de Junho de 1876, com a aprovação do Arcebispo de Tarragona e do Bispo de Tortosa, fundou-se, em Tarragona, a Companhia de Santa Teresa de Jesus, com nove jovens que, na Igreja de Nossa Senhora do Ensino, se comprometeram a viver em Comunidade, observando as Regras da nova Companhia, sob a direcção do seu Fundador.⁹⁰ A partir desta altura, Henrique de Ossó redobrou a sua actividade para acompanhar, orientar e apoiar esta Associação Teresiana que passou a ser o centro dos seus cuidados.

É vasta e variada a obra escrita que Henrique de Ossó deixou à Companhia de Santa Teresa de Jesus, quer ao nível da animação e orientação espiritual, quer ao nível das directrizes pedagógicas. Escreveu sobre a organização e governo da Companhia de Santa Teresa de Jesus, regulamentos, orações, devoções, textos religiosos e escolares, planos e métodos para orientar nos estudos as professoras e as alunas.

Desde o início, o Fundador empenhou-se em que as Professoras Teresianas tivessem a melhor formação, com docentes competentes no campo das ciências, das letras e das belas artes. Profundamente consciente de que a ciência ocupava um lugar privilegiado na sociedade do seu tempo, escreveu e publicou, no ano de 1882, a obra intitulada *Plano provisório de estudos da Companhia de Santa Teresa de Jesus*, onde, logo no início, pede às: “... escolhidas para formar a Companhia de Santa Teresa de Jesus [que aspirem] a ser santas e sábias tomando por modelo à sua Seráfica Mãe e Doutora Santa

⁸⁸ Existe uma cópia autenticada de um texto escrito pelo próprio Sto. Henrique de Ossó sobre a origem da Companhia, da qual se transcreve a seguinte passagem: “Nos primeiros dias do ano 1876, a Professora do ensino público Superior do Porto de Tarragona dona Madalena Mallol, escreveu-me, sem a conhecer, que lhe mandasse alguma jovem teresiana que quisesse estar com ela, que lhe ensinaria, que lhe daria de comer; que como se fosse sua filha. Sabedor, por quem devia, do comportamento da tal senhora que pedia, comuniquei esta ideia ao jovem presbítero P. Agustín Ferrer Coballo, e a P. López, catedrático do Seminário, os quais o indicaram à jovem fervorosa teresiana Dolores Lhorach... Depois de uns dias escrevia muito contente rogando fosse a sua irmã Madalena. Dona Madalena pediu mais jovens; com a ideia de que poderiam estudar e obter o título de Professoras ofereceram-se muitas, embora a tal dona Madalena não gostasse que lhes dissesse isto. (...) [Logo] foram reforçar o número Ana Girona, de Calaceite; Josefa Audí y Josefa Venet, primas, de Tortosa e Cinta Talarn, de Roquetas; todas corajosas teresianas. (...) Reforçou também este número Dolores Esteve, de Calaceite... Depois de alguns dias começaram a queixar-se, que a professora antes de as mandar estudar as enviava a ensinar, e tratar da comida, lavar, etc. Tantas foram as queixas que talvez tenham dado oportunidade de que nascesse a ideia da Companhia...” (cfr. S/a, *La Compañia de Santa Teresa de Jesus*, 1876-1932, Ed. S.T.J., Barcelona, 1969, pp.19-20).

⁸⁹ Ibid. p. 20.

⁹⁰ Nuns «Apontamentos de Datas importantes» Henrique de Ossó escreveu: “No dia 23 de Junho de 1876, festa do Sagrado Coração de Jesus, em Tarragona: Nasceu a Companhia de Santa Teresa de Jesus, isto é, fundou-se, depois de dez dias de muito fervorosos Exercícios espirituais em que resolveram abraçar tal Instituto, nove animosas jovens teresianas”. - Estas nove jovens foram: Dolores Lhorach, Josefa Teresa Audí, María Cinta Talarn, Teresa Blanch, Josefa Venet, Dolores Esteve, Basilisa Bielsa, Dolores Boix, Dolores Piñol. As três últimas não fizeram parte do grupo que trabalhou com D. Madalena Mallol. (cfr. Ibid., pp. 33-34).

Teresa de Jesus...⁹¹ e que vejam a ciência, “...como a agulha que introduza o fio de ouro da caridade e amor da Religião em muitíssimas almas...”⁹². Para conseguir esse fim, ordena o seguinte:

“ As Filhas da grande Doutora Teresa de Jesus devem dedicar todos os momentos, que lhes deixem livres os exercícios de piedade, ao estudo daquelas matérias ou disciplinas, que formam o caudal de conhecimentos que se exigem para ser úteis professoras; (...). Deveis ser mártires, se for necessário, do estudo, para desempenhar, ou dispor-vos a desempenhar frutuosamente, o sublime apostolado do ensino.”⁹³.

Henrique de Ossó, a partir de 1878, cessou as funções de Professor no Seminário, para se dedicar mais à Companhia. Na revista *Santa Teresa de Jesus*, deu a conhecer aos seus leitores os sucessos da jovem Congregação, o crescimento das vocações de Teresianas e a expansão das obras e colégios.

Quando, no ano de 1896, inesperadamente, Henrique de Ossó faleceu em Gilet (Valência), na noite de 27 de Janeiro, com 55 anos, a Companhia de Santa Teresa de Jesus contava 20 anos de existência e estava já expandida em Espanha, Portugal, Argélia, Uruguai e México.

2. Outra actividade pedagógica neste período

Após a fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus, o nosso pedagogo dedicou-se preferencialmente a esta obra como seu Director e impulsor. Profundamente convicto da importância do ensino metódico e constante, de bons pedagogos e de bons livros escolares para a educação, institucionalizou pedagogicamente a Escola de Santa Teresa de Jesus e dedicou-se a escrever alguns livros de texto, próprios para essa Escola, planos, regulamentos e princípios pedagógicos. Sobre os livros, afirmou: “Os livros da Escola de Santa Teresa de Jesus terão a censura e aprovação da Igreja ... são alimento de vida, ou veneno de morte, e muitos por não ser bons ou exactos vos induzirão ao erro, o que seria o pior de todos os males ...”⁹⁴.

Em 1891, iniciou a publicação da colecção *Livros de texto da Escola de Santa Teresa de Jesus*, dirigidos à formação da infância e da juventude, segundo o seu plano para três níveis, que assim descreveu:

“... pedimos ao Céu que nos dê tempo e graça para levar a cabo o nosso plano, assim como no-lo inspirou, e possamos assim oferecer-vos um corpo de doutrina completo, exacto, perfeito. Com este fim oferecemo-vos em diversos pequeninos tomos, divididos, em *Rudimentos*, *Compêndio*, e *Curso Superior*, tudo quanto convém saber às vossas inteligências, de todas as ciências ou disciplinas que vos indicarem. Porque assim como em todas as coisas há princípio, meio e fim, assim também os *Rudimentos* de cada ciência corresponderão ao princípio, ou ao despertar, ou à infância da vossa inteligência, o *Compêndio* ao meio, ou ao vosso desenvolvimento, e o *Curso*

⁹¹Cfr. Ossó, Henrique de, Plan Provisional de estudios en la Compañía de Santa Teresa de Jesús, em EEO, Vol. II, p. 232.

⁹² Ibid., p.233.

⁹³ Ibid., pp.232-233.

⁹⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *La Escuela de Santa Teresa de Jesús*, em EEO, Vol. II, pp. 392-393.

Superior ao fim ou à idade perfeita.”⁹⁵.

O plano era amplo, mas Sto. Henrique de Ossó não o chegou a cumprir. Começou pela infância e para ela escreveu os seguintes livros que tiveram várias edições ainda durante a sua vida: *A Escola de Santa Teresa de Jesus* (1891); *Rudimentos de Religião e Moral* (1891); *Rudimentos de História de Espanha* (1891); *Páginas do céu, ou seja leitura das Obras de Santa Teresa de Jesus escolhida para a infância* (1892); *Civismo. As suas regras fundamentais* (1893).

Para ajudar as professoras e as alunas a praticarem a avaliação contínua, em ordem a progredirem e a comunicarem-lhe semanalmente os seus resultados, escreveu, em 1885, em forma de questionários, o livro *Exames*.⁹⁶

Outra preocupação do nosso pedagogo foi oferecer às educandas e às Professoras da Escola de Santa Teresa de Jesus, orientações de comportamentos e de disciplina nos centros escolares teresianos. Com esse fim escreveu, em 1890, *O meu Regulamento*⁹⁷. Quis escrever também uma Pedagogia ou Filosofia da Educação para a Escola Teresiana; mas ficou só num esboço, que escreveu em forma de apontamentos no verão de 1894, em Roma. Dedicou esse pequeno ensaio às professoras da Infância, com o título de *Apontamentos para um livro de Pedagogia. Pensamentos sobre Pedagogia*.⁹⁸

Não foi só a animação do ensino e da educação na Escola Teresiana que, nestes anos, ocupou a atenção e a actividade de Henrique. Manteve, também, uma copiosa correspondência com sacerdotes, religiosas da Companhia de Santa Teresa de Jesus, familiares, amigos, associados das suas obras... Essas cartas⁹⁹ foram para ele e para os seus destinatários a melhor forma de orientar, dinamizar e acompanhar as obras e actividades de ensino e de apostolado.

A expansão da Escola Teresiana foi acompanhada pelo nosso autor em todas as suas componentes. Seguiu de muito perto os projectos para a construção dos colégios Teresianos, em cuja estrutura deixou as marcas do seu forte Teresianismo. A assinalar isto mesmo, ficou como um dos exemplos mais ricos e mais belos a Casa Mãe da Companhia, em S. Gervásio, Barcelona, construída a partir de um projecto inspirado nos escritos de Santa Teresa de Jesus - *O castelo interior* - levado a cabo pelo famoso arquitecto catalão Antonio Gaudí. Hoje, nos livros de arte e nos guias turísticos de Barcelona, aparece o Colégio Teresiano como monumento artístico, junto às outras criações de Gaudí.¹⁰⁰

Henrique de Ossó continuou a apoiar todas as Associações que fundou e a desempenhar proficuamente o cargo de director da revista *Santa Teresa de Jesus*. Através dela, impulsionou até à sua morte toda a vida das suas obras. Foi também propagandista do grande amor ao papa Pio IX e ao seu sucessor, o Papa Leão XIII. Esteve presente em Roma em 1870, por ocasião do Concílio Vaticano I e, através da revista *Santa Teresa de Jesus*, entusiasmou os espanhóis que, em número de oito mil, participaram na grande peregrinação a Roma, em Outubro de 1876, para visitarem e apoiarem Pio IX.¹⁰¹ De Leão XIII, Henrique de Ossó reescreveu, com o intuito de as apresentar a todo o povo na forma de catecismos, duas Encíclicas: a *Humanum Genus* de 1884, sobre os perigos da Maçonaria, foi apresentada por Henrique no mesmo ano de 1884, com o título de *Catecismo acerca da Maçonaria*¹⁰²; no ano de 1891, a *De opificum conditione* será por ele

⁹⁵ Ibid..

⁹⁶ Ossó, Enrique de, *Exámenes*, em EEO, Vol .II, pp. 439-463.

⁹⁷ Ossó, Enrique de, *Mi Reglamento*, em EEO, Vol .II, pp. 473-500.

⁹⁸ Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de Pedagogía. Pensamientos sobre Pedagogía*, em EEO, Vol. II, pp. 742-789.

⁹⁹ Muito desse epistolário encontra-se em Ossó, Enrique de, *Cartas*, Edições STJ, Barcelona, 1969 e também na já referida obra de Gloria Volpe *Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany*.

¹⁰⁰ Cfr. González, M., *Don Enrique de Ossó, o la fuerza del sacerdocio*, pp.311-318.

¹⁰¹ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op .cit.*, p.81.

¹⁰² Ossó, Enrique de, *Catecismo acerca de la Masonería*, sacado a la letra de Encíclica « Humanum Genus» de nuestro padre amantísimo León XIII, em EEO Vol. III, p. 103-190.

divulgada em todos os territórios de língua espanhola com o título de *Catecismo dos operários e dos ricos*.¹⁰³

Através da revista *Santa Teresa de Jesus*, Henrique de Ossó divulgou ainda, a sua grande ambição de que esta Santa espanhola e Doutora da Igreja, Teresa de Jesus, fosse conhecida e amada por todos os católicos do mundo inteiro. Entusiasmou os leitores da revista a participarem nas peregrinações teresianas que ele organizou juntamente com outros sacerdotes e bispos, aos lugares relacionados com a vida e a morte de Santa Teresa de Jesus. No ano de 1877, data da primeira peregrinação teresiana, escreveu na revista *Santa Teresa de Jesus* o projecto que surgiu de uma reunião realizada em Alba de Tormes com muitos sacerdotes peregrinos, bispos, e carmelitas, de fundarem entre todos uma Associação, conhecida por Irmandade Teresiana Universal. Nas palavras do nosso autor, “A Irmandade teresiana vem satisfazer essa aspiração universal, esse grito da alma entusiasmada perante a grande figura de Teresa.”¹⁰⁴. A universalidade do seu sonho abarcava ainda a fundação de outra associação, os Missionários Teresianos, conforme ele refere: “E se um dia, que pensamos não ser distante, conseguimos reunir à volta da grande figura de Teresa a hoste de missionários teresianos, então a obra teresiana será exacta, completa, perfeita. E Espanha e o mundo inteiro se renovará, porque a todas as partes chegará a influência salvadora, a acção vivificante de Teresa de Jesus.”¹⁰⁵. Para Henrique de Ossó os Missionários Teresianos deviam desempenhar uma acção educativa, sendo “...santos e sábios sacerdotes, bons letrados e excelentes pregadores...”¹⁰⁶. Tanto a Irmandade Teresiana Universal como os Missionários Teresianos, ficaram em projecto, porque a vida de Henrique de Ossó chegou ao fim antes de poder consolidar as suas obras.

3. A morte

Nada parecia fazer prever a morte do nosso pedagogo aos 55 anos, ocorrida, como já foi dito, no dia 27 de Janeiro de 1896, pela meia noite, em Gilet, Valência, no convento Franciscano de Sancti Spiritus.

Henrique de Ossó, sacerdote activo e dinâmico, mostrou sempre uma grande tendência para unir o trabalho intenso e diversificado ao silêncio e à contemplação. A provar isso, estão os tempos longos que passava em lugares desertos, como Montserrat, o Deserto das Palmas e outros. Naquele mês de Janeiro de 1896, escolheu Gilet, onde não era conhecido nem conhecia ninguém, para um período de retiro. Queria aí passar um tempo longo de silêncio e recolhimento para rezar, descansar e escrever.

Chegou no dia 2 de Janeiro. No dia 6, festa da Epifania, pregou aos franciscanos na igreja do convento e começou os exercícios espirituais que duraram até ao dia 13. Altés y Alabart, confirma que, nesta altura, Henrique parecia gozar de muito boa saúde e alternava os seus estudos e trabalhos intelectuais com a oração e com os passeios nos arredores do convento na companhia dos religiosos ou de algum pároco vizinho. Confirma, ainda, que, neste mês de Janeiro, o nosso pedagogo ocupava algum do seu tempo a escrever o *Pequeno tratado sobre a vida mística*¹⁰⁷.

Francisco Domingo Payá, religioso franciscano de Gilet e confessor de Henrique de Ossó durante esse mês, dá-nos contas do que foi a sua vida no convento e como ocorreu a morte na noite de 27 de Janeiro, numa carta datada de 11 de Fevereiro de 1896 e dirigida ao P. Francisco Marsal:

¹⁰³ Ossó, Enrique de, *Catecismo de los obreros y de los ricos*, sacado a la letra de la Encíclica « De opificum conditione » de nuestro amantísimo Padre León XIII, em EEO, Vol. III, pp. 141 - 186.

¹⁰⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Para la Hermandad Teresiana Universal*, em EEO, Vol. I, p.1325.

¹⁰⁵ Ibid. p.1326.

¹⁰⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Para los Misioneros de Santa Teresa de Jesús*, em EEO Vol. I, p.1342.

¹⁰⁷ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, p. 210.

“Passou vinte e sete dias connosco. (...). Aqui deu os últimos retoques a uma novena que tinha escrito para oferecer à Conceição Imaculada de Maria Santíssima. Aqui escreveu um pequeno opúsculo para propagar o amor a Jesus Cristo. Aqui escreveu uma Novena do Espírito Santo. Aqui redigiu uma carta para os confesores das suas Religiosas, dando-lhes sapientíssimos conselhos para a direcção das mesmas. Aqui estava formando as Constituições para uma nova congregação de sacerdotes, chamada Oratório de Santa Teresa. (...). Neste estado o surpreendeu a morte na segunda-feira, 27 do passado mês de Janeiro, perto da meia-noite. Ao sentir o forte ataque de apoplexia, subiu a escada para chamar e pedir auxílio, e mal deram conta, dois Padres e um Irmão, puseram-no logo na cama com grande angústia, e ao perguntar-lhe se queria alguma, expirou. (...). Na manhã seguinte, chegaram a este Convento, para o seu enterro, o P. Provincial dos Carmelitas descalços, um sacerdote amigo do finado, a Superiora geral da Companhia de Santa Teresa, do colégio de Barcelona e mais duas religiosas¹⁰⁸; já não puderam ver o seu cadáver, enterrado no nosso cemitério.”¹⁰⁹.

Por toda a Espanha e pelos países onde as comunidades Teresianas já tinham chegado, foi com dor que se espalhou a notícia do falecimento de Henrique de Ossó. A Imprensa Católica dedicou-lhe artigos necrológicos. Na *Semana Católica*, de Madrid, escreveram-se estas palavras:

“A vida do fervoroso Presbítero foi a de um santo, os seus trabalhos os de um apóstolo, as suas tribulações as de um mártir, as suas obras literárias semelhantes às dos doutores dos últimos tempos, o seu entusiasmo por Santa Teresa de Jesus, indescritível.”¹¹⁰.

Mas foi sobretudo a revista *Santa Teresa de Jesus* que, nos meses de Fevereiro, Março, Abril e Maio desse ano, mais noticiou a morte e deu a conhecer a vida do nosso autor. Altés y Alabart assumiu o cargo de director da revista e são suas estas expressões:

“ O Padre Henrique morreu! Estas foram as primeiras palavras que no dia 28 do mês passado, pela manhã, ouvimos, com espanto, ao sair à rua... E ficámos mudos, espantados, sem movimento, feridos no mais profundo do coração, sem saber o que pensar, nem sentir, nem dizer palavra, em tais momentos. (...). Sim, leitores teresianos: o nosso Director Padre Henrique de Ossó...; o fervoroso, apaixonado apóstolo da devoção a Santa Teresa de Jesus...; o Fundador ilustre da popularíssima Arquiconfraria Teresiana, da benemérita “Companhia de Santa Teresa de Jesus”, do “Rebanhito do Menino Jesus; o autor piedosíssimo e suavíssimo de tantos livros, que, como o *Quarto de Hora de Oração* alcançaram em poucos anos 15 numerosas edições; o nosso amigo da alma e companheiro muito querido desde há mais de 40 anos, quase toda a vida, morreu! (...). Desde o Céu seguirás, segues amando... e favorecendo... as Irmãs da tua predilecta Companhia, espalhadas por Espanha, Portugal, África e América; às piedosas jovens da tua Arquiconfraria Teresiana que enchem Espanha; às associadas infantis do Rebanhito do Menino Jesus às alunas dos Colégios Teresianos, às crianças, que foram as tuas delícias; aos assinantes e leitores desta Revista, com os seus redactores; e a quantos conhecendo-te, te amaram na terra, e hoje choram inconsoláveis a tua tristíssima e inesperada separação.”¹¹¹.

¹⁰⁸ Eram Teresa de Jesús Blanch, Teresa de Jesús Pla e Agustina Alcoverro. A Superiora Geral, Rosario Elíes, estava doente. O sacerdote amigo era o capelão do Noviciado de Tortosa, P. Agustín Galcerán e o Padre Provincial dos Carmelitas era o P. Ramón Flors.(cfr. González M., *op. cit.*, p. 358).

¹⁰⁹ Cfr. Altés y Alabart, J.B., *op. cit.*, pp. 213 - 215.

¹¹⁰ Cfr. González, M., *op. cit.*, p. 359.

¹¹¹ Extractos da carta escrita pelo padre Altés y Alabart na revista *Santa Teresa de Jesus*, no mês de Fevereiro de 1896, colhidos em Altés y Alabart, J.B. *op. cit.*, pp. 359-362.

Na manhã do dia 4 de Fevereiro, celebraram-se solenes exéquias em Barcelona, na Casa Mãe da Companhia, presidindo o Bispo de Chilapa (México), D. Ramón Ibarra, assistido pelos padres Félix Sardá y Salvany e Buenaventura Rivas. Nessa cerimónia foram lidas duas mensagens de Roma que acabavam de chegar através do Cardeal Rampolla; uma, na qual este príncipe da Igreja informava a Companhia de ter sido nomeado pelo Papa Cardeal Protector do Instituto; a outra, de condolências pela morte do Fundador, em nome de toda a Igreja. Celebraram-se cerimónias semelhantes noutras cidades de Espanha e de outros países.¹¹²

Só depois de alguns anos após a morte é que as Irmãs Teresianas conseguiram as autorizações necessárias para obter a posse das cinzas do seu Fundador. Foi na manhã do dia 12 de Julho de 1908, que as Irmãs do Governo Geral, na presença de outras Teresianas, dos Franciscanos, de alguns sacerdotes, familiares e amigos de Sto. Henrique de Ossó, procederam à trasladação dos restos mortais do cemitério do Convento de Sancti Spíritus para um jazigo colocado na capela do Noviciado de Tortosa.¹¹³

Sabemos como a cidade de Tortosa foi tão importante para o nosso autor, que fez dela o centro de irradiação de toda a sua vida de apóstolo Teresiano. Em Tortosa, iniciou os estudos da carreira eclesiástica, passou a maior parte da sua vida sacerdotal no exercício da docência no Seminário, na catequese, na pregação, no periodismo, na educação e formação de crianças, jovens e adultos, através das Associações e da Companhia de Santa Teresa de Jesus. Foi, ainda, a partir do ano de 1878, por causa da construção do Noviciado

¹¹² Cfr. González, M., *op. cit.*, p. 363.

¹¹³ Cfr. Altés y Alabart, J.B. *op. cit.*, pp. 218- 222.

de Tortosa, que Sto. Henrique de Ossó foi alvo de incompreensão dos próprios amigos¹¹⁴, com isso sofrendo, naturalmente. Por conseguinte, devia ser em Tortosa que os seus restos mortais deviam repousar. Aí continuam a receber a homenagem e veneração de todas as Teresianas.

4. Epílogo: breve informação sobre a Companhia de Santa Teresa de Jesus no séc. XX e sobre a canonização do seu fundador

No ano de 1893, o Governo Espanhol reconheceu a Companhia de Santa Teresa de Jesus como “Instituto religioso dedicado à educação do povo”. A aprovação Pontifícia do Instituto foi concedida mais tarde, em 1901, cinco anos após a morte do Fundador.¹¹⁵

A revista *Santa Teresa de Jesus*, que Henrique de Ossó fundou em 1874 e dirigiu até Janeiro de 1896, a partir de 1912, a Congregação substituiu-a pela revista *Jesús Maestro*, que tem vindo a ser publicada até à actualidade, com uma missão educativa, conforme podemos ler nas primeiras páginas do 1º número dessa revista: “Queremos educar dando às almas essa *têmpera teresiana*... queremos que o faça JESUS MESTRE”.¹¹⁶ Com carácter mais informativo criou-se em 1947 um Boletim com o título “Desde a Casa Madre”. Em 1966 passou a ter o título “Boletim S.T.J.” ou seja Boletim da Companhia de Santa Teresa de Jesus, que ainda actualmente continua sendo um meio de comunicação directa de informação e formação sobre a vida e a missão das Teresianas.¹¹⁷

Ao celebrar 25 anos de existência, a Congregação tinha alargado a sua acção educativa à América do Norte, América do Sul e Austrália. As Irmãs, ao sentirem as dificuldades colocadas pela situação política à sua acção nalguns países, como aconteceu em 1909, na Austrália, no ano de 1910 em Portugal e em 1915 no México, fecharam colégios e casas nestes países e voltaram-se para outros. Assim, saíram do México para iniciarem o trabalho nos Estados Unidos, em escolas paroquiais e residências universitárias. Saíram de Portugal e foram para o Brasil; abriram ainda colégios em Cuba, Argentina, Paraguai e Chile.¹¹⁸

Em 1924, as Teresianas regressaram a Portugal, onde o ambiente ainda não era de todo favorável ao ensino religioso, tendo aberto um colégio em Elvas. No México, prosseguiu e aumentou a perseguição, tendo sido suprimidas algumas casas.

Em 1925, a Companhia de Santa Teresa marcou a sua presença em Itália, com um colégio na cidade de Roma. Neste mesmo ano, foi iniciado nas dioceses de Tortosa e

¹¹⁴ Cfr. González, M. *op. cit.* pp. 275 - 302 : Trata-se daquilo a que o autor chama a “Via dolorosa de Henrique de Ossó”, concretizada no pleito judicial em que foi envolvido por causa da construção em que se empenhara de um convento de Carmelitas Descalças e do Noviciado da Companhia de Santa Teresa de Jesus, em Tortosa, no mesmo terreno que lhe tinha sido doado por D. Madalena de Grau y Gras. As Carmelitas apesar do parecer contrário de Ossó estavam convencidas que eram donas de todo o terreno e não querendo ter junto delas a Casa Colégio das Teresianas, pediram justiça à Cúria de Tortosa que decidiu que fosse derrubada. O próprio Arcebispo Vilamitjana, amigo de Ossó, não compreendeu a boa fé com que ele sempre actuou. O Congresso Especial da Sagrada Congregação para as causas dos Santos, reunido em Roma no dia 2 de Dezembro de 1975, tratou exaustivamente a questão judicial em volta do Noviciado de Jesus - Tortosa e concluiu que Sto. Henrique de Ossó durante todo este processo, destacou-se pelas virtudes da justiça e da caridade.

¹¹⁵ Para as duas informações dadas neste parágrafo cfr. Laveaga, M.C./ Rodríguez Briz, P./ Volpe Gloria, *Cien Años de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, Ed. STJ., Barcelona, 1983, pp. 40-42.

¹¹⁶ Cfr. Revista pedagógico Teresiana *Jesús Maestro*, Año 1, Nº 1, Tip. Teresiana- Ángeles 22 y 24, Barcelona, Marzo de 1912, p.4.

¹¹⁷ Cfr. Laveaga, M.C./ Rodríguez Briz, P./ Volpe Gloria, *Cien Años de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, Ed. STJ., Barcelona, 1983, pp.56 e 60.

¹¹⁸ *Ibid.*, p.45.

Barcelona o processo de beatificação do Fundador.¹¹⁹ Este processo foi longo, porque só no ano de 1979, no dia 14 de Outubro, o Sacerdote Henrique de Ossó y Cervelló foi elevado pela Igreja à glória de Bernini e apresentado como modelo luminoso do clero católico e glória preclara de Espanha, devoto de Santa Teresa de Jesus e Fundador exímio de uma florescente congregação de religiosas, a Companhia de Santa Teresa de Jesus.¹²⁰

Espanha atravessou um período histórico difícil de 1936 a 1939 devido à guerra civil entre os Nacionalistas e Republicanos. Foram assassinadas algumas Irmãs e a Congregação perdeu algumas casas e bens do seu património. Não podendo expandir-se em Espanha, nesta altura, verificou-se uma maior movimentação para Portugal, onde abriram a Casa - Noviciado em Braga, um colégio em Portalegre, uma residência universitária em Coimbra e um colégio-residência universitária no Porto.¹²¹

A Companhia de Santa Teresa de Jesus começou a obra missionária em Angola no ano de 1949; chegou à Venezuela no ano de 1948 e à Nicarágua em 1954. Quando, em 1961, as Irmãs Teresianas foram obrigadas a sair de Cuba por causa da perseguição religiosa, voltaram-se para a Colômbia e para França. Na América Latina impulsionam as Obras Sociais, como uma resposta aos apelos da Igreja pós-Conciliar.

A partir do Concílio Vaticano II, as associações fundadas por Henrique de Ossó, passaram a ter uma nova estrutura jurídica, com carácter de maior universalidade e abertas a todos sem discriminação de idade, sexo ou condição social. Passaram a constituir o Movimento Teresiano de Apostolado, também conhecido pela sigla M.T.A. abrangendo três ramos: crianças, jovens e adultos. Está aprovado pelo Conselho Pontifício para os Leigos e depende da Companhia de Santa Teresa de Jesus que exerce sobre este Movimento o papel de assessora e responsável do seu espírito, formando com ele a Família Teresiana.

A associação dos Missionários Teresianos, grande sonho de Henrique de Ossó, mas que não chegou a realizar, tornou-se realidade a partir de 1987, no México, com a redacção e aprovação das Constituições da Obra dos Missionários Teresianos e a constituição da primeira comunidade.¹²²

A sede do Governo Geral da Companhia, que desde a sua fundação esteve primeiro em Tortosa e depois em Barcelona, passou para Roma no ano de 1965, onde permanece actualmente.

No dia 16 de Junho de 1993, o Papa João Paulo II canonizou Henrique de Ossó e toda a Família Teresiana se alegrou porque foi reconhecido universalmente como Santo.

Nesta altura a Companhia de Santa Teresa de Jesus, conta com 145 Casas em Espanha, Portugal, Itália, França, Angola, Moçambique, Costa de Marfim, S. Tomé e Príncipe, Bolívia, Estados Unidos, México, Nicarágua, Venezuela, Colômbia, Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile, Cuba e Filipinas.

Hoje, como em 1876, Henrique de Ossó, feito memória na acção das Irmãs Teresianas, continua a apresentar propostas actuais de renovação da Igreja e da Sociedade, através da educação e do ensino. A sua acção educativa, pretende atingir a formação da juventude, de famílias cristãs, dar atenção especial à formação da mulher, mãe e educadora, e à educação das crianças, aspecto este último ao qual vamos dedicar o próximo capítulo.

¹¹⁹ Ibid., p.48.

¹²⁰ Cfr. Sagrada Família, Fr. Simeón de la, *Itinerario de una Glorificación, La causa de Beatificación y Canonización de Don Enrique de Ossó*, Separata del “Monte Carmelo”, Burgos 1979-80, p. 14.

¹²¹ Cfr. Laveaga, M. C. / Rodríguez Briz, P./ Volpe Gloria, *Cien Años de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*; Ed. STJ. Barcelona, 1983, pp.52-53.

¹²² Cfr. *Boletín STJ*, Roma, 1993, nº150, p.220.

CAPÍTULO SEGUNDO

PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

I. Os educadores da criança

1. A família

As crianças constituíram, para Sto. Henrique de Ossó, o alvo predilecto da acção educativa porque, segundo ele afirmou, “As crianças são os representantes das gerações vindouras; por isso, olhando a esse fim, deve-se olhar ao papel que cada um irá representar no palco do mundo, príncipe, pastor, doutor, lavrador, comerciante, mas sempre cumprindo os seus respectivos deveres.”¹²³. A educação da infância é, para ele, a tarefa mais importante, porque dela “...depende o futuro da religião e da pátria social.”¹²⁴.

Assim, os educadores, deverão “... cooperar eficazmente para que a criancinha venha a ser *feliz*..”¹²⁵. Para que a criança consiga este fim, através da educação, necessitam os educadores de utilizar meios tais como, “Bons exemplos, conselhos, práticas, exercícios, a verdade revelada, a razão, a experiência, a natureza, pais e professores, etc...”¹²⁶.

Os principais agentes dessa educação, na opinião do nosso autor, são “Deus, a Igreja, Pais e Professores e bom exemplo.”¹²⁷. Seguindo os princípios naturais, os pais e a família são os primeiros e principais educadores: “Os pais, parentes, os familiares ajudam à boa ou má educação, isto é natural, e são os pais os primeiros e principais pedagogos.”¹²⁸.

Tanto os pais como os professores precisam de conhecer a psicologia da criança sabendo tirar partido da sua curiosidade natural: “A curiosidade nas crianças é um desejo de querer saber; é, pois, e será louvável e conveniente saber fomentá-la ou tirar partido dela.(...) Seja pois uma obrigação sagrada de todos os pais e professoras satisfazer com verdade, a curiosidade das crianças, sabendo aproveitá-la, segundo a sua capacidade.”¹²⁹.

O bom exemplo dos pais e o seu bom entendimento com os outros educadores, é um dos meios mais importantes para a educação dos filhos:

“O meio mais eficaz é o bom exemplo. Por isso não há, nem pode haver pior praga, para um povo ou para uma nação do que um mau educador... (...). Os pais pedagogos nunca devem desaprovar, discutir, nem julgar, uns com os outros pelo que se fez, diante dos seus discípulos. Ninguém deve desfazer em segredo um castigo dado pelos pais ou professor, porque assim, os pedagogos tornam-se odiosos.”¹³⁰.

A mãe¹³¹ assume um papel de especial relevo para o nosso autor, que a apresenta, na sua pedagogia infantil, como a primeira e principal educadora, que recebe mesmo um mandato divino para essa sua tarefa:

“[Em] primeiro lugar as mães são as encarregadas pela Providência para formar o coração dos seus filhos... Uma mãe que continuamente tem o seu filho nos seus braços, reclinado sobre o seu seio, acariciado e mimado de mil

¹²³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes de Pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.744.

¹²⁴ *Ibid.*.

¹²⁵ *Ibid.*, p.777.

¹²⁶ *Ibid.*, p.749.

¹²⁷ *Ibid.*, p.766.

¹²⁸ *Ibid.*, p.745.

¹²⁹ *Ibid.*, pp.762-763.

¹³⁰ *Ibid.*, pp.776-777.

¹³¹ Vejam-se os artigos que Henrique de Ossó escreveu na Revista *Santa Teresa de Jesús* nos anos de 1880 a 1887, em forma de cartas dirigidas a uma mãe e sua amiga Teresa B. a fim de a aconselhar sobre a educação que deve dar aos seus filhos, ainda crianças. Cfr. Ossó, Enrique de, *Artículos sobre Educación y Enseñanza*, em EEO, Vol. III, pp. 885 - 928.

maneiras..., consegue imprimir-se, fotografar-se completamente no coração dos seus meninos.”¹³²

Assim, Sto. Henrique preocupou-se também com a formação das jovens que se preparam para desempenharem mais tarde proficuamente a sua missão maternal de educadoras, porque segundo refere: “... tal é o mundo, tanto vale uma nação, quanto valem as mães e os educadores que deram o ser aos seus filhos; e é sabido que tanto valem as mães quanto valem as jovens que num dia mais ou menos distante serão mães.”¹³³.

Quando a família não tem condições para poder educar, então, a escola e a professora (porque é na professora/educadora teresiana que o nosso autor está a pensar) deverão saber supri-los: “A escola ou a professora concorrem para a boa educação com arte e ciência e suprem muitas vezes com grande proveito, a falta dos pais descuidados o mau.”¹³⁴. Mas, para substituir a família, sobretudo a mãe, deve a professora teresiana ser formada no espírito cristão de amor e dedicação - “A mãe sempre atende ao seu filho com *cuidado*, com *amor*, com *sacrifício*. Sede, pois, mães verdadeiras, e isto basta e sem esta qualidade nada lhe bastará por mais que sejais sábias, iluminadas, etc.”¹³⁵ – e não esquecer, por conseguinte, que a verdadeira sabedoria depende do amor maternal, pelo que será deste amor maternal que as educadoras e professoras teresianas se deverão revestir até às entranhas, para utilizar esta própria e tão querida expressão de Henrique de Ossó:

“Deve revestir-se das entranhas de mãe... Como a mãe que cria, amamenta, acaricia, presenteia, sofre, ensina, corrige, avisa, prevê, ama com paciência, com constância aos seus filhinhos... assim deve ser a educadora da infância da Companhia de Santa Teresa de Jesus.”¹³⁶

Com estas características traça o perfil da verdadeira educadora de infância, que em suma, deve ter entranhas de mãe. Ao mesmo tempo que privilegiou a acção educativa da mãe, valorizou também a formação do coração das jovens que se preparam para desempenharem mais tarde proficuamente a sua missão maternal de educadoras, porque segundo refere,

“...tal é o mundo, tanto vale uma nação, quanto valem as mães e educadoras que deram o ser aos seus filhos; e é sabido que tanto valem as mães quanto valem as jovens que serão também mães, um dia mais ou menos distante.”¹³⁷

2. Os Catequistas

2.1. A qualidade essencial do bom catequista

Como resultado emergente da experiência e do amor que dedicou à infância¹³⁸, Sto. Henrique propôs que os catequistas tivessem como requisito uma qualidade pedagógica essencial: a capacidade para cativar as crianças.

¹³² Cfr. Ossó, Enrique de, *Revista Santa Teresa de Jesús* (1877), 249-251 em EEO, Vol. III, pp.837-838.

¹³³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento para la Archicofradía Teresiana*, em EEO, Vol. I, p.221.

¹³⁴ *Ibid.*, p.745.

¹³⁵ *Ibid.*, p.746.

¹³⁶ *Ibid.*, p.743.

¹³⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento para la Archicofradía Teresiana*, em EEO, Vol. I, p.221.

¹³⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*,... p.32.

Sendo a educação cristã dirigida a formar o coração da criança, ela pressupõe que o catequista conheça a psicologia infantil e saiba fazer-se estimar e respeitar pelos seus conhecimentos e pelas suas virtudes, sem abusar da sua autoridade, baseando a sua pedagogia no amor:

“Se quer fazer-se respeitar pelas crianças, deve fazê-lo pela autoridade do seu ministério, das suas virtudes e de uma firmeza suave, que usará muito raramente e com discrição quando for necessário, pois, a autoridade intimida; deve usar-se somente como um meio para passar dela ao amor que ganha os corações.”¹³⁹.

Para ganhar o coração das crianças, o catequista deverá tratá-la com doçura - “É, pois, essencial o fazer-se amar. Não se obtém, pois, o ser amado se não amando com um amor cheio de doçura...”¹⁴⁰ - e evitar, sempre atitudes ríspidas e intimatórias - “O rigor intimida-os e perturba-os; a dureza afasta-os; o tom severo, o ar sombrio, os modos ásperos, o mau humor, as expressões duras, as palavras injuriosas ou irónicas, e mais ainda os maus tratos, revoltam-nos e fazem perder toda a confiança, sem contar com os pais que se ofendem com isso e os paroquianos se escandalizam.”¹⁴¹.

2.2. Os principais educadores na fé: sacerdotes, pais e professores

Para o nosso pedagogo, a educação da infância será perfeita e completa se estiver baseada na religião e na fé.¹⁴² Quando o Bispo de Tortosa, D. Benito Vilamitjana, o incumbiu da organização da Catequese na cidade de Tortosa, escreveu *O Guia Prático do Catequista* “...com empenho pela organização e propagação da Catequese, através do ensino metódico e constante da Doutrina cristã à infância e à juventude...”¹⁴³. Preocupou-se, principalmente, com a formação de bons e zelosos catequistas: primeiramente, com os sacerdotes e logo a seguir com os leigos piedosos, professores e professoras; mas, sobretudo, com os jovens estudantes que se preparavam para o sacerdócio.

Não obstante, assinalou como principais responsáveis da educação cristã os párocos ou os sacerdotes, os pais e os professores: ” [A] educação Cristã da infância, e os meios para promover esta educação, estão ao cuidado do pároco ou dos sacerdotes, dos pais e dos professores. O pároco com o Catecismo e o confessionário, os pais com os seus bons conselhos, os professores confirmando os ensinamentos do pároco e dos pais.”¹⁴⁴.

2.3. Sacerdotes e seminaristas

Para Sto. Henrique, o trabalho principal de um sacerdote que desejasse transformar a sociedade era a catequese infantil: “O Catecismo, assim como é a última esperança de regeneração do mundo, deve ser o primeiro cuidado de um zeloso sacerdote. (...) Os meninos pois, e só os meninos, podem neste caso regenerar-lo. (...) Este é o único segredo infalível para obter uma restauração social em nossos dias, o cultivar a inocência, fazendo-a crescer na ciência de Deus e no amor da Religião.”¹⁴⁵.

Os sacerdotes, segundo os conselhos de Sto. Henrique de Ossó, devem manifestar paciência e muito amor às crianças à semelhança de Jesus Cristo que foi o grande amigo da infância:

¹³⁹ Ibid., p.102.

¹⁴⁰ Ibid..

¹⁴¹ Ibid..

¹⁴² Cfr. Ossó, Enrique de, *Artículos sobre Educación y Enseñanza*, em EEO, Vol. III, pp. 885- 928.

¹⁴³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*,... p.74.

¹⁴⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Revista Teresiana*, em EEO, Vol. III, pp. 830-831.

¹⁴⁵ Ibid., pp. 80-81.

“Com que prazer não deve o sacerdote tornar-se pequeno, pondo-se ao alcance das crianças e vencer à força de amor as penas inseparáveis da sua instrução, ele, a quem a caridade deve ter dado entranhas de pai, de mãe, as mesmas entranhas de Jesus Cristo, este adorável amigo das crianças...”¹⁴⁶.

Marcado pela experiência da catequese com as crianças, adquirida durante os anos de formação no seminário, Henrique de Ossó, após a ordenação sacerdotal, foi responsável durante alguns anos, pelo ensino e a organização da catequese na cidade de Tortosa, tendo como principais colaboradores, os seminaristas. O seu livro *Guia prático do Catequista*, destinado aos párocos e catequistas, dedicou-o, contudo, aos jovens estudantes do seminário, em sinal de gratidão pela ajuda deles recebida.¹⁴⁷

Pedia a esses jovens estudantes que pusessem “...em prática o ensino metódico e constante da Doutrina cristã às crianças, no modo e maneira que melhor pudessem, atendendo às circunstâncias de lugares, tempos e pessoas.”¹⁴⁸. Neste sentido, preconizou-lhes as seguintes características: boa preparação doutrinal, capacidade de falar para públicos diversificados e de ser bom comunicador, para além do requisito comum a todos os catequistas, de saberem fazer-se amar e admirar pelas crianças. Ao saber fazer-se amar pela criança, o seminarista catequista seria escutado com alegria, para o que contribuiria, também, que não recorresse a instruções longas e aborrecidas, ou seja, pelo contrário deveria sempre: saber ser breve, claro e atractivo.¹⁴⁹

2.4. As jovens da Arquiconfraria e as religiosas da Companhia

Segundo o pensamento do nosso autor, expresso no seu *Guia prático do catequista*, a educação da infância na fé, pertencia principalmente aos sacerdotes e seminaristas, aos pais e professores.

Mas no ano seguinte ao da publicação de *Guia prático*, portanto em 1873, no regulamento que escreveu para as jovens da Arquiconfraria, incumbiu-as de serem apóstolas da fé.

Apontou-lhes essa obrigação como principal dever de Associadas, dever esse, que teriam de exercer com humildade, obediência e modéstia, assim, apelando mais à pedagogia do bom exemplo do que ao ensino pela palavra: “Devem ser, pois, as Jovens católicas apóstolas da fé, pregando em casa e em todas as partes, na rua e na igreja, com a sua humildade, obediência e modéstia, quão boa é a Religião católica...”¹⁵⁰.

A isto acrescentou, em 1889, no livro *Tesouro da juventude*, três passos para a jovem associada se preparar para ser futura educadora da fé das crianças: primeiro aprender, depois praticar, e só em terceiro lugar ensinar -” Aprende, com o estudo e com os bons exemplos; age conforme estas lições santas; e ensina depois o que aprendeste e praticaste.”¹⁵¹.

Nos escritos sobre a orientação e governo da Companhia que o Fundador ofereceu às Irmãs em 1877, um ano após a sua fundação, fez-lhes saber que, entre outros meios de apostolado, deveriam dedicar-se à Catequese:

“ As da Companhia devem ser fazer o apostolado do Quarto de Hora de Oração entre as meninas e famílias cristãs por meio do Rebanhito do Menino Jesus, Catecismo, preparação para a primeira comunhão, escolas dominicais,

¹⁴⁶ Ibid., p. 84.

¹⁴⁷ Veja-se o relato histórico que o nosso autor faz no prólogo do livro *Guía práctica del Catequista*, sobre o trabalho desenvolvido com os seminaristas em Tortosa, nos anos de 1869 a 1872: “Começámos obra tão santa, com alguns jovens seminaristas...” (Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*, em EEO, Vol. I, pp.29-33.)

¹⁴⁸ Ibid., pp. 74-75.

¹⁴⁹ Ibid., pp.113-125.

¹⁵⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento para la Archicofradía Teresiana*,... p. 210.

¹⁵¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tesoro de la Juventud*, em EEO, Vol. I, p.798.

exercícios, etc.”¹⁵².

No *Plano de Estudos da Companhia de Santa Teresa de Jesus*, que escreveu em 1882, a pensar nas religiosas professoras, ao estabelecer os estudos mais importantes que estas deviam seguir, colocou em primeiro lugar o estudo do Catecismo.¹⁵³ Na lista dos livros de texto para os colégios da Companhia de Santa Teresa de Jesus, que Henrique de Ossó assinalou no *Plano de Estudos...*, o primeiro foi mesmo o Catecismo (o da Diocese na qual o colégio estivesse inserido), logo seguido de obras de Balme e de Sayol para a disciplina de Religião e Moral. As religiosas professoras, porém, não se deveriam ficar apenas pelo conhecimento das matérias incluídas nos livros de texto que deveriam empregar na catequese e nas aulas de Religião e Moral, pelo que, no próprio *Plano de Estudos...*, Sto. Henrique de Ossó ordenou que estudassem os oito tomos do *Catecismo de perseverança* da autoria de Gaume, Encina e Mazo.¹⁵⁴

Deu tanto relevo à educação religiosa nos colégios da Companhia, que aconselhou às religiosas professoras um especial cuidado na Catequese: “As Professoras procurarão inculcar nas suas alunas as máximas da nossa santa Religião... Ponham cuidado no ensino do Catecismo, explicando-o às suas discípulas...”¹⁵⁵.

Viu nos questionários ou exames, um meio de avaliação e progresso no ensino e da educação da fé; por isso, três anos depois de ter escrito o *Plano de Estudos* escreveu *Exame de Professoras*, no qual, uma das primeiras perguntas do capítulo III sobre *Ensino*, refere-se aos meios que a religiosa deve utilizar no ensino do catecismo e à aprendizagem das crianças. “Aprendem bem o catecismo com exemplos e são devotas de Jesus, Maria, José e Teresa de Jesus e do santo Anjo da guarda?”¹⁵⁶.

3. Mestras de Infância

Desde o início da Companhia, o Fundador quis que as religiosas assumissem a missão da educação, dedicando-se de preferência às crianças, meninas e meninos a partir dos dois anos. Assim escreveu no *Plano de Estudos...*:

“Haja uma escola de meninas pequeninas bem organizada em cada Residência, que seja como a escola preparatória para as outras classes superiores. (...). [Admitam] também como crianças, os meninos desde os dois ou três aos seis ou sete anos com a devida separação... e formem nos seus ternos corações e inteligências a imagem adorável do divino Menino Jesus com toda a perfeição.”¹⁵⁷.

A obrigatoriedade desta escola de crianças, que podemos designar de Jardim-de-infância, atendendo à própria idade das crianças que Sto. Henrique de Ossó queria que a frequentassem (três a seis/sete anos) em cada Residência da Companhia, foi baseada na importância que dava à infância, com destaque principal para a educação da menina, como futura mãe e educadora, sem esquecer a educação dos meninos, nos quais viu os melhores agentes de mudança das famílias e da sociedade através do sacerdócio, o que explicou nestes termos:

¹⁵² Cfr. Ossó, Enrique de, *Directorio Provisional*, em EEO, Vol. II. p.426.

¹⁵³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañia...* p.237.

¹⁵⁴ *Ibid.* p.264.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p.239.

¹⁵⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Exámenes*, em EEO, Vol. II. p. 442.

¹⁵⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañia...* p. 253.

“A Companhia de Santa Teresa de Jesus como está fundada para fomentar as vocações eclesíásticas e para dar à Igreja, segundo as suas forças, santos e sábios sacerdotes (Const. 10)... Formem com habilidade a estes pequenos missionários, os quais, com as suas orações, as suas palavras e as suas graças, hão-de melhorar e talvez converter os seus pais, a sua família, a todo um povo e talvez o mundo inteiro”¹⁵⁸.

Para cumprir estes objectivos, Sto. Henrique de Ossó delineou um perfil de educadora de infância, no qual, as qualidades que mais valorizou e destacou, a partir do exemplo da sua própria mãe foram a paciência, a doçura, o amor e a intuição: “Paciência, doçura, amor e previsão. Eis as qualidades de uma boa Educadora de Infância.”¹⁵⁹. Estes requisitos, próprios de um coração maternal, unidos à vocação para esta missão e às qualidades físicas, intelectuais, afectivas e morais, identificavam a Educadora de Infância, ou, para sermos mais rigorosos e utilizarmos as suas próprias palavras Mestra *de Crianças*.¹⁶⁰

O perfil de educador e o método propostos em *Guia práctico do Catequista*, para serem seguidos na catequese, foram apresentados novamente pelo nosso autor no *Plano de Estudos* e, uma vez mais, em *Exame de Mestras de Crianças*, agora sob a forma interrogativa e com a intenção da Mestra de Infância se confrontar na sua consciência com a transcendência do trabalho da educação e o cumprimento das orientações metodológicas gerais, propostas por Sto. Henrique de Ossó. Quanto à importância e dignidade do trabalho da educadora, o nosso autor colocou as seguintes perguntas: “Estou convencida da altíssima transcendência do meu cargo importantíssimo? (...) Felicito-me por Jesus e Santa Teresa terem-me confiado as flores mais deliciosas e preciosas e mais amadas do seu jardim, da inocência? Trabalho com gosto e com todo o afínco neste campo...?”¹⁶¹. Realçou o bom exemplo e as características maternais de amor, carinho e sustento, aplicadas à educadora de infância nas perguntas que lhes colocou: “Sou *regra viva* das virtudes que lhes prego e ensino, mais com as obras que com as palavras? Amam-me, obedecem e respeitam-me? (...). Amo-os, acaricio, dou presentes, nutro com toda a paciência, doçura e amor como una Mãe carinhosa..?(...) Trato-os com amor muito terno e carinho, como amas de leite que acariciam e alimentam os seus meninos..?”¹⁶².

Quanto ao método, apontou características, tais como a brevidade, a clareza, o recurso a comparações e exemplos que tivessem a ver com a própria vida da criança, conforme podemos ver nas seguintes perguntas: “Emprego [no] ensino, o caminho mais curto, claro, metódico, e vantajoso, valendo-me para ajudá-los a compreender melhor, com historietas, comparações, exemplos de coisas que eles já conhecem?”¹⁶³.

¹⁵⁸ Ibid..

¹⁵⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañía*,... p.253.

¹⁶⁰ Cfr. Veja-se como, por exemplo, em *Apuntes*..., é frequentemente usada esta expressão.

¹⁶¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Exámenes*,... pp.449-450.

¹⁶² Ibid., pp. 450-451.

¹⁶³ Ibid., p.450.

II . A Catequese

1. Concepção e responsáveis da Catequese

A Igreja Católica assumiu, desde o princípio, a sua missão de instruir os cristãos na doutrina de Jesus Cristo. Durante os vinte séculos de cristianismo, a catequese, palavra que Sto. Henrique de Ossó se preocupou mesmo em explicar no seu sentido etimológico de instrução oral¹⁶⁴, foi um meio essencial da educação na fé, para o nosso autor tão essencial e elevada que a ela se referia e a concebia como “...a santa, bela e transcendentalíssima ocupação do ensino da Doutrina cristã...”¹⁶⁵.

Sto. Henrique dedicou-se muito ao trabalho de catequese e ajudou a formar bons catequistas através da sua experiência e dos seus escritos, sendo relevante para averiguar as suas ideias sobre a responsabilidade da catequização a já referida obra *Guia práctico do catequista* e o *Regulamento da Associação do ensino metódico e constante da Doutrina Cristã*, a ele anexo.

Assim explanou ele a sua visão sobre a (macro-) responsabilidade pela catequização, desde Jesus Cristo até à Idade Média:

“Jesus Cristo, modelo perfeito do Catequista..., catequizou aos Apóstolos, aos judeus, e de um modo especial às crianças (...). Os Apóstolos, à imitação de Jesus Cristo, não converteram o mundo com grandes discursos... Os maiores corajosos e zelosos bispos em todos os tempos seguiram estes divinos exemplos. (...). Na idade média, para cristianizar aquelas multidões sem Deus e sem lei... a Igreja não teve para este fim arma mais poderosa de que tomar o ensino do Catecismo. Os monges..., os mosteiros..., são um testemunho evidente desta verdade.”¹⁶⁶.

Continuando, nos séculos posteriores destacou figuras importantes da Igreja, como S. Francisco Xavier, S. Filipe de Néri, S. Francisco de Sales, Santo Inácio de Loyola e outros. Frisou, ainda, os Papas, em geral, por na qualidade de responsáveis máximos da Igreja, terem assegurado ao longo dos séculos a instrução na fé do povo cristão, bem como os concílios que, tal como o nosso pedagogo escreveu, “... [se] encaminham a catequizar, a ensinar as verdades elementares [do catolicismo]...”¹⁶⁷.

Mas o nosso pedagogo, mais do que com esta (macro-)visão da evolução histórica dos grandes responsáveis pela catequese, preocupou-se com as questões concretas da catequese de crianças e do papel a nela desempenhar pela *Associação do ensino metódico e constante da Doutrina Cristã*.

Assim, no *Regulamento da Associação* foi mais concreto quanto às funções e responsabilidades dos catequistas, tratadas em dois capítulos. No primeiro capítulo, o nosso pedagogo indicou as funções dos responsáveis da Associação, isto é, da Junta Directiva, integrada por um Director, um Vice-Director, um Secretário, um Tesoureiro e um Bibliotecário. Ao Director, eram atribuídas as funções de convocar e presidir às sessões, resolver as dúvidas surgidas em casos não previstos no regulamento, distribuir e mudar as pessoas quando e como julgasse conveniente e zelar pela boa organização da Catequese e pela observância do regulamento.

O Vice-Director substituíva o Director na sua ausência e colaborava com ele, em tudo o que dizia respeito ao bom governo da Associação. O Secretário responsabilizava-se

¹⁶⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del Catequista*, 2ª edición, Barcelona, Tip. Teresiana, 1906, p.53.

¹⁶⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del Catequista*, em EEO, Vol. I, p.176.

¹⁶⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del Catequista*, 2ª edición, Barcelona, Tip. Teresiana, 1906, pp.55-56.

¹⁶⁷ *Ibid.*, pp. 58-65.

por três livros de registos: um, para as Actas sobre os acordos feitos pela Junta, outro, para registar os nomes dos catequistas, o dia da sua admissão e a Secção a que pertenciam, e outro para registar os nomes, idade e morada de todas as crianças de cada Catequese. Ao Tesoureiro, correspondia guardar os fundos da Associação, anotar com exactidão as entradas e as despesas, dar contas mensalmente da situação económica e pedir sempre o parecer do Director antes de fazer alguma entrega de dinheiro. O Bibliotecário tinha uma lista de todos os livros da Associação e outros artigos para os prémios das crianças; antes de os entregar deveria ouvir o parecer do Director.

No segundo capítulo, tratou das responsabilidades dos catequistas ou sócios activos e dos benfeitores da Associação. Denominou sócios activos a todos os sacerdotes, estudantes, professores, professoras e leigos piedosos que se dedicavam com zelo e assiduidade constante ao ensino do catecismo. Indicou-lhes várias obrigações, realçando a importância de dar bom exemplo às crianças, devendo preparar com todo o esmero as perguntas e a explicação, a fim de que "...esta seja clara, exacta, familiar e interessante e sobretudo bem dividida..."¹⁶⁸. O acompanhamento personalizado de cada criança, expresso na atenção aos seus progressos, à assiduidade e ao seu comportamento, foi igualmente valorizado pelo nosso autor, que no artº13 do *Regulamento*, determinou "Será obrigação de cada Catequista: 1º Ter uma lista pormenorizada do número de meninos ou meninas que lhe confiarem, onde anotará os seus progressos, assistência e comportamento. 2º Indicar a cada criança um lugar fixo que ninguém mais ocupará. 3º Guardar e fazer guardar silêncio, ordem e compostura durante a Catequese. 4º Perguntar e explicar a Doutrina cristã."¹⁶⁹.

Os benfeitores da *Associação do ensino metódica e constante da Doutrina Cristã* eram todas as pessoas de qualquer sexo ou condição que contribuíssem para a Obra da Catequese, com dinheiro, ofertas de outro género, livros e estampas...¹⁷⁰

2. Organização

Recordando-se de uma visita por si feita aos diferentes locais onde, em Tortosa era dada catequese ao tempo em que o Bispo local lhe havia entregue a responsabilidade de toda a sua coordenação, assim escreveu Henrique:

“No ano seguinte, de 70 a 71, já foi mais numerosa a assistência, porque andava melhor organizada; assim, ao fazer por S. José uma visita a todas as secções de catequese (eram oito)..., os inscritos não eram menos de mil e duzentos. (...). No fim do ano fizemos duas celebrações solenes: uma para os que já comungavam, outra para os mais pequenos. (...). No domingo seguinte, depois de ter-se confessado, fizeram também a sua pequenina celebração... todos os meninos e meninas mais pequenos, que ainda não comungam. De cada catequese vinham com o seu Prefeito e sócios à igreja de Santo António(...). Chegámos ao mês de Outubro de 71,... (...), de oito subiram para doze as catequese...”¹⁷¹.

As secções de catequese de que o nosso autor fala correspondiam ao número de igrejas onde se ensinava o catecismo, tendo cada uma delas um Prefeito que era o sacerdote ou uma pessoa ordenada. Os associados eram os catequistas, que deviam ser tantos quantos os grupos de crianças, sendo preferentemente clérigos; mas, na sua falta, poderiam ser leigos e jovens, com a condição de que os meninos tivessem um catequista e as meninas uma catequista: “Se não houver clérigos suficientes, poderão ser pessoas

¹⁶⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Reglamento de la Asociación ...* p.179.

¹⁶⁹ Ibid..

¹⁷⁰ Ibid..

¹⁷¹ Ibid., pp.30-31.

seculares, e até meninos dos mais adiantados e responsáveis; mas com a precaução de que sejam varões os que ensinam aos niños, e mulheres as que ensinam às meninas.”¹⁷².

Quanto à distribuição por classes das crianças na catequese, Sto. Henrique de Ossó foi muito explícito no Artº21, do 3º capítulo do *Regulamento*, sobre a utilização, para esta divisão, de critérios de idade, instrução, sexo e situação pessoal no que toca a já terem ou não feito a primeira comunhão:

“Onde o número de meninos for muito grande o Prefeito dividi-los-á em classes, quer seja por ordem de idade, ou por ordem de instrução, separando devidamente os meninos das meninas. Para o melhor acerto, onde o número de meninos o aconselhar poderão formar-se três classes, a saber: 1ª Meninos que já comungaram, e com eles se poderia formarem um Catecismo de perseverança. 2ª Meninos quase a comungarem. 3ª Meninos mais novos que tenham pelo menos cinco anos.”¹⁷³.

Se o critério de formação do grupo fosse a idade, então, o grupo de preparação para a primeira comunhão deveria merecer uma atenção particular do catequista, que deveria seguir sobretudo o critério de admitir as crianças o mais cedo possível, desde que mostrassem disposição para isso - “Porque é que para comungar se pergunta a idade, sem antes examinar a disposição dos meninos? (...). Deixai, pois,... que os meninos possam quanto antes, sem olhar à idade, mas sim às suas disposições, deixai, digo, que se aproximem a Jesus sacramentado.”¹⁷⁴.

Sobre a divisão segundo a instrução ou níveis de comportamento, quis que, se separassem os que sabiam ler dos que ainda não sabiam, se misturassem os mais irrequietos com os mais calmos e, num sentido que, em nossa opinião, é o de evitar um eventual sentimento de humilhação por parte dos mais pobres, “...os ricos ao lado dos da classe média, e não dos mais pobres, mas com tal arte que não seja muito notado...”¹⁷⁵. Feitas estas separações no princípio das actividades os lugares permaneciam em regra fixos, sendo a única excepção ditada por um critério de recompensa - “Feito isto, indica-se nu lugar fixo a cada menino que só o abandonará para ocupar outro de distinção; e no caso que o menino falte ficará o lugar desocupado.”¹⁷⁶.

3. Conteúdos e métodos

Sobre os conteúdos, Sto. Henrique de Ossó recomendou que o catequista ensinasse às crianças, os mistérios principais de Jesus Cristo, os mandamentos, os sacramentos, os novíssimos do homem (morte, juízo, inferno, paraíso), a oração e os seus deveres cristãos: “O ensino dos três principais mistérios: Deus remunerador, Deus uno e trino e Deus encarnado; o símbolo dos Apóstolos e as virtudes teologais; os mandamentos de Deus e da Igreja, com os sacramentos que se devem receber e as disposições necessárias para aproximar-se a eles; a oração dominical e os deveres do próprio estado.(...).Depois destas verdades fundamentais, os últimos destinos do homem, devem ser a matéria más frequente das suas práticas. (...). Deve explicar bem em que consistem as virtudes cristãs, e os vícios mais comuns à infância.”¹⁷⁷. Para o nosso autor, a prática das virtudes cristãs e o conhecimento de Jesus Cristo com a consequente eliminação dos vícios comuns à infância, ajudariam a criança a ser feliz .

¹⁷² Ibid., p. 180.

¹⁷³ Ibid..

¹⁷⁴ Ibid., pp. 166-167.

¹⁷⁵ Ibid., p.141.

¹⁷⁶ Ibid..

¹⁷⁷ Ibid., pp.110-111.

Para conseguir bons resultados com as crianças, o catequista utilizará o método de atrair os seus pequenos ouvintes, cativar a sua vontade e atenção, apresentando instruções breves, claras e agradáveis. "Para ensinar bem às crianças as verdades da salvação, é necessário que o Catequista agrade aos seus ouvintes, e lhes cativa a sua vontade... Para conseguir este resultado é indispensável que as suas instruções sejam breves, claras pela sua exactidão e que sejam amenas."¹⁷⁸.

Pouco e bom e bem entendido. Na realidade, toda a pedagogia de Henrique de Ossó se apoiou neste adágio popular, de que mais vale pouco, bom e bem sabido, do que muito e mal compreendido. Segundo este princípio, indicou ainda, como prioritário, o conhecimento da psicologia infantil, para que se fizesse uma adequação dos métodos à felicidade da criança que precisa principalmente de ser amada, o que exprimiu da seguinte forma: "Para que as crianças assistam com constância e pontualidade ao Catecismo é necessário torná-lo agradável, e que vejam e desejem aquele bocado de tempo como um dos mais felizes da sua vida. Com este fim, o bom Catequista..., deve esforçar-se em conquistar-lhes a vontade com amostras de amor, atraí-las com a guloseima da canção, à qual são muito afeiçoadas, e animá-las com a esperança fundada em algum prémio, festa ou coisa extraordinária"¹⁷⁹.

Temendo a rotina como origem do aborrecimento e desinteresse das crianças, mostrou abertura à novidade e ao progresso, apontando estratégias que podiam ser utilizadas não só nas cidades e vilas populosas, mas também nas aldeias e lugares mais humildes, como propostas de metodologia activa e dinâmica, nada rotineira, para tornar a catequese agradável e atraente. Estes meios eram para ele, fundamentalmente seis: "1º Os elogios. 2º Certos cargos ou distinções. 3º As boas classificações e as boas notas. 4º A disputa ou os concursos 5º O costume das análises ou resumos. 6º As recompensas."¹⁸⁰.

É de salientar que dos sete capítulos do *Regulamento do catequista* dedicou quatro ao método e à ordem a seguir na catequese, assim distribuídos: "Capítulo IV. Tempo e ordem no ensino do Catecismo; (...) Capítulo VI. Meios muito eficazes para conseguir a frequência; Capítulo VII. Meios eficazes para conseguir a ordem e o bom comportamento; Capítulo VIII. Meios para conseguir bons resultados."¹⁸¹. Nestes capítulos Sto. Henrique concretizou pormenorizadamente as características do seu método. Indicou as tardes dos dias festivos para a catequese das crianças, e ao mesmo tempo ordenou que fosse dada durante todo o ano, ou pelo menos desde o princípio de Outubro até ao princípio de Maio. A sessão de catequese devia durar uma hora e meia ou duas horas, no caso de terem a missa ou outra prática religiosa.

Para não cansar as crianças, o catequista devia recorrer a canções em diferentes momentos para intercalar com os ensinamentos e as orações. Para além das canções que são do agrado das crianças, o catequista deveria saber premiá-las periodicamente pelo seu bom comportamento, interesse e aproveitamento. Sobre os meios para conseguir a ordem e o bom comportamento na igreja, onde era dada a catequese, deu-lhes instruções sobre a importância do silêncio e do respeito pelo lugar sagrado, pedindo ao catequista que desse exemplo disso. Para corrigir situações de ruídos, pediu para se recorrer mais aos gestos e olhares do que à palavra. A fim de cativar a atenção das crianças, o catequista devia recorrer a "...perguntas constantes, com viva e variadas; o Catequista falando pouco e pondo as crianças a falar muito..."¹⁸².

Como o nosso pedagogo conhecia os gostos das crianças em relação à variedade e à novidade, assim como a dificuldade que têm de atenção e de constância, indicou muitos dos meios que ele usou e, que obtiveram sucesso, porque a ele "... a experiência coroou dos mais felizes resultados, e são: as festas da Catequese, as procissões, as conversas e

¹⁷⁸ Ibid., p.113.

¹⁷⁹ Ibid., p.182.

¹⁸⁰ Ibid., p.147.

¹⁸¹ Ibid., pp.181-184.

¹⁸² Ibid., p.183.

conferências.”¹⁸³. Estes meios envolvem a criança fazendo dela protagonista e actor principal.

Outra característica desta idade é a curiosidade e o gosto pelas histórias e pelos contos. Então Sto. Henrique de Ossó pediu que o catequista soubesse recorrer a estes meios, tal como Jesus recorreu às parábolas e aos exemplos. Para ganhar o coração e a vontade das crianças, afirmou que “...é absolutamente indispensável que o Catequista seja muito piedoso, tenha muita bondade, doçura e até alegria, misturando tudo com santa modéstia e honestidade Deve ser uma mãe pela caridade.(...). Procure colocá-los comodamente, dê-lhes prémios todos os dias, mesmo que sejam insignificantes.”¹⁸⁴.

4. Organização dos espaços

Sto. Henrique de Ossó destacou a importância da organização dos espaços destinados à catequese, redigindo para esse fim, normas claras e precisas. Assim, a sua pedagogia catequética dividiu os meios a utilizar em intrínsecos e extrínsecos.

Os intrínsecos tinham a ver com a aquisição das virtudes e a correção dos defeitos. Os meios extrínsecos diziam respeito ao bom ambiente, resultante da ordem, do silêncio e da organização dos espaços. Assim se exprimiu Sto. Henrique de Ossó: “Falaremos pois, sucintamente dos meios necessários para conseguir que reinem a ordem e o silêncio durante a Catequese. Estes meios são: 1º um local e assento adequados; 2º um regulamento para as crianças; 3º a canção; 4º recompensas para promover entre os mesmos um santo estímulo; e 5º alguns castigos.”¹⁸⁵.

Na página seguinte o nosso pedagogo desenvolveu as suas ideias sobre o local onde se ministra a catequese e a disposição, nesse local, do catequista e das crianças. Pretendia, preferencialmente, que as sessões de catequese decorressem numa parte discreta da igreja, da qual, porém se não deixasse de avistar “...alguma imagem de Jesus crucificado, da Virgem Santíssima, ou do Santo patrono da sua classe”¹⁸⁶. De pé, num estrado, se possível, ou sentado em lugar visível para as crianças, devia tê-las sentadas ao seu redor em forma semi-circular, “... para que (...) tenha todas as crianças diante dos olhos e possa vigiá-los sem mudar de posição..”¹⁸⁷.

5. Uma forma não institucionalizada de catequese infantil: o Rebanhito do Menino Jesus

Para as meninas que, ainda não tendo feito a primeira comunhão, quisessem formar bons hábitos de vida cristã, Sto. Henrique de Ossó fundou a Associação chamada Rebanhito do Menino Jesus. Cada grupo de seis ou doze meninas tinha uma responsável, designada Zeladora, que devia ser escolhida do grupo das meninas que já tinham feito a primeira comunhão. Reuniam-se todos os dias, ou pelo menos aos domingos, na igreja ou em casa, para, juntas, fazerem um quarto de hora de oração, seguindo as orientações do livro *Viva Jesus*, escrito e dedicado pelo Fundador às meninas do Rebanhito.¹⁸⁸ Um dos principais deveres a que o regulamento do Rebanhito obrigava, era a que as crianças participassem nos domingos e dias festivos, à Catequese: “ Nos domingos e também nos

¹⁸³ Ibid., p. 155.

¹⁸⁴ Ibid., p. 163.

¹⁸⁵ Ibid., p. 140.

¹⁸⁶ Ibid., p.141.

¹⁸⁷ Ibid..

¹⁸⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, Reglamento para la Archicofradía Teresiana, p.213.

dias festivos terão o dever de assistir, tanto quanto lhes seja possível, à Catequese, onde aprenderão a conhecer e amar a Jesus.”¹⁸⁹.

Para ajudar as meninas do Rebanhito no conhecimento da doutrina cristã e na prática de piedade, dedicou-lhes o livro *Tesouro da infância*, que escreveu com uma linguagem simples e familiar, sob a forma de diálogos, com exemplos e parábolas, sendo algumas delas de carácter autobiográfico, como é o caso da devoção a S. José, a S. Miguel e o respeito pela Igreja.

Logo na apresentação que o nosso autor faz deste livro, podemos destacar o seu amor preferencial pelas crianças que lhe faziam recordar o Menino Jesus e a vontade de lhes oferecer "santas e saudáveis verdades religiosas e morais"¹⁹⁰ como meios de as preservar do mal e oferecer-lhes um tesouro portador da felicidade. Daí o título que deu ao seu livro, *Tesouro da Infância*. Neste livro, que podemos considerar como um guia prático da vida cristã para as crianças, Sto. Henrique apresentou às meninas do Rebanhito alguns meios de viverem a fé, como um exercício diário, através de muitas devoções e orações adequadas a cada momento do dia, circunstâncias da vida, pessoas e intenções por quem deviam rezar. Escreveu explicações detalhadas sobre o modo de melhor compreenderem e participarem na Eucaristia, no sacramento da Confissão, e prepararem-se para a 1ª Comunhão. Por fim, apresentou-lhes em forma de regras, algumas normas para viverem cada dia, cada semana, cada mês, cada ano, sempre e em todas as partes. Terminou o livro *Tesouro da Infância*, com o *Catecismo da Infância*, composto de perguntas e respostas simples, sobre os princípios da doutrina cristã, acrescentando máximas e alguns cânticos de Santa Teresa de Jesus.

Paralelamente, Sto. Henrique de Ossó aconselhou as Zeladoras e as crianças do Rebanhito a pertencerem à Obra da Santa Infância,¹⁹¹ associação de apostolado infantil criada em França em 1843 e recomendada ao mundo católico, pelo Papa Leão XIII.

III. Escola de Infância (*Escuela de Párvulos*)

1. Jardim-de-infância e (*escuela de párvulos*)

Não tendo utilizado a expressão *Jardim de Infância*, hoje em dia mais comum, nos *Apontamentos para um livro de pedagogia*, que dedicou “Às Educadoras de Crianças da Companhia de Santa Teresa de Jesus...”¹⁹², o nosso autor fez uma breve referência a “Asilos e jardins da infância...”¹⁹³, apresentando-os como preparatórios da escola, e neles incluía os orfanatos, os institutos para os cegos, surdos-mudos, etc. Nestes estabelecimentos, segundo Sto. Henrique de Ossó, era “... necessário que quem os dirija tenha um *entendimento benévolo de pai e um coração terno e engenhoso de mãe* para corrigir dentro do possível todos os defeitos naturais ou adquiridos que os tornam desprezíveis ou os fazem infelizes”¹⁹⁴. As professoras e Irmãs encarregues dos Internatos de Santa Teresa de Jesus deveriam segundo o parecer do Fundador, comparar as meninas internas a um jardim, e elas, como educadoras serem as jardineiras. Assim o escreveu em

¹⁸⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, Reglamento y preces del Rebañito del Niño Jesús de Teresa, em EEO, Vol. I, p.1242.

¹⁹⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tesoro de la Niñez*, em EEO, Vol. I, p. 1254.

¹⁹¹ Cfr. Enrique de, Ossó, *Viva Jesús*, em EEO, Vol. I, p. 540.

¹⁹² *Ibid.*, p.742.

¹⁹³ *Ibid.*, p.789.

¹⁹⁴ *Ibid.*.

O meu Regulamento: “Fazei de conta que as meninas são como um jardim e vós sois as jardineiras que com o ancinho da correcção e instrução na mão, com paciência e sem esmorecer, um dia e outro dia, deveis arrancar as ervas daninhas e procurar que cresçam e se fortaleçam as boas flores e os frutos.”¹⁹⁵.

Para a instrução e educação das crianças, o nosso pedagogo empregou, sobretudo, a expressão *Escuela de Párvulos*, a qual entendia como sendo a instituição “...onde se deve educar a criança com ordem e método racional e cristão...”¹⁹⁶. Em *Plano de Estudos da Companhia*, escrito seis anos após a fundação da Congregação, determinou que as Teresianas possuíssem em cada uma das suas residências “uma escola de meninas pequeninas”¹⁹⁷ que seria como a escola onde formassem os corações e as inteligências das crianças e as preparassem para outros estudos. Estas meninas abrangiam as idades dos dois ou três anos até aos seis ou sete. Deveriam incluir também os meninos desde os dois ou três anos até aos seis ou sete, tal como o determinou o Fundador, “...admitam também como crianças os meninos desde os dois ou três aos seis o sete anos com a devida separação...”¹⁹⁸.

2. Distribuição das crianças, por classes

Em *Apontamentos para um livro de pedagogia*, Sto. Henrique de Ossó dividiu as crianças da Escola de Infância, em três classes: “Primeira classe inferior, segunda classe média, terceira classe superior com a que possam formar-se como uma classe preparatória” ou “classe de crianças, classes médias e superiores”¹⁹⁹.

Quanto ao número de crianças para formar a classe, a opinião do nosso autor é que não deveria ser exagerada, porque “A multidão se não está bem ordenada é confusão, se não está bem vigiada é corrupção; se no se instrui e educa devidamente é espantosa degradação.(...) Isto é, cada grupo ou secção deve ter só quarenta. O mesmo em cada classe: não devem passar de quarenta (no máximo) sem que haja uma professora para ensinar.”²⁰⁰. A professora devia ser ajudada de boas e preparadas ajudantes.²⁰¹. Em cada sala, grupo ou secção de alunos, portanto, para além da educadora ou irmã responsável deveria existir uma professora para ensinar.

3. Actividades e métodos

Em *Apontamentos...* redigiu um plano escolar,²⁰² no qual indicou às Educadoras a importância da educação física e da educação intelectual, para a criança. Esse plano apresenta duas partes. Na primeira parte, o nosso autor centrou o seu interesse na educação física, porque viu nela, a melhor actividade que ajuda a criança a formar um bom corpo e um bom carácter, ideal que exprimiu na máxima *Anima sancta in corpore sano*.²⁰³ Subdividiu a actividade da educação física em três pontos, assim apresentados: 1º- os meios da higiene escolar e as respectivas leis; 2º a ginástica e 3º a cultura dos sentidos. Sobre a higiene escolar destacou três meios e as respectivas leis, tais como: a atenção à pessoa, ao local e cautelas e conselhos sobre as doenças contagiosas, roupas, comidas, etc.

¹⁹⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Mi Reglamento*, em EEO, Vol.II, p.488.

¹⁹⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.770

¹⁹⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de Estudios de la Compañía*, em EEO, Vol. II, p.253.

¹⁹⁸ Ibid..

¹⁹⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, pp.750-751.

²⁰⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Mi Reglamento*, em EEO, Vol. II, p.493.

²⁰¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, pp.774.

²⁰² Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, pp.770-773.

²⁰³ Ibid., p.744.

Quanto à ginástica, referiu existirem leis e exercícios preparatórios elementares, adequados à idade da criança. A respeito da cultura dos sentidos, indicou que estes se conservam e se desenvolvem através de um exercício contínuo e perfeito, ao mesmo tempo que ajudam ao equilíbrio do sistema nervoso.

Na segunda parte do plano, tratou da educação intelectual da criança. Deu-lhe a máxima importância, desenvolvendo-a em quatro pontos principais, a saber: a pedagogia didáctica, a ciência didáctica, o método geral e o método particular. Nos dois primeiros pontos sobre a pedagogia e a ciência didáctica, o nosso pedagogo quis valorizar a formação do entendimento e da vontade da criança.

Quanto ao método, desenvolveu o tema em dois pontos: tratou primeiro do método geral, como forma de desenvolver gradualmente as capacidades da criança, para aprender de forma clara, ordenada e segura e criar a aptidão para depois ela própria saber pensar e reflectir sobre as principais verdades. Com o método geral, a educadora deveria ajudar a criança a conseguir "...aprender bem, reter bem e aplicar bem..."²⁰⁴. O segundo ponto dizia respeito ao método particular, aplicado aos diversos ramos de ensino primário, nos quais, o nosso pedagogo abordou primeiro as matérias a ensinar e depois a forma especial a seguir na instrução, apresentada sob duas facetas: instrumental e real. Quanto aos conteúdos da *instrução instrumental*, incluiu a *leitura* para a qual indicou o método silábico, a *escrita*, devendo partir-se do fácil para o difícil, a *língua*, que a professora deveria ensinar como mãe, com poucas regras de gramática e contínuos exercícios, a *composição* que deveria ser escolhida oportunamente, concreta e gradual nas ideias e nas expressões, a *aritmética* acompanhada com rigorosa graduação e utilidade na aplicação e o *desenho linear* que fosse o mais elementar e que ajudasse à escrita. Sobre as matérias de *instrução real*, apontou logo em primeiro lugar a *Religião* para que "...as crianças elevando o pensamento e coração a Deus, adquiram as virtudes cristãs, domésticas e civis".²⁰⁵ A criança deveria desenvolver estas virtudes com o ensino dos *deveres e direitos do cidadão*, através da *Historia*, da *Geografia* e *Ciências naturais*, "...para amar a pátria com um amor sincero, racional, desinteressado, justo."²⁰⁶

O nosso autor completou a segunda parte do seu *Plano da Escola* com indicações claras sobre o governo e a organização da escola, assim como com a fundamentação da necessidade da educação, com os fins, meios e as leis gerais da educação. Terminou escrevendo alguns conselhos às professoras para melhor formarem o carácter e a vontade própria das crianças, dando-lhes a conhecer algumas características próprias da psicologia infantil, os defeitos característicos, destacando entre eles, a mentira. Dedicou ainda uma parte do *Plano...*, a normas disciplinares sobre a correcção e castigos e o modo de corrigir alguns princípios provenientes da má educação.

Podemos dizer que Sto. Henrique apresentou um método que quis que fosse maternal e racional, expresso da seguinte forma:

“Fazer-se amar e respeitar, conduzir as meninas pela razão, pelo amor e pela religião (Plano de Estudos). Plano, método, metodologia no ensino, clareza, exactidão, brevidade, programas.”²⁰⁷

Quis que a criança se sentisse feliz nesta escola maternal, sentindo na educadora outra mãe. Devia ter como especial ocupação a formação do corpo, do entendimento e da vontade ajudando a criança a formar bons hábitos e um bom carácter. Os meios que devia utilizar, deviam ser: “Bons exemplos, conselhos, práticas, exercícios, a verdade revelada, a razão, a experiência, natureza, pais e professores, etc.”²⁰⁸

²⁰⁴ Ibid., p.772.

²⁰⁵ Ibid., p.773.

²⁰⁶ Ibid..

²⁰⁷ Ibid., p.753.

²⁰⁸ Ibid., p.749.

Pediu ainda às Teresianas, para quem o ensino deve ser apostolado, que, perante os avanços da ciência, fossem as professoras mais actualizadas, e que, em ordem a isso, tivessem: “... todas as suas salas equipadas com as últimas e mais perfeitas novidades da ciência pedagógica...”²⁰⁹, assim como, cuidassem com todo o esmero do governo da escola, incluindo o edifício, o ensino, a disciplina e a administração da escola, como de seguida vamos ver.

4. Organização dos espaços

Quanto ao edifício destinado à escola, Henrique de Ossó quis que fosse belo e emoldurado pela natureza, oferecendo as condições higiénicas e recreativas necessárias à educação da infância, como se pode ver nas indicações dadas por ele mesmo, “...esteja rodeado de jardins por todas as partes.”²¹⁰.

Regulamentou os requisitos e as medidas para as salas, que quis que fossem espaçosas, ventiladas e banhadas pela luz e pelo sol:

”De 27 palmos de altura a 30. A largura de 30 a 40 palmos, na sala das crianças, o chão seja sempre coberto de madeira, os lambris das paredes também de madeira de um metro a 120 centímetros de altura. Banhadas de luz e de sol, com a orientação a Noroeste; ou Sueste, mas nunca a Oeste. Com ventilação, que possa graduar-se, como a luz, à vontade.”²¹¹.

Nas salas adornando as paredes, deveriam estar imagens religiosas acompanhadas de pequenas frases do Evangelho e de Santa Teresa de Jesus - “Que haja pelas paredes muitas máximas de Jesus de Teresa e de Teresa de Jesus...”²¹².

Quanto ao mobiliário das salas foi até ao pormenor de indicar as medidas, a qualidade do material, a inclinação correcta das carteiras ou mesas, tendo sempre em conta o bem estar das crianças - ”Mesas, carteiras, não bancos, para variar a acção e movimento sejam leves, simples, sólidas e baratas.”²¹³. Com efeito, queria que a cadeira ou banco tivesse de 16 a 19cm de encosto, 20cm de largura, 28 a 31cm de altura.

As pernas das crianças deviam formar um ângulo recto com as coxas e estas com o tronco do corpo. Queria que houvesse distância móvel do assento à carteira para que pudesse ser aumentada ou diminuída. A inclinação da carteira para escrever não devia passar de 10 a 12 graus e devia ser individual.²¹⁴

Mostrou o mesmo cuidado em relação ao espaço onde as crianças deviam tomar as refeições, aconselhando sempre: “...simplicidade e pobreza religiosa e elegância e em tudo, asseio e bom gosto e que seja de duração.”²¹⁵. Simplicidade, limpeza, bom gosto, elegância, bons materiais que conjugassem com a simplicidade própria da pobreza religiosa, foram as características aconselhadas pelo nosso pedagogo às responsáveis da Escola de Infância, conforme se pode verificar nos requisitos que determinou para o material e móveis do refeitório. As toalhas e os guardanapos deveriam ser de linho (ou de algodão), os talheres de metal branco, a faca com cabo de ferro de uma só peça (de Toledo), a argola para o guardanapo de metal branco, os pratos deveriam ser brancos de porcelana e se fosse possível, de prata por uma questão de economia, para não quebrar. Os copos deveriam ser

²⁰⁹ Ibid..

²¹⁰ Ibid..

²¹¹ Ibid., p.750.

²¹² Ibid..

²¹³ Ibid., p.751.

²¹⁴ Ibid., p.751.

²¹⁵ Ibid., p.752.

de vidro, a toalha para as mãos, de linho, com um metro de comprimento e meio metro de largura. As cadeiras e móveis não deviam ser pintados nem envernizados.²¹⁶

Nas salas de aula e de estudo quis que as professoras e as crianças fossem rigorosas na ordem, bom gosto, limpeza e método, ou seja que os livros e mobiliário tivessem o seu lugar fixo e ocupassem sempre esse lugar.²¹⁷ Outro espaço muito importante na escola, era a biblioteca,²¹⁸ na qual deveriam existir todos os livros escritos pelo Fundador e os livros indicados por ele, como livros de consulta para as professoras.²¹⁹

As referências que o nosso autor fez aos jogos e brincadeiras das crianças foram escassas, limitando-se a dar alguns conselhos sobre o comportamento que deviam ter nas diversões e que escreveu no livro que especialmente lhes dedicou, *Tesouro da Infância*²²⁰. Quanto ao tempo destinado ao recreio, indicou que fosse proporcional à idade e forças das alunas, assim como o trabalho escolar.²²¹

5. Responsáveis hierárquicas da Escola de Infância

Devendo a Escola de Infância, por vontade expressa de Sto. Henrique, fazer parte de qualquer comunidade (fosse Residência ou Colégio) da Companhia de Santa Teresa de Jesus – “Que haja uma escola de meninas pequeninas bem montada em cada Residência...”²²² - a Directora do Colégio ou Residência, por conseguinte, segundo a organização da Companhia, assumia uma responsabilidade superior à da Educadora ou Mestra de Crianças. Por sua vez, a Directora, que representava a Superiora da Companhia, tinha como responsável superior a Prefeita de Estudos, a quem tinha de informar sobre o cumprimento do Plano de Estudos. A Prefeita de Estudos tinha como sua responsável máxima a Superiora Geral que possuía a responsabilidade sobre cada um dos Colégios ou Residências.²²³

Mas, se hierarquizou a responsabilidade das Escolas de Infância ao nível interno da Companhia, ao mesmo tempo colocou-as sob a responsabilidade das hierarquias oficiais estabelecidas pelos governos dos diferentes países onde elas estivessem implantadas: “...[As] Irmãs, enquanto isso seja possível, ajustem-se às prescrições da lei em todas partes nos edifícios sobretudo, na administração e no ensino para não se verem envolvidas em perseguições, queixas e censuras com fundamentado motivo.”²²⁴.

²¹⁶ Ibid..

²¹⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Exámenes*, em EEO, Vol. II, p.441.

²¹⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes*.. p.751.

²¹⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañía*, em EEO, Vol. II, pp.263, 264.

²²⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Tesoro de la niñez*, em EEO, Vol. II, p.1278.

²²¹ Revista *Sta. Teresa de Jesús*, Año IX. - Núm.107, Agosto 1881, p.307

²²² Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de Estudios de la Compañía*, em EEO, Vol. II, p.253.

²²³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Deberes*, em EEO, Vol. II, pp. 505-506.

²²⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*,...p. 749.

IV. Ensino: a Escola de Santa Teresa de Jesus

1. A Escola de Santa Teresa de Jesus como resposta ao ensino laico

O nosso pedagogo conheceu bem a realidade social onde viveu e constatou o espírito hostil às comunidades religiosas e ao ensino católico, que reinava nas esferas governamentais da época. Num artigo intitulado “A instituição de ensino livre”, que escreveu em 1879, na *Revista Santa Teresa de Jesus*, exprimiu bem a pena que sentia por constatar que, em Espanha, os católicos não tinham instituições de ensino que pudessem opor-se à Instituição de Ensino Livre²²⁵ e ao total alheamento da religião a que era votado o seu ensino, que “...vive e prospera já em Espanha; e abraça desde o primeiro ensino até ao ensino superior; isto é, recolhe os niños dos braços de suas mães, e educa-os, instrui, e guia-os até fazê-los pessoas completamente alheias a toda a ideia de Religião.”²²⁶

Lamentava o nosso autor que a Instituição de Ensino Livre formasse os cidadãos através de um ensino e educação de crianças e de jovens que os mantinha à margem da religião, não obstante nele pontificarem professores prestigiados que leccionavam para dar cumprimento às orientações políticas de “...famosos juristas, políticos, filósofos e economistas que da Universidade Central saíram a pôr em prática as suas teorias nos governos revolucionários...(…), negando que seja necessária mais religião que a verdade científica e a verdade jurídica...”²²⁷.

Henrique de Ossó viu neste ensino, pretensamente livre, um inimigo da educação católica, porque omitia o ensino e a educação religiosa, contribuindo, desta forma, para a sua gradual inoperância. Percebeu, também, que o plano da escola laica não era perceptível para a maioria dos católicos, que não se podiam opor a esse ensino porque, segundo ele, “Os católicos não têm em Espanha instituições de ensino.”²²⁸

No ano de 1880, acompanhando com dor e preocupação a situação criada em França pela República que, em nome da liberdade e da igualdade, decretara leis revolucionárias de ataque e perseguição à Igreja, obrigando à expulsão da Companhia de Jesus e de outras ordens religiosas também na Alemanha em 1872, assim escreveu “A perseguição religiosa na Alemanha por disposições ditadas em Fevereiro de 1872. Estas foram a expulsão dos Jesuítas, a proibição às religiosas de ensinar e a secularização as escolas submetendo-as ao Estado”²²⁹.

Henrique de Ossó, através da leitura de jornais e artigos de outra imprensa, bem como através do telégrafo, mantinha-se informado da situação política e religiosa na Europa e conhecia a influência da Maçonaria nas leis do ensino e na vida política social e religiosa. Sobre isso, ia informando, através da *Revista Santa Teresa de Jesus*, o maior número possível de leitores:

“A maçonaria francesa associou-se aos esforços feitos para tornar o ensino gratuito, obrigatório e laico; não somente dado por leigos, mas também separado de toda a religião, e com este objectivo de edificar uma sociedade

²²⁵ A Instituição de Ensino Livre, inspirada nas ideias maçónicas implantou-se em Espanha, como um sistema de ensino laico, gratuito e obrigatório que visava suprimir da sociedade a ideia de Deus e de toda a religião. Os livres-pensadores, formados na Instituição do Ensino Livre, propunham uma escola laica, e uma secularização do poder político. Os seus estatutos defendiam que a vida científica atingia o bem absoluto através da verdade e a vida jurídica, através da justiça. Negavam a necessidade de outra religião, para além das duas verdades: a científica e a jurídica. Tinham como lema, não pertencerem a nenhuma seita religiosa, escola filosófica ou partido político. (Cfr. *Revista Sta. Teresa de Jesús*, Año VI.- Núm.64, Enero 1870, p.144; Año VIII.-Núm.8, Octubre 1879, pp.4-6)

²²⁶ Ibid..

²²⁷ Ibid..

²²⁸ Ibid..

²²⁹ *Revista Sta. Teresa de Jesús*, Año VIII.- Núm.91, Abril 1880 p.170.

nova, unicamente baseada na ciência e no ensino, formou-se a Liga do Ensino. Dizia-se e escrevia-se isto em 1876. E o que acontece em 1880 não é mais que o cumprimento parcial de uma parte do programa de destruição...”²³⁰.

Num século em que foi intenção da Maçonaria não só separar a Igreja do Estado, como também impor a supremacia da razão e da ciência sobre a fé e a revelação, o nosso autor preocupou-se em esclarecer os católicos sobre as acusações de obscurantismo feitas à Igreja e sobre a importância do ensino desde a infância, alertando-os ao mesmo tempo para os perigos que, a partir da França, poderiam vir para Espanha e para toda a Europa:

“Ah! não, não é o obscurantismo do Catolicismo o que provoca a ira dos sectários. Se assim fosse, melhor seria deixar a Igreja com as suas ideias de retrocesso, e ela mesma se destruiria. A ideia primitiva da franco-maçonaria é apoderar-se das gerações na sua infância para instruí-las sem nenhuma noção de Deus. (...). Infeliz Europa se chegassem a prevalecer estas doutrinas, e se fossem pondo em prática na vizinha França e depois em toda a Europa!”²³¹

A secularização de todo o ensino, desde a infância, contribuiria para a secularização da sociedade, o que, na prática, seria a consequência do ateísmo: “(...) nada de Cristo, nada de Igreja, nada de revelação. Isto significa a secularização na sua expressão genuína, e principalmente na grande questão do ensino.”²³²

No ano de 1887, perante o pouco apoio do Estado ao ensino católico, escreveu na mesma *Revista*: “Mas, oh! que dor! tudo se atende menos o ensino católico: para tudo há dinheiro de sobra, menos para ajudar a manter e a desenvolver as corporações ou congregações católicas que se dedicam ao ensino, como se não fosse a primeira obra de misericórdia, ensinar o ignorante.”²³³

A Escola de Santa Teresa e o apostolado do ensino que Henrique de Ossó transmitiu como carisma especial às Teresianas, surgiram neste contexto socio-político e tendo em conta o dever da Igreja Católica de ensinar e educar através, também, da instituição escolar. Sacerdote católico consciente da importância do ensino e da educação, bem como da necessidade de professores bem preparados, quis fazer algo para neste domínio, não deixar soçobrar a Igreja Católica. Era isto que ele queria que a Escola de Santa Teresa de Jesus fizesse e foi isto mesmo que magnificamente exprimiu no seguinte parágrafo do artigo “A secularização do ensino”:

“Ensinemos o ignorante, confirmemos o débil na fé, falemos todos em favor da verdade e da Religião, e quando não pudermos fazer isto, pelo menos oremos para que o Senhor envie à sua Igreja uma multidão de sábios e santos sacerdotes, multidão de almas generosas e decididas que consagrem o seu talento e vida, os seus bens naturais e sobrenaturais no apostolado de oração, ensino e sacrifício; onde houver uma escola laica, sem Deus, levantemos diante dela uma escola católica, uma escola religiosa que defenda os direitos de Deus e forme a Cristo Jesus nas tenras inteligências pelo ensino, e nos seus corações pela educação.”²³⁴

²³⁰ *Revista Sta. Teresa de Jesús*, Año VIII. - Núm.95, Agosto 1880, p.278.

²³¹ *Ibid.*, Año VIII., - Núm.96, Setiembre 1880, p.309.

²³² *Revista Sta. Teresa de Jesús*, Año VIII. - Núm.91, Abril 1880, p.171.

²³³ *Ibid.*, Año XV. - Núm.180, Setiembre 1887, p. 361.

²³⁴ *Revista Sta. Teresa de Jesús*, Año VIII. - Núm.91, Abril 1880, p.171.

2. A Casa Madre: modelo de edifício escolar

Todo o edifício destinado a ser escola teresiana, devia ser bem equipado e obedecer a condições de salubridade, iluminação e arejamento: “Seja saudável, bem iluminado e arejado, com móveis adequados e o material necessário.”²³⁵

O primeiro colégio, chamado “Casa Mãe e Colégio Primário”²³⁶ foi construído em Barcelona sob a orientação de Henrique de Ossó e ficou na história da Congregação como modelo do pensamento do Fundador no que respeita à construção dos edifícios escolares teresianos. O nosso autor quis que a arquitectura do edifício exprimissem através do seu carácter, da sua beleza e dos seus símbolos o melhor do espírito teresiano. Este modelo inspirou, posteriormente e pontualmente a construção de colégios teresianos, pelo que sobre ele nos passamos a deter nas seguintes linhas.

O edifício estava, e está, bem situado, em terreno espaçoso: “...comprámos um terreno com a extensão de 26,104 metros quadrados, onde se pode fazer não só a Casa-Colégio modelo de estudos gerais de toda a Companhia, mas também um pensionato de alunas internas, onde as Irmãs estudantes, estando convenientemente habilitadas poderão praticamente instruir-se no exercício do apostolado do ensino.”²³⁷

Para autor do projecto arquitectónico Henrique de Ossó escolheu o célebre António Gaudí, cujo trabalho muito elogiou e no que toca ao seu exterior assim descreveu: “A fachada, modificada pelo inteligente arquitecto senhor António Gaudí, ergue-se majestosa e bela à medida que se levantam os andares. Um cordão de anagramas de «Viva Jesus», que é o lema da Companhia de Santa Teresa de Jesus, cinge a base do primeiro andar; o qual dá carácter e elegância ao edifício. Depressa se colocará na fachada um grande escudo da Companhia, que poderá descobrir-se perfeitamente pelos viajantes que circulam no comboio de Sarriá. O remate do edifício que ostentará alguma das insígnias da Seráfica Doutora, dar-lhe-á ainda mais realce.”²³⁸

3. Organização pedagógica

3.1. Plano do curso

O nosso autor e fundador da *Escola de Santa Teresa de Jesus* no plano de curso que redigiu e dedicou às crianças que frequentavam a escola teresiana, mostrou querer que elas adquirissem progressivamente os conhecimentos adequados à sua inteligência, passando por três fases: a primeira, correspondente ao despertar da inteligência, a segunda ao desenvolvimento e a terceira, à inteligência já formada. Por essa ordem, deviam iniciar com os *Rudimentos*, seguindo-se o *Compêndio* ou o desenvolvimento da inteligência, como preparação para o *Curso Superior* equivalente também ao fim dos estudos na escola teresiana.

"Com este fim oferecemo-vos em diversos pequeninos tomos, divididos em Rudimentos, Compêndio e Curso Superior, tudo quanto convém saber às vossas inteligências, de todas as ciências ou disciplinas que se vos indicarem. [Os] Rudimentos de cada ciência corresponderão ao princípio, ou ao despertar, ou à infância da vossa inteligência, o Compêndio ao meio, ou ao vosso

²³⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...*p. 774.

²³⁶ Veja-se o relato da construção da Casa Madre da Companhia, 1888. (Cfr. S/a, *La Compañia de Santa Teresa de Jesús*, 1876 - 1932, Ed. STJ., Barcelona, 1969, pp.232-235).

²³⁷ *Revista Sta.Teresa de Jesús*, Año XVI. - Núm.188, Mayo de 1888 1888, pp.247-248.

²³⁸ *Revista Sta.Teresa de Jesús*, Año XVII. - Núm.200, Mayo 1889, p.224.

desenvolvimento, e o *Curso Superior ao fim ou à idade perfeita*."²³⁹.

Pretendia com este plano criar as bases ou alicerces das crianças enquanto frequentavam a escola teresiana, porque "Isso é o que trata de fazer a *Escola de Santa Teresa de Jesus*...; pois todos sabem que é sua divisa e informa todo o seu plano de estudos aquele lema que tantas vezes se vos inculca: «mais vale pouco e bem sabido, que muito e mal aprendido»."²⁴⁰.

Em *Apontamentos para um livro de pedagogia*, classificou as disciplinas desse plano de curso, em: *necessárias absolutas* e *necessárias relativas*. Nas disciplinas *necessárias absolutas*, incluiu o catecismo, a religião e moral, a economia e higiene e as normas de boa educação. Dividiu as disciplinas *necessárias relativas*, em *úteis* e de *adorno*. Das *úteis* fez constar a geografia, a história pátria, a geometria, o desenho, a ginástica, e trabalhos manuais. Nas disciplinas de *adorno* incluiu as ciências físicas e naturais, a álgebra, contabilidade, astronomia, história universal, literatura, belas artes, música, línguas, pintura, labores, bordados artísticos, com aplicações diversas.²⁴¹

No mesmo plano de curso indicou os níveis etários das alunas a quem se destinava. Distinguiu dois grupos. O primeiro dizia respeito ao ensino das meninas que iniciavam os estudos desde crianças e continuavam no ensino elementar, superior. O segundo grupo incluía as alunas que deviam preparar-se para ser mestras. Deste grupo faziam parte: as alunas internas, semi-internas, alunas com necessidades especiais de acompanhamento, alunas das escolas dominicais, trabalhadoras, de ensino nocturno e catequistas.²⁴²

As alunas podiam frequentar os colégios teresianos durante dez meses desde 15 de setembro até ao dia 15 de julho, a partir dos seis anos, em regime de internato, semi-internato e externato. As alunas semi-internas permaneciam no colégio desde as oito horas da manhã até às sete horas da tarde no inverno e até às oito, no verão. As alunas externas seguiam o regulamento das horas de aula, comum a todas as educandas.²⁴³

Sto. Henrique de Ossó dedicou-se com preferência à organização pedagógica da infância, o que concluímos a partir do *Plano provisório de estudos na Companhia de Santa Teresa de Jesus*, que escreveu no sexto aniversário da fundação da sua congregação, ou seja no ano de 1882, em cuja dedicatória recomendou às professoras da Companhia, a educação das crianças através do ensino, funcionando este, como a isca ou o meio privilegiado para infundir nos seus tenros corações os valores teresianos. "Não vos esqueçais que (...) é vosso dever muito importante infundir [segundo o modelo de Santa Teresa de Jesus] o seu espírito de nobreza, dignidade, magnanimidade e fortaleza aos tenros corações (...) valendo-vos do incentivo do ensino para comunicá-lo melhor."²⁴⁴. Se a educação foi vista desde o início pelo nosso pedagogo como o dever principal das teresianas, não foi também de menor importância o ensino no qual viu o meio privilegiado para formar as inteligências e os corações das crianças.

3.2. Conteúdos programáticos

Os programas foram traçados a partir do princípio pedagógico da Escola de Santa Teresa que seguiu como "...divisa (...) aquela expressão...: «mais vale pouco e bem sabido,

²³⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *La Escuela de Santa Teresa de Jesús*, em EEO, Vol. II, p.393.

²⁴⁰ *Ibid.*, pp, 393,394

²⁴¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...* pp.752-753.

²⁴² *Ibid.*, p.752.

²⁴³ Veja-se o regulamento que o nosso autor escreveu no mês de Agosto de 1181 na Revista *Sta. Teresa de Jesus* a propósito da abertura de três colégios teresianos em Espanha.(Cfr. Revista *Sta. Teresa de Jesus*, Año IX. - Núm. 107, Agosto 1881, pp.304-308).

²⁴⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañia* , em EEO, Vol. II, p. 233.

que muito e mal aprendido”²⁴⁵. Explicando esse princípio às crianças, Sto. Henrique de Ossó usou como comparação a boa alimentação cuja importância não está tanto na quantidade, como está sobretudo, em digerir bem os alimentos. Os conteúdos de cada área disciplinar apresentados nos livros da «Escola de Santa Teresa de Jesus» deviam proporcionar uma instrução útil, proveitosa e amena, adaptada à idade das crianças: “...coisas, todas muito boas e proveitosas, em lições amenas e em livritos pequenos...”²⁴⁶ Tendo como principais critérios a utilidade, o interesse e a compreensão segundo a idade das crianças, Sto. Henrique de Ossó indicou em *Plano de estudos da Companhia*²⁴⁷ os estudos que considerou como sendo mais importantes: o catecismo, a religião e moral, a pedagogia, a gramática e a aritmética, a leitura e a escrita. Outras disciplinas às quais deu também importância, foram as regras de boa educação ou «Civilidade», a música, os labores e costura, porque o fundador, queria que a aluna desde muito nova fosse educada e instruída para o melhor desempenho das suas futuras responsabilidades de dona de casa.

"[Que] saibam, como dissemos num princípio, ser mais tarde, verdadeiras donas de casa, remendendo, costurando, cortando e confeccionando toda a espécie de roupa, assim como que adquiram agilidade e facilidade na expressão de toda a espécie de escritos, em harmonia com a condição da mulher, para cujo resultado todas as semanas as Professoras indicarão e exigirão das colegiais trabalhos proporcionais à sua idade e inteligência."²⁴⁸

Quanto aos conteúdos, o nosso pedagogo comparou os *rudimentos*, aos alicerces do edifício da formação das crianças e iniciou pela religião e Moral, indicando o ensino da bondade de Jesus Menino e de Jesus adolescente. Propôs a seguir o conhecimento próprio e os deveres da boa educação. Deu importância ao ensino das contas, da história e geografia. Quanto à leitura e escrita indicou que se ensinassem as regras para falar e escrever bem a língua materna. "Também todas devem falar o espanhol ou castelhano para melhor aperfeiçoar-se em todos os ramos da parte literária e saber apresentar-se no mundo a toda a classe de pessoas com a cortesia e modesta facilidade próprias de uma jovem solidamente educada e instruída na escola da fidalga espanhola, Santa Teresa de Jesus..."²⁴⁹

As alunas passavam dos *rudimentos* ao *compêndio* e *curso superior*, segundo os progressos que mostravam nas disciplinas e nos trabalhos avaliados pelas professoras. "Não se adiantarão nas disciplinas nem trabalhos que não estejam bem seguras nos fundamentos e princípios de todos os ramos de ensino, segundo o critério das Professoras. Mais vale pouco, mas bem sabido, que muito e mal compreendido."²⁵⁰

3.3. Livros de texto

Desde o início da Companhia que o nosso pedagogo pensou escrever livros de texto dedicados às crianças das escolas teresianas como uma forma de apoiar na acção educativa as primeiras teresianas que foram professoras do ensino primário. O seu plano era começar com os *Rudimentos* para o primeiro grau, ou o ensino primário, e acompanhá-los no 2º grau, escrevendo *Complementos* e ainda no 3º grau, com o *Curso Superior*, conforme podemos concluir destas suas palavras: "...e pedimos ao Céu que nos dê tempo e graça para levar a cabo o nosso plano (...). Com este fim queremos oferecer-vos em diversos pequeninos tomos, divididos, em Rudimentos, Compêndio, e Curso Superior, tudo quanto

²⁴⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *La escuela de Santa Teresa de Jesús*, em EEO, Vol. II, p. 394.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 392.

²⁴⁷ *Ibid.*

²⁴⁸ Cfr. Revista *Sta. Teresa de Jesus*, Año IX. - Núm. 107, Agosto 1881, p.307.

²⁴⁹ *Ibid.*

²⁵⁰ *Ibid.*, p.308.

convém saber às vossas inteligências, de todas as ciências ou disciplinas que se vos indicarem.(...) os *Rudimentos* de cada ciência corresponderão ao princípio, ou ao despertar, ou à infância da vossa inteligência, o *Compêndio* ao meio, ou ao vosso desenvolvimento, e o *Curso Superior* ao fim ou idade perfeita.”²⁵¹.

Porém como a morte o surpreendeu em plena actividade, não pode cumprir o plano traçado. Não obstante, escreveu os seguintes livros para o primeiro grau de ensino: *Rudimentos de Religião e Moral*, *Rudimentos de História Sagrada*, *Rudimentos de História de Espanha*, *Páginas do céu*, *Regras fundamentais de Civilidade*.²⁵²

Na introdução do primeiro livro *Rudimentos de Religião e Moral*, apresentou o sumário da matéria deste livro e de outros da Escola de Santa Teresa de Jesus, que quis apresentar em formato pequeno e divididos por tomos segundo a divisão de *rudimentos*, *compêndio* e *curso superior* nos quais se propôs tratar diversos temas, desde falar de Deus, de Jesus menino e Jesus adolescente até aos deveres pessoais, às regras para falar bem, escrever, contar, e conhecer a história e a geografia. "Iremos falar-vos em primeiro lugar do melhor, que é Deus Nosso Senhor, da bondade do Divino Menino Jesus, e do adolescente Jesus(...).Falaremos também de vós mesmos, e vos diremos algo ou muito dos vossos deveres. Ensinar-vos-emos regras para falar e escrever bem a vossa formosa língua, a contar, a passear por todo o globo”²⁵³.

Em *Rudimentos de Historia de Espanha*, no prólogo explicou às crianças que neste livro dava-lhes conhecer a história da sua Pátria - Espanha - e apresentava-lhes, ainda, uns rudimentos de História da Igreja e da História Universal, para satisfazer a sua curiosidade natural.²⁵⁴

O livro *Páginas do céu*, tinha como principal finalidade segundo o seu autor, oferecer às crianças um conjunto de textos escolhidos das Obras de Santa Teresa de Jesus. A leitura desses textos escolhidos deveriam formar o espírito das crianças, de acordo com o lema «*Anima bella in corpore sano*»²⁵⁵.

O outro livro escrito por Sto. Henrique de Ossó para a Escola de Santa Teresa de Jesus foi *Civilidade*. Na opinião do nosso pedagogo, apresenta regras fundamentais que a sociedade distinta, culta e discreta, praticava. No prólogo explicou a designação do conteúdo do livro sobre as regras fundamentais ou a alma da cortesia, como também lhe chamou, para distinguir da volubilidade dos costumes ou modas. Juntou-lhe alguns pensamentos escolhidos em forma de aforismos, como forma de complemento.²⁵⁶

3.4. Métodos de ensino

Sobre o método em geral, Sto. Henrique de Ossó escreveu em *Apontamentos para um livro de pedagogia*²⁵⁷ que na instrução, a professora conduzisse a criança a aprender clara, ordenada e gradualmente para ficar a saber bem e a saber aplicar bem os conhecimentos. Sobre a forma didáctica geral que apresentou como podendo ser expositiva, dialogada ou mista, indicou como sendo importante seguir as leis da psicologia, da lógica e do método, e partir da síntese inicial, para a análise através do diálogo socrático e terminar com a síntese compreensiva.

O método mais adequado às crianças, segundo Sto. Henrique é o que segue o caminho mais curto, mais vantajoso, mais claro e organizado, através de exemplos,

²⁵¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *La Escuela de Santa Teresa de Jesús*, em EEO, Vol. II, p.393.

²⁵² *Ibid.*, pp.391-400.

²⁵³ *Ibid.*, p. 391.

²⁵⁴ *Ibid.*, pp.395-396.

²⁵⁵ *Ibid.*, p.397.

²⁵⁶ *Ibid.*, p.400.

²⁵⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...* pp.772.

histórias, comparações extraídas da vida das crianças. "No seu ensino, utilize sempre o caminho mais curto, o mais vantajoso, claro e metódico..."²⁵⁸.

Quanto a métodos particulares, aplicados aos diversos ramos do ensino primário, o nosso autor pediu que se começasse com um plano geral das matérias a ensinar, distinguindo as matérias de instrução instrumental: leitura, escrita, língua materna, a composição, a aritmética e o desenho linear - das matérias de instrução real: a religião, os deveres e direitos do cidadão, a história, geografia e ciências naturais.

Apontou alguns métodos para algumas disciplinas concretas. Na leitura, o método silábico, começando pelas vogais e sílabas simples: "...o melhor método é o silábico, porque segue melhor o desenvolvimento da actividade humana, começando pelas vogais e sílabas simples, compostas, palavras, proposições, etc."²⁵⁹. Na escrita, pediu que a caligrafia fosse clara, regular e se ensinasse a partir do fácil para o difícil. Sobre a língua materna, aconselhou a ensiná-la oralmente como as mães, com pouquíssimas regras de gramática e exercícios contínuos, falando "...correctamente, com propriedade, com garbo."²⁶⁰. A composição deveria ser escolhida de forma adequada e muita concreta nas expressões dos pensamentos e dos sentimentos. A aritmética ensinada de forma gradual, aplicando rigorosamente de forma útil, assim como o desenho linear, servir de ajuda à escrita e à arte.²⁶¹ Na disciplina da religião, o método deveria ser orientado para a prática dos valores cristãos, familiares e civis, assim como a história devia ser ensinada a partir da escolha criteriosa dos factos, disposição ordenada dos mesmos e sempre com um fim educativo. Para ensinar a geografia e as ciências naturais aconselhou que se usassem oportunamente os livros de texto.²⁶²

As professoras seguindo o exemplo maternal deviam fazer das aulas, conversas familiares ou maternais com as crianças, visando sempre aspectos concretos e práticos e tornando ao mesmo tempo a instrução proveitosa e amena. "Que não sejam lições, mas sim conversas familiares ou maternais."²⁶³. Este método maternal e racional pretendia ajudar a criança a ser observadora, aprender a pensar e a saber tirar conclusões boas e práticas para a vida. " Não repetidores, mas sim observadores, pensadores,..); a seguir à resposta do discípulo surja o porquê da professora, porque com isto faz-se a ginástica intelectual muito útil, com surpreendentes resultados(..). A criança tire sempre de todas as lições e conversas um ensino prático para a sua felicidade temporal e eterna."²⁶⁴.

Sto. Henrique de Ossó, referiu-se ao *bom exemplo* como sendo um método paralelo muito eficaz, que implica a identidade da professora teresiana, porque "Move mais o exemplo do que a palavra(..).Os grandes homens criam-se melhor na escola do bom exemplo, do que na da instrução. As crianças vivem da imitação, e não sabem fazer mais nada do que copiar o que vêem."²⁶⁵.

3.5. Os internatos (colégios de “ninãs o senhoritas”)

Os colégios de “niñas o señoritas” eram internatos que recebiam meninas com idades compreendidas entre os sete e os quinze anos e que possuíam, ao mesmo tempo, “...escola ou ensino de crianças, elementar e Superior. Pelo menos deve haver sempre escola de crianças e elementar...”²⁶⁶.

O nosso pedagogo escreveu e dedicou às colegiais destes internatos o livro *O meu regulamento*, no qual lhes propôs como objectivo principal do internato a formação da

²⁵⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de estudios de la Compañía*, em EEO, Vol. II, p.255.

²⁵⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes...* p.773.

²⁶⁰ Ibid..

²⁶¹ Ibid..

²⁶² Ibid., pp.773-774.

²⁶³ Ibid..

²⁶⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía...* p.751.

²⁶⁵ Ibid., pp. 776-777.

²⁶⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Contituciones de la Compañía (2ª parte)*, em EEO, Vol. II. p.333.

inteligência, do coração e a aquisição de hábitos necessários ao bom governo e administração de uma casa:

“Objectivo do pensionato: 1º Formar a inteligência, instruindo; 2º Formar o coração, educando; 3º Formar hábitos de ordem, asseio, economia, ou numa palavra, formar mulheres fortes segundo o tipo da Santa Madre. (...) formar boas filhas que duma maneira geral, serão esposas e mães...”²⁶⁷.

Quanto ao horário ou distribuição do tempo para atingir os objectivos traçados, Henrique de Ossó dividiu o dia em três partes: “...8 horas de trabalho: escola, estudo, labores. 8 horas de descanso no verão e 9 no inverno. 8 horas de recreio e exercícios corporais, comer(...)e [actividades] religiosas e 7 no inverno...”²⁶⁸.

As oito horas dedicadas à escola, ao estudo e ao trabalho eram, naturalmente, adequadas aos programas de cada um dos três graus de ensino que as alunas, de acordo com a sua idade, frequentavam.

4. Corpo docente

O corpo docente nos Colégios da Companhia de Santa Teresa era constituído pelas irmãs professoras, cuja formação académica e pedagógica deveria ser muito esmerada, cumprindo a vontade do Fundador –“Chama-se Professoras àquelas que formam o corpo docente da Companhia de Santa Teresa de Jesus e se dedicam ao estudo e ensino da parte literária ou de labores ou no caso que pela sua idade ou outras circunstâncias não possam ensinar ou estudar, se dedicam ao ramo geral de administração da casa ou colégios.”²⁶⁹.

Como habilitação para o ensino, deviam possuir não só o diploma oficial das Escolas do Estado, mas ainda os diplomas atribuídos pela Companhia:

“...As Filhas da Seráfica Doutora Santa Teresa de Jesus, que mereceu ser chamada Mestra dos sábios, apresentem-se no mundo, no meio da actual sociedade, com muitos conhecimentos sólidos e úteis; e por conseguinte os estudos das Irmãs da Companhia compreenderão ou abrangerão os programas oficiais de educadoras de infância, elementares e superiores, e ainda com maior extensão.”²⁷⁰.

Henrique de Ossó, com efeito, não se contentou só com os diplomas oficiais; criou, ainda, na sua Congregação, os títulos e diplomas de Professora da Companhia e de Professora Superior da Companhia.²⁷¹

Denominavam-se Educandas²⁷² as jovens que, já pertencendo à Companhia, se dedicavam ao estudo e formação segundo os seus programas e métodos. Nos três primeiros anos de estudo, respectivamente denominados “Ano piedoso”, “Ano laborioso” e “Ano de ampliação”, as Educandas deveriam, receber educação moral, religiosa e científica. Dessa formação constavam, como o Fundador tinha prescrito, as seguintes disciplinas: “Catecismo, Religião e Moral, Pedagogia, Gramática e Aritmética, leitura e escrita (...) [e] outras disciplinas de ampliação ou adorno...”²⁷³.

²⁶⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Mi reglamento*,... p.493.

²⁶⁸ *Ibid.*, p.483.

²⁶⁹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Contituciones de la Compañia (Complemento)*, em EEO, Vol. II. pp. 327-328.

²⁷⁰ *Ibid.*, p. 331.

²⁷¹ *Ibid.*.

²⁷² Cfr. Ossó, Enrique de, *Organización y Gobierno de la Compañia*, em EEO, Vol. II, p.149.

²⁷³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Plan de Estudios de la Compañia*, em EEO, Vol. II, p.237.

Estas disciplinas de “ampliação e adorno” constituíam a secção de labores, com matérias de desenho, música e ensino de serviços domésticos - “Lições de arte de cozinha, lavagem, amassar o pão, fazer o sabão e coser à máquina, etc.”²⁷⁴. A outra secção, que incluía as restantes disciplinas, foi denominada por secção ou parte literária.

Para obterem o título de Professora da Companhia, as Irmãs, deveriam, depois de terem recebido o diploma oficial, ensinar durante três anos, submetendo-se no fim, a exames realizados pela Companhia. O título de Professora Superior da Companhia era atribuído às Irmãs que, depois de obterem o título de Professoras da Companhia, exercessem o apostolado do ensino “cum laude”²⁷⁵ nalgum colégio e, depois, se submetessem e fossem aprovadas em exame realizado para o efeito pela Companhia. Algumas das responsabilidades máximas dentro da Congregação, como a de Prefeita Geral de Estudos, só podia ser atribuída a uma Irmã que tivesse o título de Professora Superior da Companhia.²⁷⁶ Às directoras dos colégios bastava-lhes possuírem o título de Professora da Companhia.

5. Órgãos de direcção, inspecção e serviços administrativos

Os principais órgãos de gestão dos colégios, para Henrique de Ossó, seriam a Directora e a Vice - Directora, cargos estes que deveriam ser ocupados por duas Irmãs com o seguinte perfil: “Em cada Colégio e Residência da Companhia haverá para seu governo uma Directora e Vice-Directora, que terão, por regra geral, mais de trinta anos. A Directora deve ser Professora e Professa, ou Provada pelo menos, prudente, observante, afável, irrepreensível, como a Superiora Geral, já que a representa no Colégio ou Residência, ou faz as suas vezes.”²⁷⁷.

Com responsabilidades superiores à Directora do Colégio e com funções de inspecção e avaliação, Henrique de Ossó criou ainda o cargo de Prefeita de Estudos, a qual deveria ter “...sob a sua inspecção e direcção tudo o que se relacionar com os estudos da Companhia...”²⁷⁸ e o de Visitadora Geral, cujo dever era em relação a cada Colégio “...ajudar à Geral no que esta não possa fazer no que toca à ordem da casa e vigilância sobre o cumprimento das Constituições e cargos na Companhia de Santa Teresa de Jesus”²⁷⁹.

Ainda a respeito da administração dos colégios, o nosso autor em *Apontamentos...* deu importância aos registos das inscrições das crianças ao arquivo dos programas, ao conhecimento das leis civis e regulamentos das professoras, assim como ao cuidado com o material escolar, como se conclui do que pediu à educadora teresiana: “Seja exacta no registo das crianças, na correspondência com a autoridade, na compilação dos programas, na relação escolástica final, na distribuição de objectos às alunas, no cuidado do material, no conhecimento das leis civis e regulamentos e deveres de toda a professora.”²⁸⁰. Donde se deduz que Henrique de Ossó quis as professoras teresianas fossem exímias no conhecimento de todas as leis que implicassem com os seus deveres no ensino e na educação.

²⁷⁴ Ibid., pp. 240-242.

²⁷⁵ Ibid., pp.331-332.

²⁷⁶ Ibid..

²⁷⁷ Cfr. Ossó, Enrique de, *Contituciones de la Compañia (Complemento)*, em EEO, Vol. II. p.354.

²⁷⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Organización y Gobierno de la Compañia*, em EEO, Vol. II, p. 154.

²⁷⁹ Ibid., p.174, 175.

²⁸⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía, ...*p.774.

CAPÍTULO TERCEIRO

CONCEPÇÕES FUNDAMENTADORAS

I. Concepções filosófico-educacionais

1. Infância

1.1. Fase fundamental da vida humana

Sto. Henrique de Ossó enalteceu de forma clara e explícita nos seus escritos o valor da infância como sendo uma fase da vida de suma importância para a formação do futuro jovem e adulto. Apresentou esta fase da vida às educadoras como sendo a dos alicerces ou fundamentos da vida adulta:

“A vida é o desenvolvimento ou a prática do que aprendemos na infância.”²⁸¹.

Assim, o adulto, homem e mulher, reflecte na sua vida o que foi a sua infância. Por isso, o nosso pedagogo privilegiou a educação da criança de acordo com o seu papel futuro na sociedade, tendo diferenciado entre educação de um menino e de uma menina: “Educar um menino é só educar um homem; mas educar uma menina é educar uma família.”²⁸². Esta ideia sobre a educação da menina fundamentou o seu interesse especial pela educação feminina.

Privilegiou tanto a infância que, do conhecimento progressivo que foi tendo do mundo dos adultos, extraiu a conclusão de que as crianças são as únicas pessoas nas quais se pode encontrar verdadeiramente a bondade: “... à medida que vou conhecendo o mundo, vou-me convencendo mais de que estas almas inocentes são as únicas pessoas de bem que há cá...”²⁸³.

A bondade e a ternura da infância marcaram profundamente a pedagogia de Sto. Henrique de Ossó e nela fizeram despertar a necessidade, por parte dos educadores, de um respeito muito grande, ou, melhor ainda, uma veneração que o autor consagrou repetindo a máxima pedagógica da Antiguidade Romana:

“Deve-se a máxima reverência ou respeito à criança.”²⁸⁴.

Para percebermos melhor este respeito pela infância, entremos um pouco mais no mundo das suas ideias sobre a criança, aquele ser que concretamente vive a infância.

1.2. A criança como ser educável

A criança, segundo o pensamento de Sto. Henrique de Ossó, é um adulto em potência, com capacidades inatas que se devem desenvolver e que se manifestarão de uma forma perfeita no estado de adulto. Foi assim que definiu a criança em *Apontamentos para um livro de Pedagogia*:

“A criança é homem *in potentia* e deve-se ajudar a tornar homem *in actu*.”²⁸⁵.

²⁸¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de Pedagogía*, em EEO, Vol.II, p.744.

²⁸² Ibid., p. 769

²⁸³ Revista, *Sta. Teresa de Jesus*, Año IX, - Núm.98, Noviembre de 1880, p.37.

²⁸⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de Pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.755.

²⁸⁵ Ibid., p. 745. *Párvulo, niño, pequenuelo*, foram outros termos frequentemente empregues pelo nosso autor para exprimir a única e mesma ideia de criança.

Na criança, que é dócil e fácil de modelar, "...como a cera ou barro nas mãos de um artífice",²⁸⁶ devem-se ver os "...representantes das gerações vindouras,..."²⁸⁷.

Entendia Sto. Henrique que, tal como biologicamente nasce com um corpo débil e necessitado dos cuidados de outros, também a nível espiritual a criança requer a formação dos sentimentos e dos pensamentos pela educação. Recorreu assim à teoria da tábua rasa e aplicou-a à caracterização do espírito da criança e da sua educabilidade :

" Pela natureza do homem, que nasce no corpo débil e necessitado do cuidado de outro, e na *alma* como tábua rasa na qual não há nada escrito e necessita de cuidado e arte na sua orientação."²⁸⁸.

Mas esta concepção da criança, quis Sto. Henrique perspectivá-la também moralmente, quer no tocante à predisposição inicial do espírito infantil como uma tábua rasa, quer no tocante à possibilidade da sua educação. Assim, pois, postulou a existência, na criança (como nos adultos), de inclinações para o bem e para o mal: "...há em nós e na criança, como dois homens, duas leis como sentia S. Paulo; uma que nos inclina para o bem, outra para o mal."²⁸⁹. Complementarmente, concebeu "...a criança como ser perfectível,"²⁹⁰, entendendo esta perfectibilidade da criança, o caminho educativo tendente a "...melhorar a bondade de costumes, infundir bons hábitos, dirigir as crianças em ordem a conseguirem a verdadeira e completa felicidade."²⁹¹.

Passemos, então, a apontar a concepção básica de educação, concebida como educação cristã, do nosso autor.

2. Educação cristã

2.1. Princípios básicos e dignidade dos educadores

Inspirado em Balmes, a quem apelidou de "...grande génio do século actual..."²⁹² comparou a educação a uma maravilhosa construção, baseada nos princípios gerais da razão e da moral e em dois princípios específicos: ser essencialmente religiosa e completar a instrução.

Uniu a educação e a religião porque reconheceu que ambas apresentavam a mesma finalidade, ou seja, pretendiam alcançar a perfeição de todo o ser humano. "A educação e a religião não têm outro fim senão aperfeiçoar o homem, todo o homem. Assim como a verdadeira Religião se dirige ao espírito, ao coração e aos sentidos, a verdadeira educação é aquela que cultiva ao mesmo tempo o homem moral, intelectual e físico."²⁹³. Referindo-se, concretamente, à educação cristã, formulou assim o seu conceito: "educar, quer dizer levantar, restaurar, aperfeiçoar..."²⁹⁴, e "cultivar e exercitar de um modo conveniente as capacidades do homem."²⁹⁵.

Como vemos, estas duas ideias fundem-se no mesmo princípio de aperfeiçoar o ser humano que nasce com boas e más inclinações, mas que é um ser perfectível. Por isso, atribuiu aos pais, pedagogos e todos os responsáveis da educação, os significativos papéis

²⁸⁶ Ibid..

²⁸⁷ Ibid., p. 744.

²⁸⁸ Ibid., p.774.

²⁸⁹ Ibid., p.775.

²⁹⁰ Ibid., p.749.

²⁹¹ Ibid., p.744.

²⁹² Ibid., p.184.

²⁹³ Ibid., p.185.

²⁹⁴ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº 106, Julio de 1881, p.275.

²⁹⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.749.

de " patronos, protectores e guias."²⁹⁶, de senhores do futuro do mundo pela sua condição própria de educadores:

"[Cada] dia me vou convencendo mais que quem for dono da educação será senhor do mundo, que é a única coisa, ou a mais importante que deve chamar a atenção de todos, em especial dos pais de família e dos governantes."²⁹⁷.

2. 2. Educação e catequese da infância

A catequese foi entendida por Sto. Henrique de Ossó como uma forma de educação, assente na razão e na fé, que ajuda a formar o coração e a inteligência da criança através do conhecimento e da prática das principais verdades e ensinamentos da religião cristã. Viu ainda na catequese uma forma de combater a ignorância e os erros daqueles que vivem sem fé:

"Hoje, é mais necessário do que nunca, educar sobre a sólida base da Religião, porque há actualmente maior número de pessoas que não estudam, nem conhecem, nem amam, nem praticam a Religião; que vivem como se não houvesse Deus, nem paraíso, nem inferno, nem eternidade, ou como se não tivessem uma alma que salvar, nem deveres que cumprir; que levam a sua insensatez até ao extremo de impugnar as verdades da Religião e de escarnecer daqueles que a põem em prática. (...). E como poderiam cumpri-la, se nós que devemos guiá-los não fossemos capazes de dar razões da nossa fé para avivar a sua?"²⁹⁸.

Reconhecendo que eram grandes os males causados pela ignorância de quem não estudava e de quem não conhecia o valor da religião, o nosso pedagogo apresentou a catequese como forma de educar a fé das crianças. O fundamento desta sua preferência pela catequese da infância, encontramos-lo no paradigma de Jesus Cristo que se fez pequenino e amou preferencialmente as crianças, tal como o nosso pedagogo o exprimiu - "...é um sinal de predestinação o amor à infância, porque nos torna semelhantes à Aquele que abençoava e abraçava os pequeninos , e se fez pequenino por seu amor..."²⁹⁹.

Seguindo este modelo, ganhou profundidade nele a convicção de que a educação perfeita só pode ser a educação religiosa: "...a ideia que te dou da educação perfeita, que não é outra senão formar a imagem de Jesus no coração da infância."³⁰⁰.

Fundamentou ainda a sua opinião na natureza humana da criança que, em seu entender. Tem necessidades básicas que só a religião pode satisfazer plenamente:"...prossigamos a nossa tarefa de demonstrar a necessidade que a educação da infância seja religiosa, extraída da mesma natureza ou condição da infância (...). Há no coração da infância um instinto inato, uma necessidade de crer, de esperar, de amar, que desperta a necessidade de que seja religiosa a educação."³⁰¹.

A educação religiosa, isto é a catequese, ajuda a formar o coração e a inteligência da criança, ajuda-a a adquirir os dons sobrenaturais da fé, esperança e caridade. Por isso, afirmou que:"...a Religião e só a religião responde perfeitamente a esta necessidade de crer,

²⁹⁶ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº. 106, Julio de 1881, p.275.

²⁹⁷ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº. 103, Abril de 1881, p.183.

²⁹⁸ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº. 106, Julio de 1881, p.276.

²⁹⁹ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº. 98, Noviembre de 1880, p.36.

³⁰⁰ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, - Nº. 105, Junio de 1881, p.244.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 245.

esperar e amar, e satisfaz perfeitamente ao mesmo tempo o espírito e o coração da criança."³⁰² .

2.3. Educação e ensino da infância

Sto. Henrique de Ossó fundamentou os principais objectivos da educação teresiana no regulamento aprovado para os primeiros colégios da Companhia:

"... que reine Cristo Jesus nas inteligências por meio da instrução, e que reine também nos corações por meio da educação."³⁰³ .

Uniu Sto. Henrique, então, a ideia de educação à de catequese, pois via na associação destas duas actividades a forma privilegiada da criança alcançar a felicidade que a perfeição lhe podia dar. O catecismo, que entendia como "instrução de viva voz"³⁰⁴, ou seja, como instrução verbal e familiar, assumia em si mesmo a função de formar a inteligência e o coração da criança. Nesta formação do coração, incluía o nosso autor o ensino da moral cristã que distinguiu da moral positivista, porque: "...sem a garantia da Religião é como um código de leis sem tribunal que as faça observar, nem justiça que dê prémio ou castigo."³⁰⁵ .

II. Outras concepções filosóficas

1. Relação fé/razão

Sto. Henrique de Ossó falando da cultura do seu tempo, reconheceu o predomínio da razão sobre a fé como característica geral: "[Hoje] quer prescindir-se em tudo da fé e quer formar-se uma sociedade livre pensadora..."³⁰⁶ .

Na óptica cristã do nosso pedagogo, a razão era muito importante, porque fundamentava os princípios ou os valores da educação, mas devia estar unida à religião e à fé. Sem tirar valor à razão, colocou-a num plano inferior e ao mesmo tempo defendeu que só com as luzes da fé se obteria uma razão esclarecida e mais forte:

"Sigamos em boa hora as luzes da razão, mas não desprezemos jamais as luzes da fé. Sem esta luz, extravia-se a razão, com ela, fortifica-se, afirma-se, descobre sem trabalho um novo mundo e melhor."³⁰⁷ .

Julgou importante que na educação da infância, se esclarecesse a razão com as luzes da fé. Foi a partir deste conceito que Sto. Henrique de Ossó entendeu a perfeição proposta à criança pela educação e pelo ensino, veiculados na catequese e na escola.

³⁰² Ibid., p.246.

³⁰³ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, -Nº. 107, Agosto de 1881, p.305.

³⁰⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*, em EEO, Vol. I, p.56.

³⁰⁵ Revista *Sta. Teresa* de Jesús, Año IX, -Nº. 107, Agosto de 1881, p.311.

³⁰⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes para un libro de pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.743.

³⁰⁷ Ibid..

O nosso pedagogo, cristão convicto, apoiou-se na revelação e nos dogmas da religião católica, defendeu a riqueza da infalibilidade da doutrina da igreja, da moral e dos testemunhos cristãos, dos auxílios da vida sacramental e de Jesus Cristo como modelo de perfeição, para orientar, fortificar e confirmar a razão. Deste modo viu a igreja também como uma sociedade religiosa que contribuía para a educação perfeita:

“A religião ou sociedade religiosa concorre para a boa educação, pois é o factor mais nobre, mais eficaz, mais seguro, da boa educação, pela doutrina infalível, pela moral irrepreensível, pelos auxílios eficazes, pelas consolações verdadeiras, pelos exemplos mais perfeitos e pelo tipo perfeito: Cristo Jesus.”³⁰⁸.

Especificando mais sobre qual a religião que tinha em mente, o nosso pedagogo foi muito claro ao afirmar que a religião como sociedade religiosa e o respeito social, como expressão perfeita da moral cristã e da boa educação, o nosso pedagogo defendeu que "o Catolicismo é a única escola perfeita do respeito social..."³⁰⁹ de onde concluía que a criança que é educada no catolicismo desenvolvia a capacidade de se educar a si própria, à medida que crescia em idade e evoluía de igual forma na razão e na responsabilidade pelas suas obras,

“...porque só a Religião cristã diz à criança em nome da maior Autoridade que é possível, isto é, Deus, e porque lhe oferece o seu exemplo que tem toda a perfeição divina e humana, isto é Jesus Cristo; porque lhe ensina e cuida da sua razão moral, do livre *arbitrio* e sentimento moral...”³¹⁰.

2. Tomismo

A concepção da relação entre fé e razão do nosso autor tem as suas raízes no pensamento filosófico de S. Tomás de Aquino que defendeu ser mais perfeito instruir os outros a partir do conhecimento obtido pela razão e pela fé do que ficar só na contemplação. Por isso o ensino foi visto por Sto. Henrique de Ossó como a missão mais nobre, a obra de misericórdia mais importante:

" Das obras de misericórdia escolhi a primeira, que é ensinar a quem não sabe... pois, como ensina S. Tomás, é mais perfeita a vida contemplativa que produz a activa, que a vida simplesmente contemplativa. Da mesma maneira que é mais perfeição iluminar os outros do que brilhar sozinho, assim também é mais perfeição ensinar, comunicar as coisas contempladas a outros do que contemplar sozinho.”³¹¹.

Tendo aprendido de S. Tomás de Aquino o conceito de perfeição a partir do trabalho da instrução que ilumina as mentes e os corações, propôs às Teresianas que como lema de vida seguissem o exemplo de Sta. Teresa de Jesus, ou seja que dessem toda a importância à oração como contemplação e considerassem o ensino como o maior apostolado:

"A Companhia escolhe, depois da oração, o apostolado do ensino, por ser aquele que melhor favorece a extensão do reinado do conhecimento e amor de

³⁰⁸ Ibid., p.745.

³⁰⁹ Ibid..

³¹⁰ Ibid., p.764.

³¹¹ Cfr. Ossó, Enrique de, *Artículos sobre la Compañía*, em EEO, Vol. III, p.802.

Jesus Cristo."³¹².

O ensino do catecismo, enquanto atitude educativa que pressupõe a iluminação da razão pela fé, foi o campo que melhor exemplificou as influências desse filósofo no pensamento do nosso pedagogo. Por isso mesmo, no *Guia prático do Catequista*, que dedicou aos jovens catequistas, apresentou-lhes como fundamento na formação religiosa da vontade das crianças, o que S. Tomás disse sobre isso:

"Apenas, como fundamento, o Catequista nunca esqueça, ao querer mover os corações para Deus e empenhá-los no seu serviço, aquela verdade que com tanta mestria prova S. Tomás, ou seja, que *voluntas humana non movetur nisi a Deo*. Ninguém pode mover a vontade humana senão Deus; só Deus guarda as chaves do castelo da nossa vontade racional."³¹³.

Esta vontade racional se não tiver a fé e a religião que a possam mover, não encontrará o caminho do bem ou da perfeição. Na infância, a vontade está mais unida ao coração do que à razão e, na opinião do nosso autor, o pedagogo para conseguir mover a criança à prática do bem, deverá conquistar-lhe o coração pelo amor. Também aqui se fundamentou no Aquinense:

"Todos, diz S. Tomás com admirável concisão e verdade, amam os liberais ou generosos, porque lhes dão um benefício útil, que é o que os homens mais desejam. Desta lei certamente, não se excluem as crianças; antes pelo contrário, como são mais sensíveis, deixam-se normalmente levar mais depressa pela guloseima do benefício útil mais que da apreciação ou atracção do benefício honesto."³¹⁴.

Foi sobretudo no campo da moral que Sto. Henrique de Ossó, buscou nesse mestre a pedagogia do conceito de bem e de virtude, que apontou aos educadores, indicando que na sua acção, procedessem "...de tal forma, como dizia S. Tomás, que os que ignorarem o mal não o aprendam nem suspeitem dele, e os que o conhecerem emendem-se e arrependam-se."³¹⁵. E ainda sobre os vícios e virtudes, referiu: "Em S. Tomás encontrará tratadas todas as questões de vícios e virtudes de um modo que nada deixa que desejar."³¹⁶.

3. Agostinismo

No ensino do catecismo e no método a usar, Sto. Henrique destacou dois mestres: "Bispos tão sábios e piedosos...como foram S. Cirilo, patriarca de Jerusalém, e Santo Agostinho escreveram, o primeiro, as suas famosíssimas *Catequeses*, e o segundo, o admirável *Método* para ensinar a doutrina cristã..."³¹⁷. Sabemos que referindo-se ao método, valorizou particularmente o amor como elemento principal para mover a vontade da criança. Fundamentou este aspecto do seu pensamento em Santo Agostinho que defendeu a inteligibilidade do amor:

"O coração tem as suas razões, que só outros corações que batem unísono

³¹² Ibid., p.803.

³¹³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*, em EEO, Vol. I. p.87.

³¹⁴ Ibid., p. 149

³¹⁵ Ibid., p.107.

³¹⁶ Ibid., p.111.

³¹⁷ Ibid., p.58.

podem compreender, diz Santo Agostinho."³¹⁸.

Foi neste filósofo, que alicerçou a importância do método maternal, bem como a apresentação de Deus à infância através da imagem de pai e de mãe, destacando sempre a importância do amor, concretizado em atitudes que as crianças podem compreender:

"Se um pai, diz Santo Agostinho... encontra a sua alegria em balbuciar meias palavras com o seu filho para ensiná-lo a falar; se uma mãe encontra mais prazer em derramar na boca do seu filho um alimento adequado à sua fraqueza do que em tomá-lo ela mesma; se uma galinha cobre com as suas asas os seus pintainhos recém-nascidos e os chama com um piar entrecortado para debaixo das suas asas para defendê-los da ave de rapina que quiser arrebatá-los, com que prazer não deve o sacerdote tornar-se pequeno, pondo-se ao alcance das crianças e vencer à força de amor as dificuldades inerentes à sua instrução, ele a quem a caridade deve ter dado entranhas de pai, de mãe, as mesmas entranhas de Jesus Cristo, este adorável amigo das crianças...?"³¹⁹.

Através desta imagem, o nosso pedagogo aproximou a infância de Deus que, na pessoa do Seu Filho, Jesus Cristo, apresentou como o grande amigo das crianças.

A sua concepção de Jesus Cristo, a sua Cristologia, chamemos-lhe assim, é também um fundamento – teológico, que não filosófico, mas um fundamento – da sua pedagogia. É mesmo, em nossa opinião, o grande alicerce da sua pedagogia. Terminaremos pois o nosso trabalho apresentando sinteticamente as traves mestras daquilo que nos permitimos designar como a Cristologia de Sto. Henrique de Ossó.

III. Concepção cristológica

1. Jesus Cristo, como imagem de pai e mãe

Quando falamos de Deus, corremos o risco de projectar sobre Ele e sobre a Sua revelação o significado que damos às palavras, na nossa linguagem corrente. No entanto, para exprimir concepções que têm o seu principal fundamento na fé e na revelação, o recurso às imagens pode ajudar-nos a tornar mais perceptível a expressão desses mesmos conceitos.

É assim que vemos os atributos que o nosso pedagogo usou para explicar Deus a partir de Jesus Cristo, Deus Homem, como pai e como mãe. Encontramos esse conceito nos seus escritos, e sabemos pela tradição e pelo testemunho de quem conheceu e conviveu com Sto. Henrique de Ossó, que toda a sua vida e espiritualidade centraram-se na pessoa de Jesus Cristo. Ficou mesmo conhecido como sendo o homem do *tudo por Jesus*. Em S. Paulo, encontrou os fundamentos da sua teologia cristocêntrica, assim como em Santa Teresa alicerçou os seus conceitos da humanidade de um Cristo, com dimensão de pai e de mãe extremamente compassivo e misericordioso:

"Meu Jesus, tens para mim, entranhas ternas e generosas, mais que de pai e mais que de mãe, pois se for possível que haja alguma mãe em quem possa

³¹⁸ Ibid., p.75.

³¹⁹ Ibid., p. 83.

existir esquecimento do seu filho pequenino, e que não tenha coração para compadecer-se de quem nasceu das suas entranhas, em Ti, dizes-me, Senhor, nunca poderá haver este esquecimento, porque tens-me escrito nas tuas mãos, e as tuas mãos estão sempre diante de ti (Isa. XLIX)".³²⁰.

Parece que esta faceta de Jesus que ama entranhavelmente, mais que um pai e uma mãe, deu ao nosso autor a certeza da sua confiança em Deus, levando-o a escrever: "Sei meu Jesus, que Tu me amas, mais que o meu pai e a minha mãe e todos os que me amam e querem bem e mo podem querer".³²¹ O pai que dá a vida pelos filhos e que nunca se cansa deles é também a imagem à qual recorreu e apresentou como fundamento da confiança que tinha em Deus - "...«é necessário reconhecer em Ti um Coração de Pai, que dá a vida pelos seus filhos e não se cansa de sofrer por eles...".³²².

Esses atributos de Jesus Cristo serviram para que Sto. Henrique de Ossó os utilizasse no seu magistério como exemplo de vida dos educadores da infância. Na Catequese, pediu que o educador fosse amigo das crianças, à semelhança de Jesus, manifestando "...entranhas de pai, de mãe, as mesmas entranhas de Jesus Cristo, este adorável amigo das crianças."³²³. Pediu às educadoras de infância que fossem primeiramente mães, verdadeiras mães, aprendendo no amor a Cristo a viver esse amor maternal. "Então, uma educadora de infância para ser boa, perfeita educadora, deve ser primeiramente mãe, verdadeira mãe. Deve revestir-se das entranhas de mãe, que o amor de Cristo mais forte que a morte lhe há-de dar."³²⁴.

2. Jesus Cristo como o Amigo

A identificação do nosso autor com Sta. Teresa de Jesus, para quem a oração era entendida como um trato de amizade com Deus, deu-lhe a fundamentação do atributo de Jesus como o Amigo por excelência, o mais fiel, o melhor.

As duas principais obras que escreveu já no último período da sua vida, dedicou-as ao amor de Cristo com o título de *As sete moradas no Coração de Jesus*, (1894) e *Um mês na Escola do Sagrado Coração de Jesus* (1895). O recurso à imagem do coração como símbolo do amor, é a expressão utilizada por Sto. Henrique de Ossó para falar do amor de Jesus que é o melhor amigo.

Na primeira obra apontada, *As sete moradas no Coração de Jesus*, parafraseando *As moradas ou castelo interior* de Sta. Teresa de Jesus, onde a alma é comparada a um castelo interior, com sete moradas, e a oração à porta do castelo, o nosso autor comparou o amor à porta das moradas para a alma atingir o conhecimento de Jesus; para o conseguir, indicou como exercício prático para cada um dos sete dias da semana, a imitação de uma das sete virtudes ou atributos de Jesus Cristo: - amor, humildade, mansidão, recta intenção, conformidade com a vontade de Deus, sacrifício e obediência.³²⁵

Estes atributos de Jesus, exercitados pela prática diária, deram a Sto. Henrique de Ossó a possibilidade de identificar o cristão como sendo *alter Christus*, outro Cristo³²⁶. Os meios para o conseguir e que ele apontou, em *Um mês na escola do Sagrado Coração de Jesus*, foram o amor e o conhecimento. No prólogo desta obra insistiu sobre a necessidade de amar e imitar tão importante modelo, levando até à exaustão a utilização do nome de Cristo Jesus e da partícula comparativa "como":

³²⁰ Cfr. Ossó, Enrique de, *Un mês en la escuela del Sagrado Corazón de Jesús*, em EEO, Vol. III, p. 519.

³²¹ Ibid. p.586.

³²² Ibid. p.597.

³²³ Cfr. Ossó, Enrique de, *Guía práctica del catequista*, em EEO, Vol. I, p.84.

³²⁴ Cfr. Ossó, Enrique de, *Apuntes de Pedagogía*, em EEO, Vol. II, p.743.

³²⁵ Cfr. Ossó, Enrique de, *Las siete moradas en el Corazón de Jesús*, em EEO, Vol. III, p.426.

³²⁶ Cfr. Ossó, Enrique de, *Un mês en la escuela del Sagrado Corazón de Jesús*, em EEO, Vol. III, p.456.

" Pensar como Cristo Jesus, sentir como Cristo Jesus, amar como Cristo Jesus, agir como Cristo Jesus, conversar como Cristo Jesus, falar como Cristo Jesus, conformar, numa palavra, toda a nossa vida com a de Cristo, revestir-nos de Cristo Jesus, eis aqui o único negócio e ocupação essencial, a primeira de todo o cristão."³²⁷.

Este programa de vida, dirigido a toda a pessoa, orientou a pedagogia do nosso autor na aproximação da infância de Deus, revelado em Jesus Cristo, o melhor amigo das crianças. Deus revela-se de uma maneira especial aos pequenos e aos simples e atrai-os para Ele, porque é o centro das suas vidas: "Vimos todos a Ti.(...) os pequeninos porque és o seu centro, (...) e revelaste-te aos pequeninos..."³²⁸.

As crianças, descobrem mais facilmente a Deus pelo amor do que os adultos pela razão, porque, tal como Sto. Henrique de Ossó afirmou, Deus revela-se particularmente aos pequenos e aos simples.

³²⁷ Ibid..

³²⁸ Cfr. Ossó, Enrique de, *Las siete moradas en el Corazón de Jesús*, em EEO, Vol.III, p.426

CONCLUSÃO

1. Uma prática e um perfil pedagógico

Para conhecermos a importância do nosso autor como pedagogo, num universo amplo da educação infantil, foi fundamental e, para nós muito gratificante, conhecê-lo no seu percurso formativo desde o berço até à sua ordenação sacerdotal e, posteriormente, no seu campo extenso e variado da sua acção educativa.

Para melhor traçar o seu perfil pedagógico, conhecemos algumas das fontes do seu pensamento sobre a educação da infância. Para isso, remontámo-nos à segunda metade do século XIX, e situámo-nos mais concretamente no ano de 1840, ano do nascimento de Henrique de Ossó.

O facto de ter nascido em Vinebre, aldeia da Catalunha (Espanha), e ser o mais novo dos três filhos da família Ossó y Cervelló, deu à infância de Henrique, uma riqueza afectiva e capacidades intelectuais que foi desenvolvendo, no gosto de ser um dos melhores alunos da escola e ao mesmo tempo, podendo receber da mãe, do pai, dos irmãos e dos avós, o carinho e os conselhos que fizeram dele uma criança alegre, comunicativa, dócil e obediente. Com esta riqueza afectiva sobrevieram capacidades intelectuais que foi revelando no empenho em ser um dos melhores alunos da escola.

Foi no ambiente familiar e na relação afectiva, marcada principalmente pela mãe, D. Micaela e pelo avô materno, que o nosso autor aprendeu a piedade e devoção à Virgem de Montserrat, o amor à Catalunha e à Espanha.

Esta faceta da primazia do amor na educação, ficou-lhe impressa desde cedo, porque entre as recordações boas que ao longo da vida foi apontando, notámos, que se serviu frequentemente do exemplo materno para propor a figura da Mãe como modelo da melhor educadora das crianças, e, até mesmo dos jovens e adultos.

Outro aspecto do amor, como factor importante no ensino-aprendizagem, descobriu-o Henrique, na escola do ensino primário, na relação com o seu professor Francisco Freixas, por quem nutriu uma grande estima e vontade mesmo, de o imitar. No nosso entender, foi a amizade que tinha ao professor, que nunca o castigou, - como ele achou bem dizer - e que o ajudou a ser um dos melhores alunos, é que fez despertar nele, a vocação de professor e educador. A mãe sonhava para o filho mais novo a carreira do sacerdócio; o pai e os irmãos desejavam que Henrique fosse comerciante. Só ele, defendia a sua única ideia muito vincada, de ser professor.

Do avô materno, com quem dava muitos passeios e lhe lia muitas histórias, recebeu o gosto pela leitura e também pela escrita. Adquiriu assim na infância, os bons hábitos da leitura, do estudo e do trabalho metódico, os quais lhe granjearam durante todo o seu percurso escolar, o sucesso e a distinção como um dos melhores alunos.

Quando terminou o ensino primário, ainda não tinha doze anos; mas, como um bom catalão e, para cumprir o gosto da família, devia enveredar pelo mundo do comércio. Assim, teve de experimentar desde tenra idade, a ausência dos pais, visto ter sido enviado para Quinto de Ebro (Zaragoza), para a casa de um tio, que se dedicava ao comércio, a fim de se iniciar nessa actividade. Começou nesta altura, a experimentar as influências da companhia dos amigos, nem sempre boas.

Os pais, atentos à evolução operada no filho, resolveram colocá-lo a trabalhar com o irmão mais velho, em Reus; mas, não agradou a Henrique essa proposta, que mostrou, aos treze anos de idade, ser já muito determinado nas suas decisões, preferindo trabalhar sem a companhia do irmão, na casa do maior comerciante de Reus, Pedro Ortal. Dessa mesma altura, ele próprio apontou algumas recordações, um tanto negativas, das companhias com jovens mais velhos, mas que não nos contando ele, mais pormenores sobre as influências dessas amizades, fica-nos a impressão de que Henrique era um adolescente extrovertido, comunicativo e alegre.

Nesta idade, tudo seria risonho para Henrique, não fora a dor da morte da sua mãe, ter-lhe feito experimentar o sofrimento mais profundo, que acabou por mudar completamente o rumo da sua vida. Sentindo o vazio causado pela falta da presença e do amor materno, encetou a sua fuga de casa, dirigindo-se sozinho e a pé, para Montserrat. Aí, na solidão, no encontro com a Virgem de Montserrat, padroeira da Catalunha, tomou a decisão que sentiu como vocação para toda a vida: ser ermitão, sacerdote e educador. Foi, sem dúvida, a solidão sentida e procurada que despertou em Henrique a sua capacidade para a reflexão e para a contemplação. O pensador e pedagogo começou a ganhar fundamentos nesta altura em que se determinou a pedir ao pai para deixar o comércio e enveredar pela formação para o sacerdócio.

Com catorze anos, Henrique começou os estudos da carreira eclesiástica, em Tortosa, frequentando as aulas no seminário como aluno externo, ao mesmo tempo que era hóspede de um sacerdote amigo do pai, que continuava sonhando para o filho outras dignidades. Distinguiu-se entre os colegas pela dedicação ao estudo e pela simpatia que repartia por todos. Dos professores, apontou sempre referências muito positivas e impregnadas de admiração pela sua qualificação profissional e pela cordialidade na relação e no trato com os alunos. Desta experiência, parece-nos ter recebido os princípios fundamentadores para traçar o perfil do educador, segundo o seu paradigma teresiano.

Depois do estudo de Latim e Humanidades iniciou o estudo da Filosofia com dezassete anos, tendo despertado nele, por esta altura, o gosto pelo misticismo que encontrou nos escritos de Santa Teresa de Jesus, fonte do seu teresianismo, com que impregnou a sua vida e obra de pedagogo.

O tempo das férias repartido pela solidão que buscava junto dos Padres Carmelitas e pelas actividades de catequese com as crianças de Vinebre, revelou-nos as sementes da sua vocação de pedagogo, expressa no seu gosto e interesse em estar com as crianças, que ele sabia cativar para lhes ensinar a doutrina cristã.

Aos vinte anos, Henrique era um jovem inteligente e com muito sucesso nos estudos. A família continuava com vontade que ele brilhasse no mundo da ciência, e, por isso, para lhes fazer a vontade, estudou Físico-Químicas durante um ano em Barcelona. No fim, regressou a Tortosa para completar os estudos que o deveriam preparar para o sacerdócio, tal como se tinha determinado aos catorze anos.

Aos vinte e sete anos recebeu a ordenação sacerdotal e quis celebrar a sua primeira missa em Montserrat, pelo significado que teve na sua determinação por esta vocação. Durante onze anos, exerceu a actividade de professor de Física e de Matemática no Seminário Conciliar de Tortosa. Certamente que a experiência adquirida durante o exercício da docência, o ajudou a saber ver no ensino, a melhor forma de apostolado, razão pela qual, fundou em 1876, a Companhia de Santa Teresa de Jesus.

Uniu ao ensino, a catequese e a educação escolar das crianças. Foi a partir das crianças que estendeu a sua acção aos jovens e aos adultos, fundou Associações, escreveu obras variadas e acompanhou como fundador e animador as Religiosas Teresianas e a Escola de Santa Teresa de Jesus.

Um coração de apóstolo e uma alma rica de amor a Deus e ao próximo, foram os elementos fundamentais do perfil de pedagogo e pensador da educação de Henrique de Ossó.. Toda a sua vida, que foi curta, porque morreu com cinquenta e cinco anos, dedicou-a à educação e particularmente à educação infantil porque viu nas crianças a esperança do futuro da Igreja, da família e da sociedade.

1. Um pensamento sobre a educação da infância

A educação da infância para o nosso autor, é a tarefa mais importante e mais nobre, conforme podemos concluir pela sua vida dedicada e entregue à catequese, ao ensino da

infância e à escola, bem como à sua obra escrita, na qual se revela também um pensamento educacional.

Partiu da lei natural para apontar os pais, como sendo os primeiros e principais educadores da criança. Destacou muitas vezes o papel da mãe que propôs como exemplo a todos os educadores. Viu no amor maternal a força que conquistaria o coração da criança, que melhor conheceria a psicologia infantil e lhe poderia comunicar a instrução mais apropriada.

Baseou toda a educação e especificamente a da infância, na religião, e daí, para ele, o modelo de pedagogo por excelência, ser Jesus Cristo. Do conhecimento da vida e obra escrita de Henrique de Ossó, concluímos que viveu intensamente a sua fé e, identificou-se profundamente com Jesus o Mestre Divino, tendo desse modo, conseguido chegar às formas mais profundas de reflexão e da prática pedagógica. Por conseguinte, chegou à conclusão de que a única educação perfeita será aquela que for baseada na religião e na fé, porque abrange a pessoa nas suas dimensões mais profundas.

Como pedagogo, a principal meta que apontou foi a formação do coração e da inteligência da criança à luz da doutrina cristã, aconselhando os educadores a agirem mais com o bom exemplo do que com palavras e seguindo as leis da natureza e da psicologia infantil que manda respeitar o ritmo do crescimento da criança.

Para a formação da vontade e da inteligência das crianças pela educação e pela instrução, o nosso pedagogo pensou um paradigma daquilo a que hoje chamaríamos educação pré-escolar.

Henrique de Ossó conheceu bem a sociedade e a cultura do seu tempo; deu-se conta da secularização do ensino em Espanha e dos avanços do Ensino Livre. Por isso, encontrou na Escola Católica a melhor forma de renovar a sociedade, através do ensino e da educação desde a infância. Constatando todo o empenho e todos os meios que Henrique de Ossó disponibilizou na prossecução da qualificação das educadoras de infância teresianas, na construção dos edifícios, na redacção de livros escolares e planos próprios, bem como na excelência dos recursos e materiais pedagógicos, concluímos que na sua intenção de pedagogo quis que a Escola Católica fosse desde o início a alternativa convincente ao Ensino Laico que alastrava por todo o lado nessa época.

2. O ideário fundamentador

Henrique de Ossó precisamente porque viveu de forma intensa a fé na doutrina da Igreja Católica e o seguimento radical de Jesus Cristo, soube clarificar a razão libertando-a das ideologias e abriu-se à transcendência. Para ele seguindo a Escolástica, a razão devia ser esclarecida e iluminada pela fé. Foi assim, que fundamentou a educação da infância, reconhecendo que nesta fase da vida, a acção dos educadores é ajudar a criança, necessitada de cuidados humanos e espirituais, a construir os alicerces da sua vida adulta. Por conseguinte, os princípios básicos a seguir, seriam transmitir uma educação que fosse religiosa e completasse a instrução. Daí, concluímos que o nosso autor valorizou a catequese e o ensino, como duas formas de conseguir a perfeição cristã para a criança que é um ser educável, formando a partir da razão e da fé o coração e a inteligência da criança.

O nosso pedagogo seguiu a filosofia de S. Tomás de Aquino e de Santo Agostinho. Nestes dois filósofos encontrou a orientação para combater a concepção de humanismo ateu que apresentava a fé como prejudicial e alienante para o desenvolvimento pleno do uso da razão, contrapondo a essas concepções materialistas a concepção da educação e do ensino católico, fundamentados na fé e na razão.

A conclusão sobre o estudo hermenêutico do ideário que fundamentou as referidas ideias sobre a educação em geral, mas mais especificamente sobre a infância, deu-nos

também a concepção filosófica da busca da verdade. Como tal, damos-nos conta que não esgotámos o anseio de pesquisa e fica-nos a vontade de continuar a aprofundar o conhecimento da pedagogia de Santo Henrique de Ossó.

É nas concepções teológicas de Santo Henrique, mormente na sua visão de Cristo, que, em última instância, devemos procurar os mais profundos alicerces da sua pedagogia. Este já é, como se compreende, um trabalho a requerer uma abordagem que, fazendo fronteira com a Filosofia, está para além dela e aponta para a Revelação, investigação essa, que poderá ser levada a cabo no futuro, por estudiosos academicamente habilitados no campo da Teologia Católica.

BIBLIOGRAFIA

1. De Henrique de Ossó

- “Adversus Dominum et adversus Christum ejus (IV)”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1880, nº95, pp.277-280.
- “Adversus Dominum et adversus Christum ejus (V)”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1880, nº96, pp.305-307.
- “Cartas sobre la educación de la mujer, (carta 1ª)” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1880, nº 98, pp.35-37.
- “Cartas sobre la educación de la mujer, (carta 2ª)” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1880, nº 103, pp. 183-187.
- “Cartas sobre la educación de la mujer, (carta 4ª)” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1881, nº 105, pp.244-247.
- “Cartas sobre la educación de la mujer, (carta 5ª)” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1881, nº 106, pp. 275-277.
- “Cartas sobre la educación de la mujer, (carta 6ª)” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1881, nº 107, pp. 309-313.
- “Casa-Colegio general de estudios para las hermanas de la Compañía de Santa Teresa de Jesús”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1888, nº 188, pp.247-250.
- “Colegio general de estudios de las Hermanas de la Compañía de Santa Teresa e Jesús en San Gervasio (Barcelona)”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1889, nº 200, p.224.
- “El mal avanza”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1887, nº180, pp.360-361.
- “El mayor enemigo en casa, La institucion libre de enseñanza”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1879, nº 85, pp.3-6.
- “La institución libre de enseñanza” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1879, nº 85, pp. 4-6.
- “La obra de la mayor gloria de Dios ó sea la Obra de las vocaciones eclesiásticas bajo la protección de san José y santa Teresa de Jesús” em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1877, nº 57, pp.249-251.
- La secularizacion de la enseñanza, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1880, nº 91, pp.169-172.
- “Tres colegios de la compañía de Santa Teresa de Jesús para la educación de señoritas”, em *Revista Santa Teresa de Jesús*, Barcelona, 1881, n. ° 107, pp.304-308.

- Apuntes de las misericordias del Señor*, em Escritos de D.Enrique de Ossó y Cervelló, fundador de la compañía de Santa Teresa de Jesús, Roma, 1977.³²⁹
- Apuntes para un libro de Pedagogía. Pensamientos sobre Pedagogía*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Artículos sobre Educación y Enseñanza*, em Vol. III, Altés S.L., Roma, 1977.
- Artículos sobre la Compañía*, em Vol.III, Altés S.L., Roma, 1977.
- Cartas del Siervo de Dios, Enrique de Ossó*, (org. de Volpe, Gloria), Ediciones STJ, Barcelona, 1996 [513 cartas].
- Catecismo acerca de la Masonería, sacado a la letra de Encíclica «Humanum Genus» de nuestro padre amantísimo León XIII*, em Vol.III, Altés S.L., Roma, 1977.
- Catecismo de los obreros y de los ricos, sacado a la letra de la Encíclica «De opificum conditione» de nuestro amantísimo Padre León XIII*, em Vol.III, Altés S.L., Roma, 1977.
- Constituciones de la Compañía (Complemento)*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Deberes*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Directorio Provisional*, em Vol.II, Altés S.L., Roma, 1977.
- El Cuarto de Hora de Oración, según las enseñanzas de la Seráfica Virgen y Doctora Santa Teresa de Jesús*, Tipografía Católica, Barcelona, 1891.
- Estatutos de la hermandad Josefina con el acto de admisión y otras oraciones propias de la misma*, em Vol. I, Altés S.L., Roma, 1977.
- Exámenes*, em Vol. II, Altés S. L., Roma, 1977.
- Guia práctica del catequista en la enseñanza metódica y constante de la doctrina cristiana*, 2ª ed., Tipografía Teresiana, Barcelona, 1906.
- La Escuela de Santa Teresa de Jesús*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Las siete moradas en el Corazón de Jesús*, em Vol. III, Altés S.L., Roma, 1977.
- Mi Reglamento*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Organización y Gobierno de la Compañía*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.
- Para la Hermandad Teresiana Universal*, em Vol.I, Altés S.L., Roma, 1977.
- Para los Misioneros de Santa Teresa de Jesús*, em Vol. I, Altés S.L., Roma, 1977.
- Plan Provisional de estudios en la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, em Vol. II, Altés S.L., Roma, 1977.

³²⁹ A partir daqui e para as obras de Santo Henrique de Ossó que se encontram compiladas nos Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló..., abreviaremos a referência utilizando a sigla EEO e indicando o volume. A referência completa desta colectânea é a seguinte: *Escritos de D. Enrique de Ossó y Cervelló, fundador de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*. Altés S. L., 3 Vols., Roma, 1977. Um quarto volume, dedicado apenas a *Índices*, veio a público em 1993.

Reglamento para la Archicofradía Teresiana, em Vol.I, Altés S.L., Roma, 1977.

Reglamento y preces del Rebañito del Niño Jesús de Teresa, em Vol. I, Altés S.L., Roma, 1977.

Rudimentos de Historia Sagrada, 2ª ed. Tipografía Teresiana, Barcelona, 1896

Rudimentos de la Historia de España. Tipografía Teresiana, Barcelona, 1891.

Rudimentos de Religión y Moral, 3ª ed. Tipografía Teresiana, Barcelona, 1896.

Tesoro de la Juventud, em Vol. I, Altés S.L., Roma, 1977.

Tesoro de la niñez, em Vol. I, Altés S.L., Roma, 1977.

Tres florecillas a la Virgen de Montserrat, em Vol.III, Altés S.L., Roma, 1977.

Un mês en la escuela del Sagrado Corazón de Jesús, em Vol.III, Altés S.L., Roma, 1977.

Viva Jesús!, em Vol.I, Altés S.L., Roma, 1977.

2. Sobre Henrique de Ossó

AA. VV., *Cien Años de la Compañía de Santa Teresa de Jesús*, Ed. STJ., Barcelona, 1983.

AA.VV., I CONGRESO COMUNIDADES EDUCATIVAS TERESIANAS: *Ponencias - Comunicados - Conclusiones*, Ed. STJ., Barcelona, 1982.

AA.VV., II CONGRESO COMUNIDADES EDUCATIVAS TERESIANAS, Ed. STJ. Barcelona, 1996.

ALTÉS Y ALABART, J.B., *Enrique de Ossó y Cervelló, Apuntes Biográficos*, Tip. Altés, Barcelona, 1926.

ÁLVAREZ, Tomás, “Un inédito de Enrique de Ossó” em AA.VV., *Mano de Oro: Don Enrique de Ossó y Santa Teresa de Jesús*. Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979. Pp.172-224.

Boletim STJ, Roma, 1993, nº150, [número dedicado à canonização de Henrique de Ossó].

GABERNET, Joan, *Un contestatario leal, Enrique de Ossó y Cervelló*, Ed. STJ., Barcelona 1993.

GABERNET, Joan, *Un contestatario leal*. Trad. del catalán por Mª Victoria Molins, STJ e Mercé Basté, STJ. Sociedad de Educación Atenas y Ediciones STJ, Barcelona 1987.

GARCIA LAGARDA, Luís Antonio, *Un evangelizador en el siglo XIX, Enrique de Ossó (Sacerdote-Pedagogo-Santo)*, [Lección Inaugural del Curso Académico 1996-97, en el Centro Regional de Estudios Teológicos de Aragón], Zaragoza, 1996.

- GONZÁLEZ, Marcelo “Enrique de Ossó sacerdote de nuestro tiempo” em AA.VV., *Mano de Oro: Don Enrique de Ossó y Santa Teresa de Jesús*. Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979. Pp.7-82.
- GONZÁLEZ, Marcelo, *Don Enrique de Ossó o la fuerza del sacerdocio*. Ed. Altés S.L. Barcelona, 1953.
- Jesús Maestro*, Barcelona, 1912, nº1, [número inaugural desta Revista, ainda hoje editada, onde se anuncia a intenção editorial de a dedicar à pedagogia teresiana].
- JIMÉNEZ DUQUE, Baldomero, “El escritor”, em *Em Mano de Oro. Enrique de Ossó, sacerdote y teresianista*. Ed. Monte Carmelo, Burgos, 1992, pp.83-84.
- MARTORELL, José, *Yo, Enrique de Ossó*, Ed. STJ, Barcelona, 1993.
- MOLINS, M^a Victoria, “Don Enrique de Ossó y su obra apostólica” em AA.VV., *Mano de Oro: Don Enrique de Ossó y Santa Teresa de Jesús*. Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979. Pp.86-144.
- MOLINS, M^a Victoria, *Sacerdote y Maestro, Enrique de Ossó y Cervelló*, Ed. STJ, Barcelona 1979.
- RODRÍGUEZ, Gloria e CASADO, Sílvia M^a, *Experiencia espiritual de Enrique de Ossó*, Ed. STJ, Barcelona, 1995.
- RUBIO CASTRO, Ángel, *Pensamiento y obra catequética de Enrique de Ossó*. Ed. Tau, Ávila/Toledo, 1992.
- S/A, *Historia de la Compañía de Santa Teresa de Jesús, (1876-1932)*, Ed. STJ., Barcelona, 1996.
- SAGRADA FAMILIA, Fr. Simeón de la, *Itinerário de una Glorificación, la causa de Beatificación y Canonización de Don Enrique de Ossó*, Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979/80.
- VOLPE, Gloria, “D. Enrique de Ossó educador y pedagogo” em AA.VV., *Mano de Oro: Don Enrique de Ossó y Santa Teresa de Jesús*. Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979. Pp.145-171.
- VOLPE, Gloria, “Enrique de Ossó y Gaudí”, em AA.VV., *Mano de Oro: Don Enrique de Ossó y Santa Teresa de Jesús*. Ed. Monte Carmelo, Burgos 1979. Pp.371-378.
- VOLPE, Gloria, *Cartas de San Enrique de Ossó y Cervelló al Dr. Félix Sardá y Salvany*, Ed. STJ., Barcelona, 1977.

2. De referência científica e metodológica

- AA. VV., *Filosofía de la educación hoy*, (Diccionario), Ed. Dykinson, Madrid, 1997.
- AA. VV., *Filosofía de la educación hoy*, (autores, selección de textos) Ed Dykinson, Madrid, 1991.

- AA. VV., *Filosofia de la educación hoy*, (conceptos, autores, temas), Ed. Dykinson, Madrid, 1991.
- BELL, Judith, *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação* (trad.) Ed. Gradiva, Lisboa, 1997.
- CARR, W., *Una teoría para la educación*, Ed. Morata, Madrid, 1996.
- CASULO, José Carlos, *Filosofia da Educação em Teixeira de Pascoaes*, Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, 1997.
- DELEUZE, G., *Qu'est-ce que la philosophie?*, Ed. Minuit, Paris, 1991 [trad. port.: *O que é a filosofia?*, Ed. Presença, Lisboa, 1992].
- DIAS, José R., /ARAÚJO, Alberto Filipe (org. de) *Filosofia da Educação/Temas e Problemas* (Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação) IEP/CEP – Universidade do Minho/Braga, 1998.
- DIAS, José R., *Filosofia da Educação. Pressupostos, funções, método, estatuto*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 1993, XLIX (1-2), 3-28.
- ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em ciências humanas* (trad.) Ed. Presença, Lisboa, 1988.
- FRADA, J.J.L., *Guia prático para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1991.
- FRAGATA, Júlio, *Noções de metodologia. Para a elaboração de um trabalho científico*, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1967.
- FULLAT, Octavi, *Filosofias de la Educación-Paideia*, Ed. CEAC, Barcelona, 1992.
- MARITAIN, Jacques, *Pour une Philosophie de l'éducation*, Ed. Fayard, Paris, 1969
- PATRÍCIO, Manuel F., *Filosofia da educação e inovação educativa*, *Inovação* (revista do Instituto de Inovação Educacional), 1989, II, pp. 105-122.
- PLANCHARD, Emile, *A Pedagogia contemporânea*, 8ªed., Coimbre Editora Lda, Coimbra, 1982.
- VEIGA, Manuel Alte da, *Filosofia da Educação e Aporias da religião, a problemática do ensino religioso*, Instituto Nacional de Investigação científica, Lisboa, 1988.

INDICE

APRESENTAÇÃO	3
INTRODUÇÃO	4
1. O tema	4
2. Objectivos	4
3. Articulação do trabalho.....	5
4. Fontes	5
5. Metodologia a seguir	5
6. Agradecimentos	6
1. Nascimento e influência educacional da mãe e do avô.....	8
2. Henrique, criança dócil e estudiosa	10
3. Aprendiz de comerciante.....	10
4. A morte da mãe e o surgimento da vocação sacerdotal	11
II. FORMAÇÃO PARA O SACERDÓCIO (1854 - 1867)	12
1. Estudo de Latim, Humanidades e Filosofia, em Tortosa	12
2. O despertar da devoção a Santa Teresa de Jesus e do interesse pela catequese infantil	13
3. Estudo de Física e Química, em Barcelona	14
4. Estudo de Teologia	15
4.1. Teologia Dogmática, em Tortosa	15
4. 2. Teologia Moral e exercitação de Oratória, em Barcelona	15
4.3. Bacharelatos em Artes e em Sagrada Teologia, em Barcelona.....	16
5. Da recepção das ordens menores à ordenação sacerdotal	16
III - O PADRE-EDUCADOR MULTIFACETADO (1867 - 1876)	18
1. Professor, catequista e pregador	18
2. Periodista	18
3. Formador religioso	19
3.1. De seminaristas e catequistas	19
3. 2. Dos jovens camponeses	20
3. 3. Das jovens	20
3. 4. De crianças	22
3. 5. De homens.....	23

IV - DA FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS ATÉ À MORTE (1876 - 1896)	23
1. A fundação da Companhia de Santa Teresa de Jesus	23
2. Outra actividade pedagógica neste período	25
3. A morte.....	27
4. EPÍLOGO: BREVE INFORMAÇÃO SOBRE A COMPANHIA DE SANTA TERESA DE JESUS NO SÉC. XX E SOBRE A CANONIZAÇÃO DO SEU FUNDADOR	30
I. OS EDUCADORES DA CRIANÇA	33
1. A família	33
2. Os Catequistas.....	34
2.1. A qualidade essencial do bom catequista	34
2.2. Os principais educadores na fé: sacerdotes, pais e professores	35
2.3. Sacerdotes e seminaristas	35
2.4. As jovens da Arquiconfraria e as religiosas da Companhia	36
3. Mestras de Infância.....	37
II . A CATEQUESE	39
1. Concepção e responsáveis da Catequese.....	39
2. Organização.....	40
3. Conteúdos e métodos	41
4. Organização dos espaços.....	43
5. Uma forma não institucionalizada de catequese infantil: o Rebanhito do Menino Jesus	43
III. ESCOLA DE INFÂNCIA (ESCUELA DE PÁRVULOS)	44
1. Jardim-de-infância e (escuela de párvulos).....	44
2. Distribuição das crianças, por classes	45
3. Actividades e métodos	45
4. Organização dos espaços.....	47
5. Responsáveis hierárquicas da Escola de Infância	48
1. A Escola de Santa Teresa de Jesus como resposta ao ensino laico	49
2. A Casa Madre: modelo de edifício escolar.....	51
3. Organização pedagógica	51
3.1. Plano do curso	51
3.2. Conteúdos programáticos	52
3.3. Livros de texto.....	53
3.4. Métodos de ensino	54
3.5. Os internatos (colégios de “ninãs o senhoritas”)	55

4. Corpo docente.....	56
5. Órgãos de direcção, inspecção e serviços administrativos	57
I. CONCEPÇÕES FILOSÓFICO-EDUCACIONAIS	59
1. Infância.....	59
1.1. Fase fundamental da vida humana	59
1.2. A criança como ser educável	59
2. Educação cristã.....	60
2.1. Princípios básicos e dignidade dos educadores	60
2.2. Educação e catequese da infância	61
2.3. Educação e ensino da infância	62
II. OUTRAS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS.....	62
1. Relação fé/razão	62
2. Tomismo	63
3. Agostinismo.....	64
III. CONCEPÇÃO CRISTOLÓGICA	65
1. Jesus Cristo, como imagem de pai e mãe	65
2. Jesus Cristo como o Amigo.....	66
1. Uma prática e um perfil pedagógico.....	69
1. Um pensamento sobre a educação da infância	70
2. O ideário fundamentador.....	71
1. De Henrique de Ossó.....	74
2. Sobre Henrique de Ossó.....	76
2. De referência científica e metodológica	77

